



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO



PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO
CURSO DE FARMÁCIA
(formação generalista)

MACAPÁ

2014

CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA

NOME DO CURSO: CURSO DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA

MODELO DE FORMAÇÃO: GENERALISTA

NÚMERO DE VAGAS: 50 vagas

TEMPO DE INTEGRALIZAÇÃO: 10 SEMESTRES

CARGA HORÁRIA TOTAL: 5.190 horas aula

TEMPO MÁXIMO PARA INTEGRALIZAÇÃO: 15 SEMESTRES

TÍTULO OBTIDO: FARMACÊUTICO (COM FORMAÇÃO GENERALISTA)

LABORATÓRIOS DO CURSO DE FARMÁCIA

Laboratório de Farmacotécnica e Tecnologia Farmacêutica

Laboratório de Farmacognosia e Fitoquímica

Laboratório de Toxicologia e Química Farmacêutica

Laboratório de Bromatologia e Controle de Qualidade.

Laboratório de Química Geral e Química Analítica

Laboratório de Fármacos, Anatomia, Microbiologia, Parasitologia e Análises Clínicas
(comuns aos cursos da área de Ciências da Saúde).

Salas de aulas teóricas.....04

CORPO DOCENTE

Prof. Dr. Tit. José Carlos Tavares Carvalho

Pós-Doutor em Farmacologia pelo IFP- Berlin- Alemanha
Doutor em Fármacos e Medicamentos pela USP- São Paulo
Farmacêutico pela UFPA

Prof. Dr. Francisco Fábio Oliveira de Sousa

Pós- Doutor em Ciências da Saúde
Doutor em Investigación y Desarrollo de Medicamentos pela Universidade de Santiago de Compostela.
Farmacêutico pela Universidade Federal do Ceará,UFC, Brasil

Prof. Dr. Roberto Messias Bezerra

Doutor em Química Orgânica pela USP/São Carlos
Licenciado em química pela UFMT

Profa. Dra. Sheylla Susan Moreira da Silva de Almeida

Doutora em Química pela Universidade Federal de São Carlos
Farmacêutica pela UFPA

Profa. Dra. Silvia Maria Mathes Faustino

Doutora em Biologia Comparada pela USP/Ribeirão Preto
Bióloga pela USP/Ribeirão Preto

Profa. Dra. Alessandra Azevedo Nascimento de Medeiros

Doutora em Farmacologia pela Universidade Federal da Paraíba
Farmacêutica pela Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Jocivânia Oliveira da Silva

Doutora em Toxicologia pela USP/Ribeirão Preto
Farmacêutica-Bioquímica pela UFPA

Prof. Dra. Deyse de Souza Dantas

Doutora em Bioquímica pela UNICAMP

Farmacêutica-Bioquímica pela UFRN

Prof. Dr. Madson Ralide Fonseca Gomes

Doutor em Farmácia pela UFRGS-RS

Farmacêutico-Bioquímico pela UFPA

Profa. Dra. Lorane Izabel da Silva Hage Melim

Doutora em Toxicologia pela USP/Ribeirão Preto

Farmacêutica pela CESUPA

Prof. Dr. Caio Pinho Fernandes

Doutor em Biotecnologia de Plantas

Farmacêutico pela Universidade Federal Fluminense

Prof. MSc. Aldo Aparecido Proietti Junior

Mestre em Ciências – Área de Concentração Microbiologia pela USP – SP

Farmacêutico-Bioquímico pela Universidade São Francisco – SP

Profa. MSc. Anna Eliza Maciel de Faria Mota Oliveira

Mestre em Ciências da Saúde pela UNIFAP

Farmacêutica-Bioquímica pela UFOP

Profa. MSc. Carolina Miranda de Sousa Lima

Mestre em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários

Farmacêutica pelo CESUPA

Profa. MSc. Clarissa Silva Lima

Mestre em Biodiversidade pela UNIFAP

Farmacêutica pela UFPA

Prof. MSc. Hugo Alexandre Silva Favacho

Mestre em Farmácia pela UFPA

Farmacêutico pelo CESUPA

Profa. MSc. Mayara Tânia Pinheiro

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Maranhão

Farmacêutica pela Universidade Federal do Maranhão

Profa. MSc. Mayara Amoras Teles Fujishima

Mestre em Análises Clínicas pela Universidade Estadual de Maringá, UEM, Brasil.

Farmacêutica pelo CESUPA

Prof. MSc. Rafael Lima Resque

Mestre em Genética e Biologia Molecular pela UFPA

Farmacêutico pelo CESUPA

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	9
2	INTRODUÇÃO.....	10
3	INFORMAÇÕES GERAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ....	12
	3.1 Princípios da UNIFAP.....	12
	3.2 Finalidades.....	12
	3.3 Estrutura Organizacional.....	13
	3.4 Reitoria e Pró-Reitorias.....	14
	3.5 Objetivos e missão da Universidade.....	14
	3.6 Histórico e Inserção Regional da UNIFAP.....	14
	3.7 Organização Didático-Pedagógica.....	15
	3.7.1 Administração Acadêmica.....	15
	3.7.2 Estrutura Organizacional e Instâncias de Decisão da Administração Acadêmica.....	15
	3.7.3 Conselho e Órgão Colegiado Ligados a Administração Acadêmica: Atribuições e Competências.....	17
	3.7.3.1 Conselho Universitário.....	17
	3.7.3.2 Colegiado de Curso.....	17
	3.7.3.3 Coordenação do Curso.....	19
	3.7.3.3.1 Funções da Coordenação de Curso.....	20
	3.7.3.3.2 Atuação do Coordenador de Curso.....	20
	3.7.3.3.3 Participação Efetiva do Coordenador do Curso em Órgãos Colegiados Acadêmicos.....	20
	3.7.3.3.4 Participação Efetiva do Coordenador e dos Docentes em	21

Colegiado de Curso ou Equivalente.....	
3.7.3.3.5 Da Eleição de Coordenador do Curso.....	22
3.7.3.3.6 Apoio Didático Pedagógico ao Docente.....	22
3.8 Organização Acadêmico-Administrativa.....	23
3.9 Organização do Controle-Acadêmico.....	24
3.9.1 Serviços Oferecidos pelo DERCA.....	25
3.9.2 Serviços On-Line.....	25
3.10 Atenção aos Discentes.....	26
3.11 Participação em Eventos.....	26
3.12 Agenda de Eventos de Atividades Realizadas em 2011.....	27
3.13 Apoio Pedagógico ao Discente.....	27
3.13.1 Acompanhamento Psico-Pedagógico.....	28
3.13.2 Acompanhamento de Egressos.....	29
3.13.3 Meios de Divulgação de Trabalhos e Produção Discente.....	30
3.13.4 Atividades de Apoio aos Discentes da UNIFAP.....	30
3.13.4.1 Pró-Estudante Auxílio Moradia.....	31
3.13.4.2 Pró-Estudante Auxílio Alimentação.....	33
3.13.4.3 Pró-Estudante Fotocópia	33
3.13.4.4 Pró-Estudante Transporte	34
3.13.4.5 Pró-Estudante Transporte Urbano	34
3.13.4.6 Pró-Estudante Transporte Interurbano.....	35
3.13.4.7 Pró-Estudante Inclusão Digital.....	35
3.13.4.8 Pró-Estudante Idiomas.....	36
3.14 Corpo Discente.....	37

	3.14.1 Apoio à Promoção de Eventos Internos.....	37
	3.14.2 Apoio à Participação em Eventos.....	38
	3.15 Mecanismo de Nivelamento.....	38
	3.16. Implementação das Políticas no Âmbito do Curso.....	38
	3.16.1 Plano de Carreira.....	38
	3.16.2 Ações de Capacitação.....	39
4	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO	40
	4.1 Dados Gerais do Curso.....	40
	4.2 Características Gerais do Curso.....	40
	4.3 Competência e Habilidades.....	42
	4.4 Mercado de Trabalho e Cursos Existentes no Estado.....	43
	4.5 Perfil do Egresso.....	44
	4.6 Justificativa Social do Curso de Farmácia na UNIFAP.....	44
	4.7 Modelo a ser Adotado para Formação do Farmacêutico pela UNIFAP.....	49
	4.8 Concepção.....	53
	4.9 Missão do Curso.....	55
	4.10 Objetivos do Curso.....	56
	4.10.1 Objetivo Geral.....	56
	4.10.2 Objetivos Específicos.....	57
	4.11 Metodologia de Ensino.....	57
	4.12 Interdisciplinaridade.....	58
	4.13 Descrição do Curso.....	59
	4.13.1 Instalações.....	59

	4.13.2 Instalações Gerais da UNIFAP.....	59
	4.13.3 Espaço Físico da UNIFAP – Campus Sede.....	60
	4.13.4 Infra-Estrutura de Segurança.....	64
	4.13.5 Plano de Expansão – Existente.....	65
	4.13.6 Equipamentos da UNIFAP.....	65
	4.13.7 Rede de Comunicação Científica/Biblioteca.....	65
	4.14 Serviços da UNIFAP.....	65
	4.14.1 Biblioteca Central.....	66
5	INFRA-ESTRUTURA FÍSICA DO CURSO DE FARMÁCIA DA UNIFAP.....	75
	5.1 Equipamentos.....	79
6	NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE.....	83
7	NORMATIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR DO CURSO DE FARMÁCIA DA UNIFAP.....	87
8	NORMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE FARMÁCIA DA UNIFAP.....	106
9	NORMATIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE FARMÁCIA DA UNIFAP.....	115
10	MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE C. FARMACÊUTICAS.....	128
11	EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS DE C. FARMACÊUTICAS.....	132

1 APRESENTAÇÃO

O projeto pedagógico é um conjunto de diretrizes e estratégias que expressam e orientam a prática pedagógica do curso. Trata-se da própria concepção do curso que descreve um conjunto de habilidades e competências a serem desenvolvidas, dos referenciais que norteiam a construção e implementação do curso e a metodologia a ser adotada. Assim, o projeto pedagógico não é a mera organização curricular, mas um posicionamento institucional diante da realidade e do desenvolvimento da área de conhecimento, discutido pela comunidade acadêmica que direciona a prática pedagógica da instituição.

As transformações sociais, econômicas e tecnológicas pelas quais passa a sociedade, conduzem, necessariamente, ao constante repensar da formação acadêmica. O perfil profissional almejado é aquele de acordo com a realidade contemporânea e pressupõe uma capacitação cada vez mais generalista, atualizado, flexível, versátil aberto as novas exigências de um mercado de trabalho globalizado. Busca-se cada vez mais profissionais que atendam a demanda da sociedade, as quais estão em constante evolução. Nesse contexto torna-se imprescindível a reformulação dos cursos de formação profissional.

Assim, o objetivo do projeto pedagógico do curso de Ciências da Universidade Federal do Amapá é possibilitar a reflexão crítica sobre a prática pedagógica com vistas à melhoria da qualidade do ensino superior na área de Farmácia. Além disso, tem como objetivos específicos definir a identidade, a diferenciação e a originalidade do curso, trazendo-lhe novas perspectivas.

O projeto pedagógico exprime, assim, a articulação existente entre a questão da educação superior, o compromisso profissional e as transformações sociais, possibilitando antever as condições de ensino oferecidas. Ele articula e integra todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão do curso, evitando a fragmentação de disciplinas. Integra professores e cria conteúdos mais consistentes. Permite também avançar na questão da interdisciplinaridade, pois os conteúdos disciplinares passam a refletir não a compartimentalização, mas sim o ensino integrado e sistêmico. Por fim, o projeto pedagógico do curso de Farmácia integra-se ao projeto educacional global da Instituição.

2 INTRODUÇÃO

O Brasil atual está em busca constante da retomada do seu crescimento econômico, e esta realidade social é uma meta que precisa ser alcançada com urgência para reduzir as suas desigualdades, principalmente nas áreas da saúde e educação. É notório que um dos mais abrangentes problemas que envolvem esses temas e que atingem direta e indiretamente a população brasileira estão na precariedade do sistema de saúde que inclui desde a carência de informações básicas em saúde para a população ao déficit em assistência por profissionais qualificados, como por exemplo, o da assistência farmacêutica oferecida à população.

Com relação ao atendimento à saúde, através da rede pública, nota-se que este quadro poderá ser aprimorado. Porém, a carência de profissionais interfere nos objetivos do país em alcançar suas metas, inclusive no aprimoramento de seus equipamentos, que pode estar diretamente relacionada com sua evolução.

Isto faz com que a população, afaste-se cada vez mais da recuperação dos problemas relacionados com a sua saúde. Se estes problemas persistirem, acredita-se que o prognóstico da saúde continuará sombrio para as próximas décadas. Para revertê-los será necessária a adoção de uma política de prevenção de doenças e atenção maior a educação que inclui a formação de profissionais qualificados em determinadas áreas de formação acadêmica.

Dentre os Estados do Norte, o Amapá, está estatisticamente carente em algumas áreas profissionais, dentre elas a do profissional farmacêutico. Tal fato é observado, pois, na elaboração dos quadros e organogramas de pessoal e das equipes multiprofissionais do serviço público e privado, ocorre com frequência a procura do profissional farmacêutico e detecção da sua carência nesta área.

Atualmente, é fácil observar como tem crescido os hábitos naturalistas da população mundial, e o Amapá não está fora deste contexto, principalmente porque a população procura cultivar o hábito do uso de recursos naturais, tais como as plantas medicinais, para resolução dos problemas de saúde. Portanto, a criação do Curso de Farmácia, vem ampliar as possibilidades de atuação do Farmacêutico, que vai iniciar a sua vida acadêmica, dedicando-se também ao estudo de plantas medicinais e outros produtos de origem natural. É importante frisar que a área de pesquisa e extensão poderá ser incrementada com a criação de um Núcleo de

Pesquisa e Extensão Científicas, onde professores e acadêmicos realizarão investigações dedicados às diversas áreas do estudo farmacêutico objetivando prestar melhores serviços à população, inclusive no conhecimento científico da fitoterapia aplicada.

A Farmácia Homeopática é outra área da Farmácia que está em franco desenvolvimento e o mercado de trabalho está cada vez mais promissor, fortalecendo a necessidade de profissionais nesta área, inclusive desenvolvendo pesquisas científicas.

A manipulação de medicamentos em Farmácia está revivendo a tradição da profissão farmacêutica, e este serviço revivido nos hospitais fortalece a necessidade de um maior número de profissionais dedicados a este ramo profissional.

3 INFORMAÇÕES GERAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

A **Fundação Universidade Federal do Amapá - UNIFAP** é uma Universidade Pública de direito privado, mantida pela União, criada pela Lei n. 7.530, de 29 de agosto de 1986, e instalada pelo decreto n. 98.977, de 02 de março de 1990, vinculada ao Ministério da Educação, tendo seu foro na cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá.

3.1 Princípios da UNIFAP

A UNIFAP organiza-se e estrutura-se com base nos seguintes princípios:

- I – Unidade de patrimônio e administração.
- II – Indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão, vedada a duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes.
- III – Universalidade de campo, pelo cultivo das áreas do conhecimento humano e das áreas técnico-profissionais.
- IV – Pluralismo de ideias e de concepções.
- V – Racionalidade de organização com utilização plena de recursos humanos e materiais.

3.2 Finalidades

A Universidade Federal do Amapá tem as seguintes finalidades:

- I – Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.
- II – Formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimentos, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade amapaense e brasileira, e colaborar na sua formação contínua.
- III – Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.
- IV – Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação.

V – Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente caracterização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração.

VI – Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os do Estado, da região e da nação, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

VII – Promover a extensão, aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na Universidade.

VIII – Incentivar, promover e estimular o intercâmbio com outras instituições e organizações científicas e técnicas, nacionais e estrangeiras, visando ao desenvolvimento das ciências e das artes, preservando a natureza e interagindo com o ecossistema amazônico.

IX – Colaborar com entidades públicas e privadas através de estudos, projetos, pesquisas e serviços com vistas à solução de problemas regionais e nacionais sem perder de vista os valores étnicos, ecológicos, em consonância com os anseios e tradições dos povos da região.

X – Contribuir para a formação da consciência cívica nacional, com base em princípios da ética e do respeito à dignidade da pessoa humana, considerando o caráter universal do saber.

3.3 Estrutura Organizacional

Compõem a estrutura organizacional da UNIFAP os seguintes órgãos:

I – Órgãos Colegiados Superiores:

- a) Conselho Diretor.
- b) Conselho Universitário.

II – Órgãos Executivos Superiores:

- a) Reitoria.
- b) Pró-Reitorias.

III – Órgãos de Assessoramento.

IV – Órgãos da Administração Geral.

V – Órgãos Executivos de Administração Específica.

3.4 Reitoria e Pró-Reitorias

A Reitoria é um órgão executivo superior que coordena e superintende todas as atividades universitárias. A reitoria é assessorada por sete pró-reitorias: Pró-Reitoria de Administração (PROAD), Pró-Reitoria de Cooperação e Relações Interinstitucionais (PROCRI), Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias (PROEAC), Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN), Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESPG).

3.5 Objetivos e Missão da Universidade

A UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ como instituição de ensino superior tem por objetivos e missões:

- I – Ministrando o ensino, que é indissociável da pesquisa e extensão.
- II – Desenvolver as ciências, as letras e as artes.
- III – Prestar serviços e entidades públicas e privadas e a comunidade em geral.
- IV – Promover o desenvolvimento nacional, regional e local.

3.6 Histórico e Inserção Regional da UNIFAP

A Universidade Federal do Amapá nasceu da necessidade de prover a educação superior, a construção do conhecimento científico por meio da pesquisa e as atividades de extensão aos habitantes do Estado, através da lei de autorização número 7.530 de 29/08/1986. A Universidade conta com cursos na área de Licenciatura e Bacharelado. Ela está situada numa região, em princípio, isolada dos centros mais avançados e presta um serviço inestimável à população do Estado do Amapá. Em várias ocasiões a Universidade, através do corpo de professores, tem contribuído com as autoridades do estado nas soluções de problemas locais com ênfase no aperfeiçoamento do corpo docente das escolas públicas e privadas. No momento, presta auxílio na formação de professores em serviço do estado e contribui com dois campos avançados no objetivo de interiorizar as ações da Universidade.

3.7 Organização Didático-Pedagógica

3.7.1 Administração Acadêmica

A Administração Acadêmica é exercida, na função deliberativa, pelos Colegiados de Cursos e na função executiva, pelas Coordenações de Cursos. As Coordenações são órgãos de execução em matéria de administração acadêmica, subordinadas diretamente a Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD.

A PROGRAD tem por finalidade especificar, programar, supervisionar, coordenar e avaliar as atividades de ensino de graduação. Em suas atribuições, o Pró-reitor de graduação é assessorado pela Coordenação de Ensino de Graduação – COEG.

Cada curso de graduação em funcionamento na Universidade tem como representante um coordenador escolhido pelos membros dos Colegiados de Cursos que compõe a Coordenação. As competências dos Colegiados de Curso e as atribuições dos Coordenadores são estabelecidas no Regimento Geral da UNIFAP.

3.7.2 Estrutura Organizacional e Instâncias de Decisão da Administração Acadêmica

I – Conselho Superior Universitário.

II – Reitoria.

III – Pró-Reitoria de Graduação.

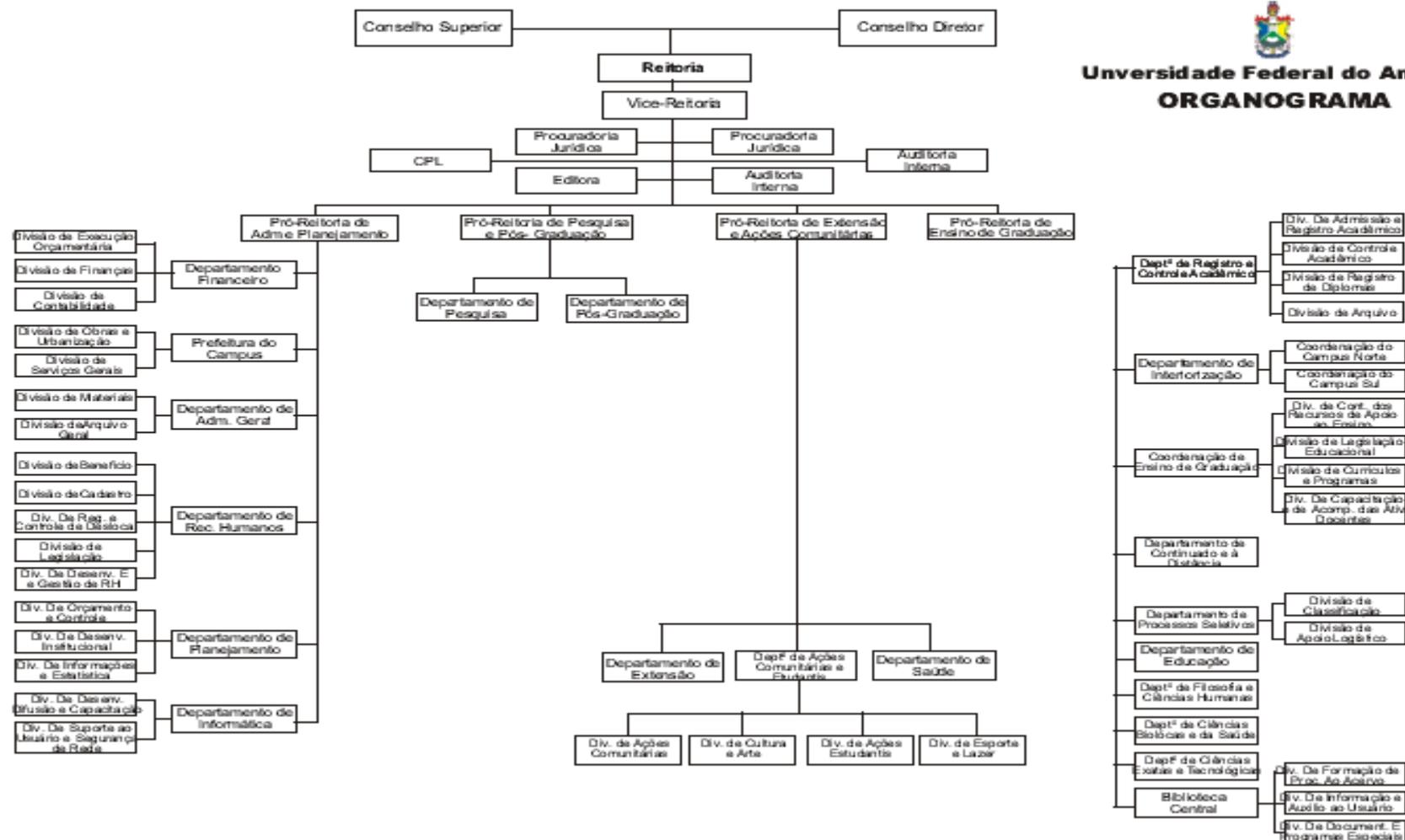
IV – Coordenação de Ensino de Graduação.

V – Colegiados de Cursos.

VI – Coordenações de Cursos.



Universidade Federal do Amapá
ORGANOGRAMA



3.7.3 Conselho e Órgão Colegiado Ligados a Administração Acadêmica: Atribuições e Competências

De acordo com o Regimento Interno da Universidade Federal do Amapá, o conselho e o órgão colegiado ligados a administração acadêmica estão assim constituídos:

3.7.3.1 Conselho Universitário

O Conselho Universitário (CONSU), colegiado integrante da Administração Superior, órgão deliberativo e normativo em matéria de administração universitária e instância de recurso, é composto:

- I - Pelo Reitor, como seu Presidente.
- II - Pelo Vice-Reitor, como seu Vice-Presidente.
- III - Pelo Pró-Reitor de Administração.
- IV - Pelo Pró-Reitor de Cooperação de Relações interinstitucionais.
- V - Pelo Pró-Reitor de Ensino de Extensão e Ações Comunitárias.
- VI - Pelo Pró-Reitor de Gestão de Pessoas.
- VII - Pelo Pró-Reitor de Graduação.
- VIII - Pelo Pró-Reitor de Planejamento.
- IX - Pelo Pró-Reitor de Pesquisa e Pós Graduação.
- X - Por um estudante regularmente matriculado em um dos cursos de graduação da Universidade, eleito, em escrutínio secreto, pelos seus pares.
- XI - Por um representante dos funcionários técnico-administrativos, eleito, em escrutínio secreto, pelos seus pares.
- XII - Por um representante das Federações das entidades econômicas em sistema de rodízio por mandato.
- XIII - Por um representante do Governo do Estado, indicado pelo Governador.
- XIV - Por quatorze representantes do corpo docente da universidade, sem função administrativa, eleitos por seus pares, com os respectivos suplentes, em escrutínio secreto.
- XV - Por dez representantes dos colegiados de cursos ou de programas, escolhidos com os respectivos suplentes, dentre seus pares, em escrutínio.

Os representantes de que tratam os incisos X, XI, XII, XIII, XIV terão mandatos de 02 (dois) anos, permitida a recondução para um único período subsequente.

Os representantes de que trata o inciso XV terão mandato de 01 (um) ano, permitida a recondução para um único período subsequente.

Compete ao CONSU:

I - Formular a política geral da universidade e traçar diretrizes e normas em matéria didático-científica e disciplinar.

II - Elaborar, reformular e aprovar o regimento geral da universidade, bem como aprovar o regimento dos órgãos colegiados integrantes da estrutura acadêmica.

III - Aprovar as modificações do estatuto da universidade, submetendo-as aos órgãos competentes do MEC.

IV - Aprovar os planos anuais de trabalho, plano estratégico e diretor da universidade, plano de desenvolvimento institucional e projeto político pedagógico institucional.

V - Apreciar, em grau de recurso, os atos e decisões de qualquer órgão ou autoridade da UNIFAP.

VI - Decidir sobre a criação, incorporação, modificação, extinção ou suspensão temporária de cursos.

VII - Aprovar normas internas sobre seleção, admissão, promoção, movimentação, dispensa e aperfeiçoamento de pessoal docente e técnico-administrativo.

VIII - Aprovar os planos de carreiras dos corpos docente e técnico-administrativo.

IX – Homologar a indicação feita pelo Reitor de qualquer pessoa que não faça parte do quadro efetivo desta IFES para nela desempenhar cargos ou funções.

X – Homologar a indicação feita pelo Reitor para a Presidência da Fundação de Apoio a Pesquisa e a Cultura da Universidade Federal do Amapá e do Estado do Amapá – FUNDAP.

XI - Aprovar a ampliação e diminuição de vagas destinadas aos cursos da universidade.

XII - Aprovar a programação dos cursos no que tange ao projeto pedagógico respectivo de cada um deles.

XIII- Aprovar os programas de pesquisas e extensão.

XIV - Deliberar, como instância superior e de recurso, sobre medidas disciplinares, apuração de responsabilidades, instauração de inquérito e suspensão de atividades.

3.7.3.2 Colegiado de Curso

O Colegiado de Curso é constituído por:

I - Todos os professores lotados nas coordenações de cursos.

II - Por um representante do corpo técnico-administrativo superior, lotado na coordenação.

III – Todos os discentes representantes das turmas de graduação do respectivo curso, sendo um por turma.

A representação dos professores deverá corresponder a, no mínimo, 70% (setenta por cento) do total de membros do Colegiado, em qualquer caso.

Para o alcance do quantitativo mínimo de que trata o parágrafo anterior, serão excluídos os representantes das turmas com menor tempo de ingresso na UNIFAP.

Existindo mais de uma turma em igualdade de condições, quanto ao tempo de ingresso, decidirão os próprios representantes qual deles integrará o Colegiado.

Compete ao Colegiado do Curso:

I - Deliberar sobre as políticas e diretrizes de cada coordenação, em consonância com as políticas e orientações do conselho departamental e dos conselhos superiores.

II - Deliberar sobre os projetos pedagógico e científico do pessoal docente e técnico administrativo lotado na coordenação de curso.

III - Deliberar sobre as atribuições e encargos de ensino, pesquisa e extensão do pessoal docente e técnico-administrativo da coordenação de curso.

IV – Deliberar sobre indicação de professor para ministrar disciplina diversa daquela para a qual foi concursado.

V – Deliberar, em seu nível, sobre questões referentes à vida funcional dos docentes.

VI - Declarar vago o cargo de coordenador de curso.

VII - Deliberar sobre propostas e normas relativas à monitoria.

VIII - Propor ações para a melhoria da qualidade de ensino.

IX - Estabelecer medidas de acompanhamento e avaliação da execução dos planos de trabalho das coordenações de cursos.

X - Desenvolver outras atribuições que lhe couberem por força da legislação vigente.

3.7.3.3 Coordenação do Curso

3.7.3.3.1 Funções da Coordenação de Curso

A Coordenação de Curso é o órgão que congrega docentes e técnicos, de acordo com suas especialidades, sendo responsável, dentro da própria área de conhecimento, pelo gerenciamento de recursos humanos, científicos e tecnológicos para as atividades de ensino, pesquisa e extensão e interiorização, bem como pela construção do saber, pelo aperfeiçoamento do pessoal docente e técnico e pela administração de suas carreiras.

Compete, ainda, ao coordenador representar as necessidades do curso junto aos órgãos competentes da IFES, participação das reuniões de colegiado de curso e atendimento aos docentes.

3.7.3.3.2 Atuação do Coordenador de Curso

As atribuições do coordenador do curso são regulamentadas pelos artigos 87, e 89 do Capítulo V do Regimento conforme segue:

Art. 87. A Coordenação de Curso é o órgão responsável pelo planejamento e gerenciamento de recursos humanos, científicos e tecnológicos para as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Art. 89. A Coordenação de Curso compete:

I - Cumprir e fazer cumprir as deliberações do colegiado de curso.

II - Elaborar e submeter ao seu conselho departamental o plano de atividades da coordenação de curso.

III - Fazer cumprir os planos de atividades dos docentes e técnicos-administrativos lotados na coordenação.

IV - Designar banca de revisão de provas dos discentes, quando solicitado pelo colegiado de curso.

V - Propor ao conselho departamental normas e critérios para a monitoria e o estágio curricular supervisionado.

VI - Acompanhar a frequência e o desenvolvimento das atividades dos docentes no ensino, na pesquisa e na extensão, submetendo os resultados à apreciação do Colegiado de curso.

VII – Acompanhar o desenvolvimento dos docentes em curso de qualificação através de relatórios específicos.

VIII - Desenvolver outras atividades que lhe couberem por força da legislação.

3.7.3.3.3 Participação Efetiva do Coordenador do Curso em Órgãos Colegiados Acadêmicos

O coordenador preside e convoca as reuniões do colegiado do curso que coordena e tem representação no Conselho Universitário - CONSU. Participa, ainda, intensamente da elaboração das políticas acadêmicas.

3.7.3.3.4 Participação Efetiva do Coordenador e dos Docentes em Colegiado de Curso ou Equivalente

A UNIFAP tem plena compreensão e ciência da importância da participação dos docentes, não só no âmbito das decisões de natureza didático-pedagógicas, como também na área de gestão administrativa. Por essa razão, o seu corpo docente tem uma representação deliberativa importante na composição dos Conselhos Superiores, na perspectiva de tornar coerentes as decisões que envolvem a gestão do patrimônio acadêmico, possibilitando um envolvimento participativo e atuante.

No Colegiado de Curso, os professores compõem 70% do total dos membros. Os professores participam também do CONSU, sendo representados por 14 membros indicados por seus pares.

3.7.3.3.5 Da Eleição de Coordenador do Curso

As Eleições para Coordenador do curso são regulamentadas pelos artigos 88 do Capítulo V do Regimento conforme segue:

Art.88. Cada Coordenação de Curso será dirigida por um coordenador, sendo seu substituto legal o vice coordenador, ambos com mandato de dois anos, escolhidos em escrutínio, pelos docentes, discentes e técnicos vinculados à respectiva coordenação, permitida a recondução por um único período subsequente, obedecendo a legislação pertinente.

1º. As Coordenações serão exercidas, preferencialmente, por docente efetivo vinculado ao curso.

2º. Na impossibilidade de a Coordenação ser exercida por docente efetivo a vaga poderá ser preenchida por técnico integrante do quadro de nível superior.

3.7.3.3.6 Apoio Didático Pedagógico ao Docente

Os desafios ligados a prática docente universitária não são poucos ou facilmente enumeráveis. Cotidianamente os professores das universidades públicas se deparam com o resultado de um sistema educacional de ensino fundamental e médio frágil, que permite a formação de alunos despreparados academicamente para as exigências da vida universitária. Além disso, vivenciam a dura realidade do sistema universitário público, marcado pela carência de investimentos e pela sofrível burocracia. Os professores têm ainda que trabalhar com suas próprias limitações acadêmicas e didático/pedagógicas. Buscando auxiliar o docente em suas múltiplas funções de educador e pesquisador, o Colegiado de Farmácia da UNIFAP está organizando um Plano de Apoio ao Docente.

Com início para o primeiro semestre de 2011, o Plano de Apoio ao Docente do Colegiado de Farmácia considera os professores como parceiros e autores da

ação reflexiva, posta no diálogo com os diversos campos do conhecimento numa perspectiva multi e interdisciplinar.

Os objetivos do plano são:

- Organizar em conjunto com diversos setores da instituição Workshops e/ou Palestras que abordem temas pedagógicos de interesse aos docentes,
- Proceder, coletivamente, constantes balanços críticos da prática docente referentes às técnicas e metodologias, visando apropriação e criação de novas formas de intervenção didática, melhorando a comunicação entre alunos e professores.

Para atingir esses objetivos, pretende-se identificar as necessidades para a melhoria do exercício da profissão docente. A abrangência é um ponto importante do programa, pois se deve valer do coletivo dos professores. O encaminhamento metodológico do plano se constitui de descrição e reflexão das práticas cotidianas pelos professores, do levantamento das expectativas e necessidades dos alunos de Farmácia e do estudo das contribuições da área da educação (com apoio do Corpo Docente da própria Instituição) para a melhoria da prática docente do nosso Curso.

Os encontros acontecerão semestralmente, sendo as datas definidas na primeira reunião semestral do colegiado pelos professores, assim como os temas de debates e os professores responsáveis pela coordenação do encontro, seleção dos textos de leitura e discussão. Os textos de leitura são encaminhados via coordenação do curso para todos os professores participantes.

Os pressupostos teóricos do Plano de Apoio ao Docente compreende que o exercício da docência universitária supõe algumas competências básicas, e esses temas de estudo buscarão contemplar as dimensões necessárias à atuação docente, tendo em vista o professor como um profissional que seja educador e apto ao trabalho coletivo.

3.8 Organização Acadêmico-Administrativa

A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação - PROGRAD é o órgão executivo que programa, supervisiona, coordena e avalia as atividades de ensino de graduação da Universidade Federal do Amapá.

A PROGRAD compete:

- I – Definir política de ensino de graduação da Universidade.
- II – Elaborar os planos anual e plurianual de ensino de graduação e promover as condições de execução dos mesmos.
- III – Cumprir e fazer cumprir as deliberações dos conselhos superiores.
- IV – Superintender os órgãos acadêmicos.
- V – Propor ao Conselho Superior os planos de capacitação docente, ouvida a CPPD.
- VI – Coordenar os processos para a melhoria da qualidade do ensino.
- VII – Acompanhar e avaliar permanentemente o ensino de graduação da UNIFAP.
- VIII – Encaminhar a Reitoria o relatório anual de atividades da Prograd.
- IX – Emitir parecer à administração superior referente as propostas de licitações e contratos ligados a sua área de competência e, quando for o caso, sobre os outros expedientes.
- X – Executar outras atividades que lhe forem atribuídas pelo Reitor e pelos conselhos superiores.

3.9 Organização do Controle-Acadêmico

O controle das informações acadêmicas da UNIFAP é organizado pelo Departamento de Registro e Controle Acadêmicos - DERCA. O DERCA é constituído de acordo com o organograma que segue.



Ao Departamento de Controle e Registro Acadêmicos compete:

- I – Elaborar plano anual de atividades do DERCA.
- II – Elaborar, anualmente, juntamente com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, o calendário acadêmico.
- III – Proceder o registro e o controle acadêmico.
- IV – Analisar e emitir parecer sobre solicitação de transferência obrigatória.
- V – Orientar as coordenações de cursos sobre registro e controle acadêmico.
- VI – Exercer as demais atribuições que, por sua natureza, por força do estatuto ou regimento geral da Universidade, lhe sejam cometidas.

3.9.1 Serviços Oferecidos pelo DERCA

Processamento de matrícula.

Transferências.

Trancamento e cancelamento de matrícula.

Reabertura de matrícula.

Registro de créditos.

Registro de isenção de educação física.

Emissão de diários.

Emissão e registro de diplomas de graduados.

Emissão de certificados de Pós-Graduação, exame de Suficiência, etc.

Registro de diplomas de outras IES.

Emissão de histórico escolar.

Emissão de atestados e outras atividades referentes a registros acadêmicos.

3.9.2 Serviços On-Line

Histórico.

Consulta a notas.

Carteirinha de Biblioteca.

3.10 Atenção aos Discentes

A Universidade Federal do Amapá oferece ao seu corpo discente, o atendimento do coordenador de curso, do técnico em assuntos educacionais e professores que os orientam em projetos de iniciação científica, monitorias, trabalhos de conclusão de curso, estágios supervisionados e em orientações pedagógicas na rotina das salas de aulas.

3.11 Participação em Eventos

A Universidade Federal do Amapá, em cumprimento ao que preconiza seu estatuto, promove atividades de extensão na forma de eventos científicos, cursos e outros. Tais atividades buscam divulgar os conhecimentos produzidos pela universidade, estimular o debate acadêmico e auxiliar na formação do espírito crítico e na consciência cidadã.

Essas atividades atendem ao previsto na legislação com relação ao cumprimento da carga horária pelo aluno em atividade complementares, as quais no curso de Farmácia tem caráter técnico, científico e cultural e estarão relacionadas ao projeto pedagógico. Para tanto, diferentes atividades são estimuladas, tais como pesquisa, participação em eventos científicos e culturais, seminários, oficinas, minicursos, workshops e outros eventos.

É importante salientar que as atividades complementares são também desenvolvidas em outras instituições, ainda que a UNIFAP tenha responsabilidade pela oferta regular de atividades para seus alunos e comunidade.

A participação nas atividades é comprovada por meio da apresentação do certificado. Quando realizada fora da universidade, a coordenação do curso averba o documento e envia para registro no DERCA. Quando se trata de eventos realizados internamente o registro é feito pelo acadêmico, diretamente ao DERCA, por meio da apresentação do certificado.

O formando só poderá colar grau após a conclusão da carga horária total exigida que é de 200 horas de atividades complementares. As tarefas desempenhadas em estágio curricular obrigatório não poderão ser computadas cumulativamente como atividades complementares.

3.12 Agenda de Eventos de Atividades Realizadas em 2011

TEMA: I Semana do TCC

LOCAL DA REALIZAÇÃO: Prédio do Curso de Farmácia UNIFAP

PERÍODO: a definir

REALIZAÇÃO: Colegiado de Farmácia UNIFAP

APOIO: Pró-Reitoria

3.13 Apoio Pedagógico ao Discente

Para efetivar uma proposta de apoio pedagógico aos alunos, desatrelada de paternalismo, é importante que essas ações estejam intimamente ligadas às atividades curriculares. Esse apoio acontece para os acadêmicos de Farmácia através da atuação dos professores na condução das aulas teóricas e práticas, oficinas, seminários e nas orientações do Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio Curricular Supervisionado. Os alunos exercem atividades de iniciação em pesquisa, o que facilita o desenvolvimento de diversas capacidades, dentre elas, a autonomia para aprender.

Essas ações dos professores do curso de Farmácia tem foco na pedagogia histórico-social que direciona encaminhamentos didáticos nas próprias ações curriculares, tornando a aprendizagem mais significativa e as relações entre alunos e professores, mais dialógicas. Isso tem como consequência, a melhoria da autoestima dos alunos, pois ficam satisfeitos com sua conduta de estar agindo de acordo com os valores ligados à dedicação, empenho, persistência, colaboração, entre outros. Sabe-se que a autoestima tem uma relação direta com a participação das pessoas envolvidas, o que eleva a importância da execução de atividades pelos alunos.

Existem valores que são fundamentais de serem vivenciados pelos alunos, nas próprias atividades curriculares, tais como disciplina na execução de tarefas que se dispõem capacidade de se colocar no lugar do outro, justiça nas trocas com as pessoas, lealdade, colaboração, persistência na busca de informações para a realização de trabalhos, dentre outros.

Os professores podem participar ativamente da construção desses valores se conseguirem tornar o processo de ensinar mais significativo para os alunos,

mobilizando-os para a aprendizagem. Para isso, é importante que se comunique com clareza os objetivos das atividades propostas e que haja coerência entre o que se coloca como princípios das relações humanas e o que se vive no ambiente escolar.

É importante destacar que, ao chegar à instituição, os alunos não “penduram num cabide” suas emoções, sentimentos e experiências anteriores; sendo assim, o ambiente da instituição deve ser um espaço educativo onde se desenvolvam capacidades através do uso de múltiplas linguagens facilitadoras do domínio da herança cultural acumulada e da resolução de problemas existentes no mundo contemporâneo. Nesse ambiente, o papel do professor não se restringe à mera exposição de conteúdos.

O conjunto de ações desenvolvidas pelo curso de Farmácia, visando o apoio pedagógico aos alunos, parte do pressuposto que é na estrutura curricular cotidiana que se vivencia as atitudes, mediação entre professores e alunos, entre alunos e alunos, entre alunos e comunidade.

3.13.1 Acompanhamento Psicopedagógico

Alguns jovens ingressam no ensino superior sem estar devidamente preparados para tal. Normalmente eles estão saindo da adolescência, ingressam para a universidade sem a certeza de que escolheram o curso pelo qual possuem verdadeira vocação e sem noção do que os aguarda; conservam seu comportamento imaturo, sem saber como buscar conhecimentos, nem o que será exigido deles, alguns vindos de escolas onde o ensino é deficitário e/ou as exigências para com os alunos são poucas, sentem-se inseguros de suas próprias capacidades.

Ao deparar-se com as novas diretrizes, muitos alunos se assustam, receiam não conseguir alcançar as expectativas que seus pais impõem sobre eles próprios, e sobre a instituição de ensino superior que estão frequentando, surgindo dúvidas e, conseqüentemente, os medos, atrapalhando seu desenvolvimento.

Neste cenário, temos percebido em nossos alunos a necessidade de falar de suas dúvidas e receios no que diz respeito ao desenvolvimento acadêmico, bem como pessoais, com alguém que os ouça, que os compreenda e lhes mostre possíveis perspectivas de solução para os problemas que consideram tão graves e

que muitas vezes apenas lhes falta esclarecimentos. Para auxiliar nesse processo a UNIFAP através da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários disponibiliza atendimento psicológico aos acadêmicos.

Os professores são orientados a encaminhar a coordenação os alunos que percebam estar enfrentando dificuldades. O coordenador de curso por sua vez faz o encaminhamento para o atendimento psicológico da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários.

3.13.2 Acompanhamento de Egressos

O acompanhamento do egresso será realizado, disponibilizando na *homepage* do curso de Farmácia um local dedicado a seus ex-alunos para que eles continuem com vínculo com a instituição.

Nesse espaço, os egressos terão acesso aos cursos de extensão, pós-graduação entre outras atividades acadêmicas, estimulando a busca pela educação continuada. Os ex-alunos terão oportunidade de participar de outras atividades que estiverem sendo oferecidas pela Universidade.

A preocupação maior da instituição é manter contato com o aluno após a conclusão do seu curso de graduação, orientando-o na prática profissional e na aquisição continuada de novos conhecimentos. Além disso, há o interesse em manter a integração entre os egressos e alunos regularmente matriculados, promovendo um canal constante de comunicação.

A idéia é de que os professores convidem seus ex-alunos atuantes no mercado para participarem de suas atividades docentes, apresentando suas novas experiências adquiridas após a conclusão do curso. Essa é uma metodologia que buscará dar mais confiança e expectativas aos alunos que almejam ingressar no mercado de trabalho na área de Farmácia.

A UNIFAP tem consciência de que sua participação junto aos formandos não se esgota no momento da colação de grau. A mesma estende-se ao longo do exercício profissional desenvolvido pelo egresso, tornando-se uma referência viva e atuante para o desempenho satisfatório dos nossos profissionais no mercado de trabalho.

3.13.3 Meios de Divulgação de Trabalhos e Produção Discente

Homepage - UNIFAP/Curso

A página *on-line* da UNIFAP tem como finalidade aproximar e integrar a comunidade e a Universidade divulgando os seus cursos, projetos, vestibulares, atividades dos docentes com relação a sua capacitação e participação em eventos científicos. Além disso, busca divulgar os trabalhos e produções dos alunos dos diversos cursos da Instituição.

O curso de Farmácia dispõe de uma página *on-line* que possui a finalidade de divulgar os projetos de pesquisa e extensão, cursos, minicursos, seminários, objetivando a integração da comunidade ao universo do curso.

3.13.4 Atividades de Apoio aos Discentes da UNIFAP

PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UNIFAP

Programa de Assistência Estudantil da UNIFAP –Pró-Estudante é realizado com recursos do Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, em acordo com o Plano Nacional de Assistência Estudantil da ANDIFES.

DEFINIÇÃO DE PRÓ-ESTUDANTE

O Pró-Estudante consiste em um conjunto de ações de assistência estudantil que visam dar suporte à permanência dos acadêmicos em situação de vulnerabilidade econômica e matriculados nos cursos de graduação presenciais regulares da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Considerar-se-á estudante em situação de vulnerabilidade econômica aquele que demonstre, por documentos ou outras provas apresentadas, não ter condições econômicas de compatibilizar a renda familiar ou pessoal às despesas advindas com a frequência e a manutenção estudantil em curso de graduação na UNIFAP.

3.13.4.1 Pró-Estudante Auxílio Moradia

DEFINIÇÃO: O Pró-Estudante Auxílio Moradia é uma ação de assistência estudantil que objetiva proporcionar auxílio financeiro ao estudante para fins de moradia com intuito de garantir o seu acesso, permanência e conclusão do curso na universidade, sob a perspectiva de inclusão social, melhoria do desempenho acadêmico e da qualidade de vida.

BENEFICIÁRIOS: Acadêmicos em situação de vulnerabilidade econômica que frequentem cursos presenciais regulares na UNIFAP e comprovem necessitar do auxílio moradia.

OFERTA: O Pró-Estudante Auxílio Moradia irá contemplar 50 (cinquenta) acadêmicos.

VALOR: O beneficiário do Pró-Estudante Auxílio Moradia terá creditado em sua conta corrente mensalmente o valor de R\$ 200,00 (duzentos reais).

Dos recursos

- Os Recursos para pagamento dos benefícios são oriundos do Plano Nacional de Assistência Estudantil - PNAES;
- O programa terá duração de acordo com a disponibilidade orçamentária do Plano Nacional de Assistência Estudantil - PNAES ou outro que venha substituí-lo.

Da vigência do pró-estudante moradia

- O Pró-Estudante terá vigência a contar da data da seleção até a conclusão curso;
- O estudante selecionado deve apresentar no início de cada semestre o atestado de matrícula e histórico escolar, conforme data previamente estabelecida e divulgada pela PROEAC, através do site oficial da UNIFAP.

Dos critérios para participação no pró-estudante

- Estar matriculado e cursando regularmente um dos cursos de graduação da UNIFAP;

- Encontrar-se comprovadamente em situação de vulnerabilidade econômica;
- Não possuir renda familiar ou própria suficiente para custear sua manutenção na sede do curso durante sua realização;
- Não ter concluído nenhum outro curso de graduação em qualquer instituição pública ou privada;
- Não possuir residência familiar ou própria na sede do município onde está cursando.

Do processo de seleção para o pró-estudante auxílio moradia

- O processo seletivo será executado pelo DACE de acordo com os critérios estabelecidos neste edital da PROEAC;
- Caberá ao DACE realizar a triagem, análise, seleção e elaboração do Termo de Compromisso para inserção no Pró-Estudante Auxílio Moradia, mediante os critérios fixados neste Edital;
- Após o encerramento do período de inscrições, o Departamento de Ações Comunitárias e Estudantis estará divulgando o cronograma de entrevistas, de caráter eliminatório com todos os candidatos inscritos;
- O resultado da seleção será divulgado após a seleção e triagem dos candidatos, entrevistas, e visitas *in loco*, e a relação dos selecionados, será publicada através do site <http://www.unifap.br> na portaria da PROEAC e outros locais de acesso comum aos estudantes;
- A permanência da concessão do benefício do Pró-Estudante ao acadêmico nos semestres de cada ano estará condicionada a entrega de atestado de matrícula e histórico escolar atualizado, na Assessoria Estudantil do Pró-Estudante localizada no prédio da PROEAC, em data previamente estabelecida e divulgada pela PROEAC no site oficial desta IFES e na página do DACE

Critério de classificação e seleção

- Menor renda per capita e familiar

Da desclassificação e desligamento do pró-estudante auxílio moradia

- Serão desclassificados e/ou a qualquer tempo desligados do Pró-Estudante Auxílio Moradia os solicitantes que apresentarem informações falsas, cópias de documentos falsos ou quando se verificar incoerência entre os dados informados e as provas apresentadas, sem prejuízo do processo administrativo e/ou judicial cabível, firmado sob advertência das penalidades previstas em lei, decorrentes de falsa declaração, conforme art. 299 do Código Penal Brasileiro;
- Serão desligados do Pró-Estudante Auxílio Moradia os acadêmicos que descumprirem o Termo de Compromisso firmado com a Instituição.

3.13.4.2 Pró-Estudante Auxílio Alimentação

DEFINIÇÃO: O Pró-Estudante Alimentação é uma ação de assistência estudantil que objetiva garantir as refeições básicas ao estudante com intuito de garantir o seu acesso, permanência e conclusão do curso na universidade, sob a perspectiva de inclusão social, melhoria do desempenho acadêmico e da qualidade de vida.

BENEFICIÁRIOS: Todos os acadêmicos regularmente matriculados e que frequentem cursos presenciais regulares na UNIFAP.

OFERTA: O Pró-Estudante Alimentação será ofertado a todos os alunos regularmente matriculados na UNIFAP.

FORMA DE OFERTA: Os estudantes terão acesso ao Restaurante Universitário da UNIFAP, onde poderão fazer as três refeições básicas pagando um valor simbólico.

3.13.4.3 Pró-Estudante Fotocópia

DEFINIÇÃO: O Pró-Estudante Fotocópia é uma ação de assistência estudantil que visa dar suporte para o acadêmico em situação de vulnerabilidade socioeconômica ao ofertar crédito em fotocópias por semestre letivo.

BENEFICIÁRIOS: Acadêmicos em comprovada situação de hipossuficiência financeira que frequentem cursos de graduação presenciais regulares na UNIFAP.

OFERTA: O Pró-Estudante Fotocópia será ofertado a 800 (oitocentos) acadêmicos.

FORMA DE OFERTA: O estudante beneficiado terá direito a 650 (seiscentos e cinquenta) fotocópias, em papel tamanho A4, 75g/m², no primeiro semestre e 650 (seiscentos e cinquenta) fotocópias no segundo semestre de cada ano, a quantia semestral poderá ser utilizada paulatinamente ou de única vez.

3.13.4.4 Pró-Estudante Transporte

DEFINIÇÃO: O Pró-Estudante Transporte é uma ação de assistência estudantil que visa proporcionar ao estudante o transporte necessário para sua frequência nas aulas de graduação. O Pró-Estudante Transporte está subdividido em Transporte Urbano e Transporte Interurbano.

BENEFICIÁRIOS: Acadêmicos em comprovada situação de hipossuficiência financeira que frequentem cursos de graduação presenciais regulares na UNIFAP.

FORMA DE OFERTA: O Pró-Estudante Transporte ofertará créditos de meia-passagem urbana de Macapá e interurbana no trecho Macapá/Santana, na quantidade mensal dos dias considerados letivos no calendário acadêmico de cada ano da UNIFAP, a serem creditados os valores correspondentes mensalmente em conta corrente do acadêmico, objetivando atender a estudantes de graduação que se apresentem em situação de hipossuficiência econômica.

Os beneficiários que comprovem precisar deslocar-se semanalmente a UNIFAP somente em um turno receberão 02 (dois) créditos diários e aqueles que precisarem deslocar-se por até dois turnos diários receberão 04 (quatro) créditos, até o limite de 80 (oitenta) créditos mensais.

3.13.4.5 Pró-Estudante Transporte Urbano

OFERTA: Serão beneficiados 700 (setecentos) estudantes dos cursos de graduação da UNIFAP, sendo 550 (quinhentos e cinquenta) com dois créditos em meia-passagem e 150 (cento e cinquenta) com quatro créditos em meia-passagem de transporte público por dia letivo.

3.13.4.6 Pró-Estudante Transporte Interurbano

OFERTA: serão beneficiados até 300 (trezentos) estudantes dos cursos de graduação da UNIFAP, sendo 200 (duzentos) com dois créditos e 100 (cem) com quatro créditos de meia-passagem em transporte público por dia letivo.

Dos recursos

- Os Recursos para pagamento dos benefícios são oriundos do Plano Nacional de Assistência Estudantil-PNAES;
- O programa terá duração de acordo com a disponibilidade orçamentária do Plano Nacional de Assistência Estudantil-PNAES ou outro que venha substituí-lo.

Da vigência do pró-estudante

- O Pró-Estudante terá vigência a contar do início do período letivo estabelecido por esta IFES em cada ano, em calendário acadêmico aprovado pelo CONSU/UNIFAP.
- A seleção, definida por este Edital, compreenderá o período de integralização curricular mínimo do curso, obedecendo os seguintes critérios:
 - ✓ Não poderá ser reprovado em nenhuma disciplina;
 - ✓ Não poderá se reprovado por falta;
 - ✓ Apresentar no início de cada semestre o atestado de matrícula e histórico escolar, conforme data previamente estabelecida e divulgada pela PROEAC, através do site oficial da UNIFAP.

3.13.4.7 Pró-Estudante Inclusão Digital

DEFINIÇÃO: O Pró-Estudante Inclusão Digital consiste em uma ação de assistência estudantil com intuito de produzir qualidade à prática acadêmica mediante os objetivos de inclusão social e democratização do ensino de informática, além de propiciar a comunidade do entorno desta IFES (Instituição Federal de Ensino Superior), a oportunidade de usufruir deste projeto de inclusão digital, havendo, portanto a oferta de vagas tanto alunos desta IFES quanto para a comunidade em geral.

BENEFICIÁRIOS: Acadêmicos em comprovada situação de hipossuficiência financeira que frequentem cursos de graduação presenciais regulares na Universidade Federal do Amapá. Também serão aceitas as inscrições de candidatos não acadêmicos da UNIFAP, desde que comprovem, por meio de declaração, já a mencionada situação de hipossuficiência financeira.

OFERTA: Serão ofertadas 150 (cento e cinquenta) vagas para o Pró-Estudante Inclusão Digital, com carga horária total 100 (cem) horas o curso.

FORMA DE OFERTA: As vagas ofertadas serão distribuídas em 06 (seis) turmas para a realização das aulas expositivas e práticas do curso básico de informática do Pró- Estudante Inclusão Digital, sendo 2 (duas) turmas no turno da manhã, 2 (duas) turmas no turno da tarde e 2 (duas) turmas no turno da noite.

Dos critérios para participação no pró-estudante

O candidato ao Pró-Estudante deverá atender aos seguintes critérios:

- Ser maior de 18 (dezoito) anos de idade e alfabetizado;
- Caso seja acadêmico, estar matriculado e cursando regularmente um dos cursos de graduação da UNIFAP, observadas as exigências deste Edital;
- Encontrar-se comprovadamente em situação de hipossuficiência econômica.

3.13.4.8 Pró-Estudante Idiomas

DEFINIÇÃO: O Pró-Estudante Idiomas é um projeto de extensão que consiste em oferecer para os acadêmicos da UNIFAP aulas de língua estrangeira, particularmente, aulas de Espanhol, de Francês, de Inglês e de Italiano. A natureza é essencialmente de curso livre de línguas estrangeiras. Não se caracteriza em nenhuma hipótese como curso de graduação, seja licenciatura seja bacharelado, nas línguas que o projeto contempla e nem como diploma de proficiência.

O projeto será desenvolvido em quatro níveis (dois anos). Cada nível terá carga horária de 60 horas, distribuídas em duas aulas semanais com duração de duas horas. O curso será realizado segundo uma abordagem comunicativa e visa o desenvolvimento progressivo das quatro competências lingüísticas, quais sejam: compreensão oral e escrita, produção oral e escrita. As aulas serão ministradas por professores e/ou acadêmicos (professores estagiários) do curso de Letras (para o

caso das aulas de Inglês e de Francês) ou do curso de Relações Internacionais (para o caso das aulas de espanhol) da UNIFAP. O projeto envolve também a participação de monitores.

O Pró-Estudante Idiomas visa inserir o público alvo num contexto plurilíngue, bem como difundir as línguas estrangeiras e despertar o interesse pelos cursos de Letras e de Relações Internacionais da UNIFAP.

BENEFICIÁRIOS: Poderá concorrer à vaga de beneficiário do Pró-Estudante Idiomas qualquer acadêmico que estiver matriculado em curso regular de graduação da UNIFAP, com preferência pelos que comprovem situação de vulnerabilidade econômica e social.

OFERTAS: Serão ofertadas 100 (cem) vagas, divididas em 4 (quatro) turmas de 25 (vinte e cinco) alunos.

3.14 Corpo Discente

3.14.1 Apoio à Promoção de Eventos Internos

A Universidade Federal do Amapá, em cumprimento ao que preconiza seu estatuto, promove atividades de extensão na forma de eventos científicos, cursos e outros. Tais atividades buscam divulgar os conhecimentos produzidos pela universidade, estimular o debate acadêmico e auxiliar na formação do espírito crítico e na consciência cidadã.

Essas atividades atendem ao previsto na legislação com relação ao cumprimento da carga horária pelos alunos em atividade complementares curriculares. As atividades complementares do Curso de Farmácia tem caráter técnico, científico e cultural e são relacionadas ao projeto pedagógico. Para tanto, diferentes atividades são estimuladas, tais como pesquisa, participação em eventos científicos e culturais, seminários, oficinas, minicursos, workshops e outros eventos.

É importante salientar que as atividades complementares são também desenvolvidas em outras instituições, ainda que a UNIFAP tenha responsabilidade pela oferta regular de atividades para seus alunos e comunidade.

A participação nas atividades é comprovada através da apresentação do certificado, quando realizada fora da universidade, a coordenação do curso que averba o documento e envia para registro no DERCA. Quanto se trata de eventos

realizados internamente o registro também é feito pelo DERCA quando da emissão do certificado.

O formando só poderá colar grau após a conclusão da carga horária total exigida de 200hs. As tarefas desempenhadas em estágio curricular obrigatório não poderão ser computadas cumulativamente como atividades complementares.

3.14.2 Apoio à Participação em Eventos

A participação em eventos científicos e seminários compõem o rol de atividades ofertadas para os alunos pelo Curso e pela UNIFAP de modo a permitir cumprimento das 200 h de formação livre. Também há incentivo à realização de atividades fora da IES, pois a UNIFAP está em constante comunicação com outras instituições de ensino e pesquisa e sempre é convidada a participar de seus eventos, por meio de seus professores como palestrantes ou compondo mesas e de seus alunos como ouvintes ou apresentando trabalhos científicos. A PROGRAD reserva uma parte de seus recursos para a viabilização da participação dos alunos em eventos fora do município e/ou do Estado, com passagens e/ou diárias.

3.15 Mecanismo de Nivelamento

O Colegiado de Farmácia construiu como um dos mecanismos de nivelamento é quando de sua entrada no curso o aluno deverá passar por atividades que o levem a compreender como o curso funciona. Essas atividades são eventos iniciais através de minicursos e palestras.

3.16 Implementação das Políticas no Âmbito do Curso

3.16.1 Plano de Carreira

O plano de carreira dos técnicos administrativos da Educação (PCCCTAE) da Fundação Universidade Federal do Amapá está estruturado a partir das orientações do Ministério da Educação para todas as Instituições Federais de Ensino Superior, e de Resoluções Internas decididas pelo CONSU. O curso incentiva a capacitação dos

técnicos na área de atuação, como no caso da participação nas especializações desenvolvidas pelo Curso.

3.16.2 Ações de Capacitação

São ações que integram o Plano de Carreira levando em consideração principalmente a área de atuação de cada técnico. Também obedecem à programação estabelecida pela Universidade Federal do Amapá com vistas a atender às demandas de capacitação identificadas e a qualidade dos serviços prestados pelo quadro de servidores.

4 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO

4.1 Dados Gerais do Curso

DENOMINAÇÃO

FARMÁCIA

VAGAS

O Curso de Graduação em Farmácia oferecerá 50 vagas anuais.

REGIME DE MATRÍCULA

Crédito semestral em módulos de 100 dias letivos.

DURAÇÃO DO CURSO

O curso terá duração de 5.190 horas/aulas, que deverão ser integralizadas em, no mínimo 10 semestres e no máximo 15 semestres.

4.2 Características Gerais do Curso

O curso de Farmácia da UNIFAP pretende formar farmacêuticos com a adequada fundamentação teórica e instrumentalização técnica como base para uma ação competente e eficaz que os capacite a analisar situações, identificar problemas, planejar ações, elaborar e definir propostas de soluções no âmbito de sua atuação. Para tanto, o graduando deverá receber uma sólida formação básica onde devem ser abordadas as áreas de conhecimentos e habilidades fundamentais à formação profissional e acadêmica.

Esta formação será complementada por disciplinas escolhidas dentro de um elenco de disciplinas curriculares livres de forma a atender interesses mais específicos e/ou atualizados. Esta flexibilidade curricular permitirá ao graduando a constituição de sua grade curricular possibilitando permear entre as habilidades peculiares à profissão farmacêutica e atender as vocações e/ou necessidades do

mercado de trabalho. A composição da parte livre do currículo será orientada por tutores.

Os conhecimentos adquiridos serão consolidados através da realização de estágio curricular vocacionado e de estágios optativos, bem como, da participação em atividades de extensão e pesquisa, para quais será possível a contabilização de créditos.

O curso de Farmácia da UNIFAP segue as orientações do Parecer CFE nº 287/69 de 11/04/69, da Resolução CFE nº 04 de 07/1969, do Parecer CNE/CES 1300/2001, de 7/12/2001 e pela Resolução CNE/CES nº 2 de 19/02/2002.

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Farmácia definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos para a proposta de formação do farmacêutico generalista, sendo necessária a sua aplicação em âmbito nacional no desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação em Farmácia.

Visando efetivar a proposta curricular das Diretrizes Curriculares Nacionais, o Projeto Pedagógico contempla não apenas disciplinas estabelecidas em seu currículo, mas valoriza atividades complementares de extensão, desde o primeiro período letivo, dentre as quais podemos destacar: visitas técnicas internas e externas, apresentação de produtos ou serviços de empresas, exibição de vídeos, oficinas práticas, trabalho voluntário, vivência profissional, projetos de treinamento profissional, cursos de aperfeiçoamento acadêmico, atividades externas, atividades de iniciação científica, estágios curriculares e extracurriculares e diferentes atividades de complementação de estudos nas áreas de medicamentos, alimentos e análises clínicas, apontando para a garantia do padrão da qualidade do ensino, a valorização da experiência do aluno, o respeito ao pluralismo de ideias e concepções, como princípios básicos da democracia e a flexibilidade da ação educativa.

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, outro requisito da nova Matriz é desenvolvido nas disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II e fundamenta-se nas regras estabelecidas pela instituição, as quais são aprofundadas através das normas técnico-científicas estabelecidas pelo curso.

Tendo em vista as perspectivas de um futuro promissor a UNIFAP irá ministrar uma formação farmacêutica generalista, abrangendo os três níveis de atuação: de Alimentos, de Análises Clínicas e de fármacos e medicamentos, dando

estrutura e embasamento teórico-prático ao profissional graduado em seu curso, o conhecimento necessário para a distinção qualitativa deste, no mercado de trabalho do século XXI.

4.3 Competência e Habilidades

Apesar de o graduado receber uma formação que lhe atribui competências e habilidades para atuar em todo âmbito profissional, a flexibilidade curricular lhe possibilitará o desenvolvimento de algumas habilidades mais específicas dentro do campo de atuação do farmacêutico.

O profissional formado será capaz de exercer as seguintes atividades:

1. Pesquisa e desenvolvimento de fármacos de qualquer origem;
2. Preparo de medicamentos magistrais e oficinais e cosméticos dentro das boas práticas de manipulação em farmácia;
3. Dispensação e orientação de uso de medicamentos e correlatos;
4. Interpretação e avaliação de prescrições;
5. Atuação em órgãos de regulamentação e fiscalização nas áreas de sua competência;
6. Desenvolvimento e utilização de sistemas de orientação e informação farmacológica, toxicológica, prevenção de doenças e promoção de saúde;
7. Planejamento, administração e gestão de estabelecimentos farmacêuticos;
8. Participação na formulação de políticas de saúde e em especial de medicamentos;
9. Consultorias, assessorias e perícias relacionadas à área da Farmácia;
10. Planejamento e execução de projetos de pesquisa científica;
11. Aplicação da metodologia científica e análise e interpretação crítica de artigos científicos;
12. Identificação dos diversos marcadores de diagnóstico, prognóstico e acompanhamento terapêutico;
13. Realização, interpretação e garantia de qualidade de análises clínicas e toxicológicas;

14. Avaliação de interferências de alimentos e medicamentos nos exames laboratoriais;
15. Orientação da escolha adequada do exame laboratorial para fins de diagnóstico das diferentes patologias incluindo intoxicações;
16. Desenvolvimento, produção e seleção de reagentes e métodos para análises clínicas e toxicológicas;
17. Gerenciamento, responsabilidade técnica ou exercício de funções especializadas em Laboratórios de Análises Clínicas e Toxicológicas;
18. Orientação e capacitação de equipes de trabalho em laboratórios;
19. Realização de perícias médico-legais;
20. Desenvolvimento, seleção e produção de insumos, fármacos sintéticos, recombinantes e naturais, medicamentos, cosméticos e correlatos;
21. Garantia e controle de qualidade de insumos farmacêuticos, medicamentos, cosméticos e alimentos;
22. Desenvolvimento e obtenção de produtos por processos biotecnológicos;
23. Avaliação das interações medicamento- medicamento e medicamento- alimento;
24. Gerenciamento, responsabilidade técnica ou exercício de funções especializadas em estabelecimentos industriais nas áreas relativas à profissão.

4.4 Mercado de Trabalho e Cursos Existentes no Estado

Segundo o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), a região norte possuía, à época da implementação do curso, apenas 7 cursos de farmácia, sendo 3 em Manaus (amazonas), 2 em Belém (Pará) e 2 no estado do Tocantins. Enquanto que no estado de São Paulo existiam cerca de 60 cursos de graduação, sendo 14 somente na cidade de São Paulo.

No Estado do Amapá, existia apenas um curso de farmácia em uma instituição de ensino superior privada, por isso havia a necessidade da ampliação na oferta deste curso, para que o estudante pudesse ter direito a escolher a instituição em que deseja fazer a sua graduação.

A criação do curso de farmácia pela UNIFAP respondeu a duas necessidades. A primeira é a necessidade da criação de cursos que possam apontar novas direções na educação e na pesquisa em Farmácia. A segunda, diz respeito à demanda concreta do mercado de trabalho, particularmente na região norte. Muitas farmácias privadas no Estado do Amapá ainda não contam com a permanência efetiva do farmacêutico.

A iniciativa de criar o Curso de Farmácia na UNIFAP é uma resposta à necessidade de suprir esse perfil de profissionais de saúde para atender à população e deve ser vista, pois, a partir do prisma da necessidade de capacitação de recursos humanos voltados para o desenvolvimento científico e tecnológico na área de insumos e medicamentos e para a melhoria da qualidade da atenção farmacêutica à população.

Este contexto aponta a necessidade de um curso que se volte efetivamente para a educação popular e que se pautar efetivamente num ensino de qualidade, alicerçado também na pesquisa e extensão.

4.5 Perfil do Egresso

O Curso de Graduação em Farmácia fundamentado nas Diretrizes Curriculares tem como perfil do egresso, o Farmacêutico, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor científico e intelectual. Capacitado ao exercício de atividades referentes aos fármacos e aos medicamentos, às análises clínicas e toxicológicas e ao controle, produção e análise de alimentos, pautado em princípios éticos e na compreensão da realidade social, cultural e econômica do seu meio, dirigindo sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade.

4.6 Justificativa Social do Curso de Farmácia na UNIFAP

A criação do Curso de Farmácia na cidade de Macapá, Estado do Amapá, especificamente na Universidade Federal do Amapá, justificou-se por diversas razões, principalmente por situar-se em uma região para qual podem facilmente convergir não só candidatos ao ensino superior do Estado, mas também dos municípios paraenses, possuindo um clima acadêmico propício à concentração que

favorece a aprendizagem e o crescente interesse por parte das indústrias farmacêuticas pelos recursos naturais para descoberta de novos fármacos, que ultrapassa nossas barreiras geográficas e avança na globalização atingindo hoje um marco importante na Farmácia brasileira.

Outro estímulo para a implantação do curso nesta região é a revitalização da farmácia de manipulação de receitas, o que amplia ainda mais a possibilidade de atuação do Farmacêutico. A farmácia Escola implantada, será diversificada nestas áreas de conhecimento onde o aluno terá acesso a estágios e atividades de pesquisas ao iniciar o curso, podendo ter uma visão crítica de todo o trabalho que será desenvolvido, ao longo do caminho que será percorrido na carreira universitária.

A estrutura econômica na região onde se localiza esta IFES pode ser sintetizada, marcadamente, por uma agricultura de subsistência em pequenos estabelecimentos rurais, extrativismo vegetal e animal. A pecuária, por sua vez, representa mais uma fonte na economia da região servida pela UNIFAP, como pecuária de corte, porém não se observa a presença de frigoríficos e indústrias correlatas.

Por outro lado, na indústria, a diversificação e a sua vinculação ao setor agrário mostra a implementação de agroindústrias, de pequeno e médio porte, constituindo-se em fontes permanentes de emprego. Além disso, as indústrias metalúrgicas e moveleiras, também representam dividendos econômicos para a região. Esta fatia da diversidade econômica mostra, em suas relações comerciais, o ingresso de rendas, o que favorece sobremaneira uma região constituída por, aproximadamente, 600.000 pessoas.

Cabe destacar no que se refere à atenção farmacêutica que, neste assunto, o serviço de saúde ainda deficiente e, mais particularmente, de estruturas e de pessoal formados em farmácia. A grande procura pelo farmacêutico na Farmácia, pelo cliente, é a tônica da importância destes profissionais em um estabelecimento comercial, tanto nas drogarias como nas farmácias. A comercialização dos medicamentos e cosméticos manipulados traz consigo a real necessidade de um maior número de profissionais na região onde está localizada a UNIFAP, sendo um preceito legal que não pode ser esquecido e que deve, sempre que possível, atender à fiscalização dos Conselhos Regionais e da Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA).

As perspectivas de desenvolvimentos sustentáveis que implicam em descentralização, democratização e ações preventivas e curativas tornam socialmente justificável o Curso de Farmácia na UNIFAP, caracterizando neste momento uma visão Generalista. O futuro deste e de outros Cursos irá depender de seu perfeito enlace com as necessidades básicas da região onde se inserem.

As transformações pelas quais vem passando a nossa sociedade, causadas pela globalização da economia, avanços tecnológicos, novas relações de emprego, novas concepções culturais e sociais e a busca de novos mecanismos para melhorar a qualidade de vida, impõem novos desafios aos agentes econômicos e educacionais. Vive-se, no momento, o encaminhamento da globalização dos processos, das pessoas e das ideias e, ao mesmo tempo, envolve-se o ser humano com a sua realidade regional, fazendo que dele se exijam respostas adequadas a esta realidade. É esta realidade do dia-a-dia que desafia a implementação de um curso e a sua funcionalidade a serviço das populações, em especial, daquelas socialmente desfavorecidas.

Considerando a expansão populacional do Estado do Amapá e de seus Municípios, verifica-se que se expande o número de estabelecimentos comerciais, incluindo as farmácias, drogarias e distribuidoras de medicamentos que necessitam do profissional farmacêutico responsável para o seu desempenho. Isto pode ser verificado pelos dados fornecidos pela Secretaria Auxiliar do Conselho Federal de Farmácia - SASTE/AP, conforme dados abaixo:

Número de Farmacêuticos inscritos no Estado do Amapá: 171

Estabelecimentos privados:

- a) Drogarias: 137
- b) Farmácias: 11
- c) Laboratórios clínicos: 20
- d) Distribuidoras: 35

Estabelecimentos públicos (Governo Estadual):

- a) Central de Assistência Farmacêutica: 01
- b) Hospitais: 06

- c) Centros de Média Complexidade: 05
- d) Centros de Baixa Complexidade: 10
- e) Centros de Referência: 02 (LACEN e HEMOAP)

Estabelecimentos públicos (Governo Municipal):

- a) Central de Medicamentos: 01
- b) Hospital 01
- c) Unidades Municipais de Saúde: 10 (com laboratório e farmácias)

Demais Municípios:

Farmácias estaduais/municipais: 14

Laboratórios estaduais/municipais: 14

Perspectiva da necessidade de profissionais para o Estado do Amapá: 20
Farmacêuticos por ano.

- **Fonte: CFF/Secretaria no Estado do Amapá, 2011.**

Baseado na Lei nº 5.991, Vigilância Sanitária preconiza tempo integral do profissional nestas instituições.

O nível de saúde da nossa população pode também estar relacionado com a precariedade do atendimento social, particularmente nos setores educacionais e saúde. Nesta região existem doenças prevalentes e que precisam ser estudadas em seus aspectos epidemiológicos, preventivos e de tratamento. Ainda temos explicações sobre o baixo nível de saúde por deficiência nas organizações dos serviços de saúde, de pessoal nas equipes multiprofissionais de assistência preventiva. No Amapá, as regiões rurais são carentes de condições sanitárias satisfatórias com prevalência de doenças infectocontagiosas, inclusive as imunopreviníveis e que requerem ações de saúde prestadas por profissionais devidamente treinados e habilitados. Porém as unidades ambulatoriais se tornam precárias por ausência de profissionais qualificados.

O Brasil vive hoje um momento histórico em que as transformações sociais se fazem urgentes. Apontado como uma das economias mais crescentes, o país perde

muito em sua valorização dentro do contexto internacional quando apresenta um quadro social tão conturbado. A melhoria dos aspectos sociais e, o consequente desenvolvimento econômico passa, necessariamente e fundamentalmente por um processo de aprimoramento e expansão nas áreas de educação e saúde.

Um país que visa alcançar altas taxas de crescimento econômico e tecnológico precisa de sua sociedade estabilizada e pronta a atender as necessidades do atual mercado produtivo. Para tanto, a qualificação para o trabalho é ponto de partida, fazendo necessários investimentos na área da educação fundamental, do ensino médio e superior, a fim de se criar um contingente cada vez maior de profissionais qualificados e competentes para atender a crescente demanda da evolução social.

A presença do profissional farmacêutico frente aos serviços de saúde, nas decisões da aquisição, manutenção e uso do medicamento e também nas análises biológicas, de um modo geral, implica na globalização da economia financeira da Instituição, além da manipulação dos medicamentos e do controle de infecção hospitalar, funções estas específicas do profissional especializado na área, fortalecendo o respeito a população que dela venha a se utilizar. Tem-se observado que nos concursos públicos as vagas para os profissionais farmacêuticos deixam de ser preenchidas, principalmente no interior do Estado. As análises clínicas, por ser uma área farmacêutica muito importante que norteia as oportunidades do farmacêutico para os exames laboratoriais biológicos, serão aproveitadas, não só devido à carência de profissionais, mas também, para o desempenho das pesquisas e extensão do corpo docente e discente.

Outro fator importante é o saneamento básico, pois as cidades rurais na maioria das vezes possuem altos índices de doenças parasitárias e infecciosas, onde se pretende, apoiado no esforço do aprendizado acadêmico, realizar trabalhos envolvendo a pesquisa, o ensino e a extensão, proporcionando a população um maior senso crítico e soluções para os problemas que atualmente parecem envolver quase todo o país. Um fato epidemiológico muito importante, é que na região Amazônica, existem doenças endêmicas pouco estudadas e consideradas de grande importância, principalmente por falta de um conhecimento científico em relação ao habitat natural, epidemiologia e tratamento.

Sob a ótica da formação generalista do farmacêutico e da nova conotação na grade curricular espera-se obter um leque mais amplo de oportunidades para os

anseios do conhecimento acadêmico. Esta ampliação habilita o futuro profissional para administrar a produção de fármacos e cosméticos, bem como o qualifica para os trabalhos laboratoriais em análises clínicas e toxicológicas, passando pelos conhecimentos fundamentais na produção e controle de alimentos. Propõe-se assim construir um currículo no qual estará reunido saberes com enfoque voltado para um ensino de qualidade, em que a pesquisa e a extensão devem andar juntas e direcionadas para o atendimento das demandas sociais em saúde pública. Pretende-se desta forma gerar informações a partir de processos que envolvam a população de maneira integrada localizada em nossa região geoeducacional.

Dentro deste prisma a implantação deste curso na área da Farmácia, tem como objetivo fundamental a formação do profissional FARMACÊUTICO com competência científica e capacidade profissional para inserção no mercado de trabalho, que esteja comprometido com a sociedade, e que tenha como atribuições essenciais à promoção, proteção e recuperação da saúde humana, desenvolvendo atividades associadas aos medicamentos, aos cosméticos, aos alimentos e às análises clínicas e toxicológicas.

A área da Farmácia iniciada com o Curso de Farmácia será mais um passo para o desenvolvimento de novos cursos e propostas de pesquisas e extensão neste Estado, que possui um conjunto de motivos justificados para êxito e sucesso.

4.7 Modelo a ser Adotado para Formação do Farmacêutico pela UNIFAP

A categoria farmacêutica vem discutindo há alguns anos, através de Fóruns, Pré Conferências Regionais e Conferências Nacionais, a reformulação do ensino farmacêutico na busca de mudanças que levem o acadêmico a desenvolver habilidades tecnológicas, econômicas, culturais e sociais tendo em vista a necessidade de atualização do conhecimento e a readaptação do exercício profissional.

Em 1986 no X Encontro Nacional dos Estudantes de Farmácia, foi deflagrado a Campanha do Dia Nacional de Luta e Mobilização pelo Farmacêutico na Farmácia, isto ocorreu às vésperas da 8ª Conferência Nacional de Saúde, surgindo daí a ideia de propor a reformulação do currículo de formação do farmacêutico. Os primeiros a perceberem esta necessidade foram os estudantes, que tomaram consciência de que o modelo de formação do farmacêutico não se adequava a uma verdadeira

Assistência Farmacêutica sendo necessário a mudança do ensino de Farmácia de acordo com a realidade social e a nova política de saúde.

Os I, II e III Seminários Nacionais sobre o Currículo de Farmácia (SNCF) realizados em 1987, 1988 e 1989 redefiniram um novo perfil farmacêutico.

No IV SNCF, em 1990, através da participação de uma assessoria pedagógica foi discutida uma proposta metodológica para o currículo de Farmácia.

Em 1991, no I Encontro de Avaliação do Ensino Farmacêutico, promovido pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) foram realizadas discussões para adequação do ensino farmacêutico com o projeto de Assistência Farmacêutica preconizado para o sistema de saúde conquistado pela Reforma Sanitária.

No V SNCF, realizado em 1993, fundamentou-se as grandes Áreas do Conhecimento (Saúde Coletiva e Tecnologia) desdobrando e fundamentando as áreas que deveriam instrumentalizá-las: Ciências Biológicas, Ciências de Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Ciências Tecnológicas, Ciências Exatas e Farmácia.

Foi destacada a necessidade de inter-relação dessas áreas, para uma efetiva prática interdisciplinar. Neste encontro foi discutida, também, a relevância do desenvolvimento do estágio ao longo do curso como uma estratégia de mudança curricular que assegurasse a formação do farmacêutico de forma dinâmica e contextualizada à realidade social. Neste ano foi constituída a Comissão de Especialistas, pelo MEC, formada por três membros para trabalhar na reformulação curricular.

Com a realização dos II, III e IV Encontros Nacionais de Reforma Curricular (1993, 1994 e 1995) e o I Curso de Estratégias da Reforma do Ensino Farmacêutico (1995) foram discutidos os modelos pedagógicos, sendo que houve o fechamento de proposta de reformulação do currículo mínimo para o Curso de Farmácia que levou em consideração as áreas de Medicamentos e das Análises Clínicas, ficando de fora a área do Alimento. Esta proposta embora não fosse de consenso, foi entregue ao MEC.

Diante do protesto de inúmeras Instituições de Ensino foi feita solicitação ao CFF e ao SESU/MEC para que o MEC assumisse a liderança do processo.

Em 1996 o SESU/MEC assumiu a coordenação do processo, determinando à Comissão de Especialistas de Ensino de Farmácia a criação de um grupo técnico

(membros da Comissão de Ensino do Conselho Federal de Farmácia e docentes como consultores).

A equipe teve como preocupações não perder as áreas já conquistadas, devendo a proposta contemplar as áreas de Medicamentos, Análises Clínicas e Alimentos visando o fortalecimento das mesmas e a formação com competência em todas essas áreas.

Estes estudos levaram à conclusão da formação do farmacêutico generalista, e para adquirir os conhecimentos com a competência exigida, o curso deveria ser ministrado de 8 a 10 anos. Isto fez com que a melhor solução fosse a divisão em carreiras: Medicamentos, Análises Clínicas e Alimentos sendo, também, definido o currículo mínimo para o curso.

Com a promulgação da Lei nº 9.346/96 – Lei das Diretrizes e Bases de Educação Nacional, que acabou com o currículo mínimo, iniciou-se novo trabalho, sendo que em 1997, finalizaram-se os trabalhos com a proposta de “Diretrizes Gerais” para a Educação Farmacêutica no Brasil, composta por oito diretrizes.

Por estas Diretrizes o ensino de Farmácia era organizado em carreiras diferenciadas: Farmacêutico Clínico e Industrial, Farmacêutico Bioquímico Clínico e Farmacêutico Bioquímico de Alimentos.

O MEC convoca em 1997, 55 representantes das IES com curso de graduação em Farmácia para analisar estas Diretrizes. Como não houve concordância em relação às diretrizes, foi nomeada uma nova Comissão de Especialistas de Ensino de Farmácia.

No ano de 1998 foram encaminhadas ao MEC dezenove propostas das IES e duas dos Conselhos Regionais de Farmácia. Após a sistematização das propostas chegou-se a dois modelos: 1- Formação do Farmacêutico Bioquímico abrangente, com qualificação em todo o âmbito profissional: medicamento, análises clínicas e alimentos. 2- Existência de três carreiras: Farmacêutico, Farmacêutico Bioquímico e Farmacêutico do Alimento.

Em reunião realizada em 1999 para análises destas propostas, quando compareceram 47 IES, e consideradas as restrições e as abstenções aos modelos, foi encaminhado um documento à Comissão de Especialistas de Ensino em Farmácia, negando os dois modelos.

A Comissão de especialistas elaborou nova proposta mesclando os dois modelos, surgindo um perfil comum com atribuições essenciais em prevenção,

promoção, proteção e recuperação da saúde humana, desenvolvendo atividades associadas ao fármaco e ao medicamento, às análises clínicas e toxicológicas e ao controle, produção e análise de alimentos. O graduado em Curso de Farmácia receberia o título de Farmacêutico seguido da(s) modalidade(s) cursada(s): Medicamentos, Análises Clínicas e Toxicológicas e Alimentos. O currículo seria organizado em dois ciclos: Ciclo Comum a todas as habilitações e Ciclo Específico à modalidade.

No ano de 2000, na I Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, os docentes presentes solicitaram a discussão das Diretrizes Curriculares que se encontravam no CNE para serem analisadas e aprovadas.

Em 2001 aconteceu o Fórum Nacional de Avaliação das Diretrizes Curriculares para os cursos de Farmácia, chegando-se à proposta de formação do Farmacêutico generalista que acabou sendo aprovada com pequenas modificações pelo CNE, através do Parecer nº 1.300, de 06 de novembro de 2001 e homologado pelo Ministério da Educação através da Resolução CNE/CES nº 02/02 de 19 de fevereiro de 2002.

A implantação das diretrizes determina uma mudança radical na filosofia do ensino de Farmácia, uma vez que preconiza que o egresso deve ter formação generalista, humanista, crítica e reflexiva para atuar em todos os níveis de atenção à saúde. Até então centrado em habilidades tecnológicas, o currículo que se vislumbra nas Diretrizes Curriculares está centrado no binômio saúde/doença e no papel do farmacêutico na sua promoção/cura. Sem perder a essência da formação do farmacêutico, os cursos de Farmácia deverão estar preparados para oferecer aos estudantes uma gama de conhecimentos que contemplem a interdisciplinaridade da profissão, o enfoque de problemas regionais, a possibilidade de atualização desses conhecimentos, quer pela ampliação do leque de disciplinas optativas, quer pela educação continuada após a graduação.

O modelo proposto para formação do Farmacêutico pela UNIFAP é compatível com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia que é o modelo **GENERALISTA**.

4.8. Concepção

Uma das finalidades da Universidade Pública é a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento por meio de pesquisa científica, de modo a atender as necessidades da sociedade onde está inserida, ao mesmo tempo em que contribui para a sua transformação.

A cada dia torna-se mais evidente a premência de maior interação entre a Universidade e os demais setores da sociedade. A sociedade brasileira passa por problemas de toda ordem cuja solução pode ser alcançada com a contribuição da comunidade universitária, sobretudo através de seus pesquisadores. A pesquisa deve, neste contexto, não apenas ser encarada como fonte de soluções imediatas, mas como formadora do pensamento crítico e de profissionais aptos a responderem as exigências da realidade social.

Seu objetivo é, portanto, promover a superação da visão restrita do mundo e a compreensão da complexidade da realidade, ao mesmo tempo, resgatando a centralidade do homem como ser transformador e modificador, que produz conhecimento de modo a permitir uma melhor compreensão da realidade e do homem como ser determinante e determinado. Deve superar a visão dicotômica entre teoria e prática.

Considerando a Constituição Federal que define “a saúde como um direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”; acredita-se ser de responsabilidade do curso de Farmácia da UNIFAP a contribuição para a formação de profissionais capazes de atuar no modelo assistencial em vigor o Sistema Único de Saúde (SUS).

No Brasil, o processo de trabalho em saúde ainda predomina o modelo individual clínico, cuja organização está baseada na divisão social e técnica do trabalho, tendo como objeto o indivíduo doente e sua recuperação para o mercado de trabalho.

O curso de Farmácia da UNIFAP busca formar profissionais que sejam capazes de se incorporar num sistema mais humanitário expresso por meio de práticas sanitárias de prevenção e controle de doenças, intervindo sobre grupos populacionais e/ou indivíduos no atendimento de suas necessidades. Para tanto, é

necessário considerar o farmacêutico como agente transformador do processo de saúde, com formação generalista, crítica e reflexiva, com competência técnica, científica e política, baseada em princípios éticos.

O perfil do egresso tem formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, podendo atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor científico e intelectual. Está capacitado ao exercício de atividades referentes aos fármacos e aos medicamentos, às análises clínicas e toxicológicas, ao controle, produção e análise de alimentos, pautado em princípios éticos e na compreensão da realidade social, cultural e econômica do seu meio, dirigindo sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade.

As Diretrizes Curriculares representam orientações para a definição de currículo e oferecem parâmetros de conteúdos para as disciplinas e áreas de conhecimentos. O currículo é centrado nas competências básicas, baseando-se na capacidade de aprender e continuar a aprender, na organização de conhecimentos e habilidades, na capacidade de relacionar a teoria com a prática e na preparação para o trabalho e cidadania. Os conteúdos curriculares devem ser entendidos como meios básicos para constituir competências cognitivas e sociais através de blocos organizados de conhecimento.

Há uma organização da área de conhecimento. O currículo é estruturado na interdisciplinaridade e contextualização. A primeira permite que todo o conhecimento mantenha um diálogo permanente com outros conhecimentos, de questionamento, complementação e ampliação. Esta ocorrerá através de estudos comuns de problemas, desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão; e a contextualização pressupõe que a relação teoria e prática requer a concretização dos conteúdos curriculares em situações mais próximas ao aluno e de um ensino com situações da vida profissional relacionadas com a sociedade.

O curso de Farmácia da UNIFAP será implantado pautado nos seguintes pontos:

- a. Garantir a formação global e crítica dos graduandos capacitando-os para o exercício da cidadania, através do desenvolvimento de atitudes e valores éticos, e para a adaptação às exigências do mercado de trabalho e às inovações tecnológicas;

- b. Garantir a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, centrando-se no ensino, mas, vinculando-se estreitamente aos processos de pesquisa e extensão propiciando a prática investigativa e a educação continuada;
- c. Garantir a flexibilidade curricular, a interdisciplinaridade e a articulação entre teoria e prática de maneira que ampliem-se as dimensões científica e cultural da formação profissional.

Deve-se ainda propiciar o desenvolvimento de discussões sobre novas tecnologias educacionais e criar condições para que o currículo seja continuamente avaliado.

A pedagogia tradicional (da transmissão e do condicionamento), nos últimos tempos, passou a não atender as expectativas do processo ensino/aprendizagem. Desta maneira, os docentes serão incentivados a participar de eventos pedagógicos, nesta e em outras Instituições, na busca de outras metodologias de ensino que possibilite a formação do aluno participativo, crítico e reflexivo.

4.9 Missão do Curso

O exercício da profissão de farmacêutico tem que estar de forma articulada ao contexto social, entendendo-a como uma forma de participação e contribuição social, desenvolvendo assistência farmacêutica individual e coletiva; atuando na pesquisa, no desenvolvimento, na seleção, na manipulação, na produção, no armazenamento e controle de qualidade de insumos, e em órgãos de regulamentação e fiscalização do exercício profissional e de aprovação, registro e controle de medicamentos, emitir laudos e pareceres e responsabilizar-se tecnicamente por análises clínico-laboratoriais.

- ✓ respeitar os princípios éticos inerentes ao exercício profissional, reconhecendo a saúde como direito e condições dignas de vida, atuando de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema.
- ✓ conhecer métodos e técnicas de investigação e elaboração de trabalhos acadêmicos e científicos, atuando na pesquisa, desenvolvimento, seleção,

manipulação, produção, armazenamento e controle de qualidade de insumos, fármacos, sintéticos, recombinantes e naturais, medicamentos, cosméticos, saneantes e domissanearantes e correlatos;

- ✓ exercer a farmacoepidemiologia;
- ✓ realizar, interpretar, emitir laudos e pareceres e responsabilizar-se tecnicamente por análises clínico-laboratoriais, incluindo os exames hematológicos, citológicos, citopatológicos e histoquímicos, biologia molecular, bem como análises toxicológicas, dentro dos padrões de qualidade e normas de segurança; realizando procedimentos relacionados à coleta de material para fins de análises medicamento/medicamento e alimento/medicamento;
- ✓ exercer a dispensação e administração de nutracêuticos e de alimentos de uso integral e parenteral, atuando no planejamento, administração e gestão de serviços farmacêuticos, incluindo registro, autorização de produção, distribuição e comercialização de medicamentos, cosméticos, saneantes, domissanearantes e correlatos;
- ✓ participar na formulação das políticas de medicamentos e de assistência farmacêutica, atuando na promoção e gerenciamento do uso correto e racional de medicamentos, em todos os níveis do sistema de saúde, tanto no âmbito do setor público como do privado;
- ✓ realizar, interpretar, avaliar, emitir laudos e pareceres e responsabilizar-se tecnicamente por análises de alimentos, de nutracêuticos, de alimentos de uso enteral e parenteral, suplementos alimentares, desde a obtenção das matérias primas até o consumo;
- ✓ realizar análises físico-químicas e microbiológicas de interesse para o saneamento do meio ambiente, incluídas as análises de água, ar e esgoto.

4.10 Objetivos do Curso

4.10.1 Objetivo Geral

O objetivo geral do curso é formar farmacêuticos generalistas para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, dentro dos princípios éticos, com capacidade de exercer atividades referentes a fármacos e medicamentos, às análises clínicas e

toxicológicas e ao controle, produção e análise de alimentos, assegurando a qualidade e humanização do atendimento prestado aos indivíduos, famílias e comunidade.

4.10.2 Objetivos Específicos

A formação do Farmacêutico tem por objetivos específicos:

- ✓ dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das competências e habilidades respeitando os princípios éticos inerentes ao exercício profissional, identificando-se e integrando-se em programas de promoção, manutenção, prevenção, proteção e recuperação da saúde,
- ✓ atuar multiprofissionalmente, interdisciplinarmente e transdisciplinarmente com extrema produtividade baseado na convicção científica, de cidadania e de ética.
- ✓ reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida, perseguindo a garantia da integralidade da assistência, a ser entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema.

4.11 Metodologia de Ensino

O Curso de Farmácia da UNIFAP vem assegurar melhores níveis de qualidade, de legitimidade e de competitividade, permitindo ao Curso adquirir um novo papel no cenário da educação farmacêutica.

A metodologia promove o modelo de atenção à saúde, práticas com reflexão-ação, atividade integrada a equipes multidisciplinares, o professor é facilitador da aprendizagem que é dirigida à realidade profissional.

Métodos de ensino vêm sendo adotados de caráter inovador e diversificados, superando as aulas expositivas, tendo em vista a assimilação crítica e ativa de conteúdos, cabendo ao professor usar atividades técnicas ou instrumentos para acompanhar e apreciar o desenvolvimento dos alunos. Estas técnicas compreendem: estudos de caso, estudos dirigidos, discussão em grupo, visitas

técnicas, aulas práticas, estudos a partir de vídeo, workshop, elaboração de projetos, palestras com especialistas e seminários, os quais auxiliam no incentivo à pesquisa, à reflexão, ao desenvolvimento da visão crítica, a inovação, a capacidade de interagir em equipe.

Os métodos de ensino abaixo elencados serão utilizados pelos docentes do curso:

- 1–aula expositiva, com a utilização de equipamentos multimídia e lousa branca com participação efetiva dos alunos;
- 2–aulas práticas em laboratórios específicos– aprofundar o conhecimento teórico e habilidade prática de técnicas ou processamentos de laboratório;
- 3–estudos de casos – desenvolver a capacidade analítica mediante o estudo coletivo de problemas reais ou fictícios;
- 4–workshop ou oficinas – aprender fazendo e resolvendo problemas com auxílio de supervisor;
- 5–seminários – investigar aspectos de um problema de saúde e colocar os resultados em comum;
- 7–atividades práticas, através da realização de pesquisas e projetos de extensão junto a comunidade bem como, estágios extracurriculares internos e externos;
- 8–visitas técnicas – capacidade de observação da realidade de seu meio, expressando opiniões e posições e soluções de problemas através de relatórios e seminários.

4.12 Interdisciplinaridade

Em uma análise mais acurada, verificamos que todas as disciplinas se inter-relacionam na busca de proporcionar que ao final do curso o aluno tenha desenvolvido o perfil desejado.

As disciplinas serão distribuídas em campos ou núcleos de estudos com tópicos que permeiam uma mesma área de conhecimento e estas áreas são: Ciências Exatas, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas e Sociais e Farmácia. Observa-se a não superposição de conteúdo nas diversas disciplinas, e, possibilita-se a sequencia dos conteúdos de forma lógica e racional. Procura-se integração entre as disciplinas e entre os professores, desenvolvendo um trabalho compartilhado.

Observa-se, também, a flexibilidade e transdisciplinaridade. Por exemplo: a disciplina Saúde Pública e Epidemiologia utiliza conhecimentos de cálculos matemáticos e estatísticos para se aprender a trabalhar resultados do levantamento de doenças que acometem a população em dados estatísticos estudados e interpretados em Estatística aplicada.

4.13 Descrição do Curso

O curso terá carga horária total de 5.190 horas aula, com duração mínima de 10 semestres, para o curso oferecido em período integral.

4.13.1 Instalações

A Fundação Universidade Federal do Amapá funciona no Campus Marco Zero do Equador, Rodovia JK, km 2, bairro Universidade, na cidade de Macapá/AP. A mesma está localizada numa área de 906.722,45 m², tendo 13 blocos e cerca de 52 salas de aula.

4.13.2 Instalações Gerais da UNIFAP

O Campus possui uma área administrativa específica, onde estão as Pró-Reitorias, Recursos Humanos e Departamentos da Instituição. As salas destinadas aos colegiados de cursos, localizadas em instalações próprias, são climatizadas e dispõem de material de apoio compatível às necessidades de cada coordenação. O Departamento de Controle Acadêmico funciona juntamente com a Prefeitura no bloco administrativo (860 m²). O campus possui também um conjunto de pós-graduação (bloco "K"- 04 salas), Auditório, Ginásio de Esportes, Almoarifado Central, Centro de Lazer e Vivência, Unidade de Saúde, Departamento de Informática, Cantina, Cabine de Medição, Pórtico Principal, Reitoria e 8 laboratórios. A Fundação Universidade Federal do Amapá, foi criada através da Lei nº. 7.530 de 29 de agosto de 1986 e pelo Decreto nº. 98.997 de 2 de março de 1990, compondo o Sistema Federal de Ensino Superior em todos os Estados da Federação.

4.13.3 Espaço Físico da UNIFAP – Campus Sede

ÁREA CONSTRUIDA				
BLOCO	PAVIMENTO	m²	Unid.	m² Total
Bloco "B"	1º Pavimento	418,14	m ²	418,14
Bloco "C"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "D"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "E"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "F"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "G"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "H"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "I"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "J"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "K"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "L"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "M"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "N"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "O"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14

ÁREA CONSTRUIDA NO CAMPUS MARCO ZERO				
BLOCO	PAVIMENTO	m²	Unid.	m²
Bloco "P"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "R"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "S"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Bloco "T"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Área em Construção				
Bloco "U"	1º Pavimento	418,14	m2	418,14
Laboratório	1º Pavimento	418,14	m2	418,14

SALAS DE AULA	Medidas em m²
SALAS DE AULA – BLOCO "B" (4 SALAS)	418,14
SALAS DE AULA – BLOCO "C" (4 SALAS)	418,14
SALAS DE AULA – BLOCO "D" (4 SALAS)	418,14
SALAS DE AULA – BLOCO "E" (3 SALAS)	302,22
SALAS DE AULA – BLOCO "F" (1 SALA)	80,00
SALAS DE AULA – BLOCO "H" (4 SALAS)	320,00
CONJUNTO PÓS-GRADUAÇÃO-BLOCO "K" (4 SALAS)	418,14
SALAS DE AULA – BLOCO "J" (1 SALA)	80,00
SALAS DE AULA – BLOCO "N" (4 SALAS)	320,00
SALAS DE AULA – BLOCO "P" (4 SALAS)	320,00
SALAS DE AULA – BLOCO "Q" (4 SALAS)	320,00
SALAS DE AULA – BLOCO "R" (4 SALAS)	320,00
SALAS DE AULA – BLOCO "S" (4 SALAS)	320,00
SALAS DE AULA – BLOCO "T" (4 SALAS)	320,00
SALAS DE AULA – BLOCO "CB" (3 SALAS)	302,22
SALAS DE AULA – BLOCO "FÍSICA" (2 SALAS)	320,00

LABORATÓRIOS	Medidas em m²
LABORATÓRIO INFORMÁTICA – BLOCO “J”	160,00
LABORATÓRIO DE MICROBIOLOGIA	72,00
LAB. PRAT. JUR. – BLOCO “A” (5 SALAS)	418,14
LAB. GEOGRAFIA – BLOCO “E” (1 SALA)	115,92
LAB. DE ENFERMAGEM – BLOCO “L”	240,00
LAB. EXATAS – BLOCO “O”	240,00
LAB. CIEN. BIOL. – BLOCO “F” (3 SALAS)	240,00
LAB. EDUC. ART. BLOCO “M”	377,50

INSTALAÇÕES ADMINISTRATIVAS	Medidas em m²
ALMOXARIFADO CENTRAL	240,00
DEPSEC	311,00
DACE	137,20
BIBLIOTECA CENTRAL	911,25
CABINE DE MEDIÇÃO	9,08
DERCA (PREFEITURA)	860,00
LAZER E VIVÊNCIA	576,00
DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA	228,00
REITORIA	954,00
UNIDADES DE SAÚDE	646,35

INSTALAÇÕES PARA DOCENTES	Medidas em m²
PRÉDIO DOS PROFESSORES (1 E 2 PAVIMENTO), contendo 16 salas de 3m X 5m	736,00

AUDITÓRIO/SALA DE CONFERÊNCIA	Medidas em m²
AUDITÓRIO DA REITORIA	1.044,00

INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	Medidas em m²
CANTINA/DCE/BANHEIROS	602,00
BANHEIROS – BLOCO “J”	80,00
BANHEIROS – LAB.EXATAS	80,00
CISTERNA	77,85
REITORIA/SUBESTAÇÃO	954,00
RESERVATÓRIO ELEVADO	28,09

INSTALAÇÕES DE ACESSO	Medidas em m²
PASSARELAS COBERTAS	2.837,00
PORTICO PRINCIPAL	156,60
PISTA DE ACESSO (REITORIA)	1.760,00
PISTA DE ACESSO (PRINCIPAL)	2.720,00
SISTEMA VIÁRIO/CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES	3.534,00
02 RAMPAS DE ACESSO AOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS	-

INSTALAÇÕES ESPORTIVAS/RECREATIVAS	Medidas em m²
GINÁSIO DE ESPORTES	1.687,00
LAZER E VIVÊNCIA	576,00

INSTALAÇÕES DE ACESSO PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS
02 RAMPAS DE ACESSO AOS BLOCOS
02 VAGAS PARA ESTACIONAMENTO
02 SANITÁRIOS
01 ELEVADOR(Reitoria)
02 BEBEDOUROS ADAPTADOS

4.13.4 Infraestrutura de Segurança

A infraestrutura de segurança pessoal e patrimonial da Universidade Federal do Amapá ocorre através da terceirização de empresa de segurança privada objetivando garantir a ordem e a segurança dentro dos Campi Universitários da UNIFAP.

A prevenção de incêndio é composta por Projeto de Prevenção e Combate a Incêndios, executado a partir da instalação de rede de hidrantes, extintores, central de alarme contra incêndio e ainda pela formação de Corpo de Brigada de Incêndio, construído e treinado pelo Corpo de Bombeiros da Cidade de Macapá, visando assegurar a devida utilização dos meios de combate a incêndios oferecidos pela Universidade.

A Infraestrutura de Prevenção de Acidentes de Trabalho é representada pela Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) permitindo assim formação de consciência preventiva e corretiva de nossos funcionários com o propósito de manter um ambiente de trabalho hígido e produtivo.

4.13.5 Plano de Expansão – Existente

Bloco “U”	1 pavimento	1.480,39	m2
Bloco “V”	1 pavimento	1.145,00	m2

4.13.6 Equipamentos da UNIFAP

A Universidade Federal do Amapá, em seu Campus sede, disponibiliza a todos os seus professores e funcionários *e-mail* institucional e acesso a internet a todos os professores via coordenação de cursos, quanto aos recursos audiovisuais, atendem a demanda e estão disponíveis mediante agendamento.

Os recursos audiovisuais disponíveis são: 02 televisores, 03 retroprojetores, 03 multimídia, 01 vídeo, 02 telões, 01 aparelho de som, 01 mesa de Som com 8 canais, 01 equalizador gráfico, 01 amplificador e 02 Microfones sem fio .

4.13.7 Rede de Comunicação Científica/Biblioteca

PC's plugados a internet para acesso dos alunos	03
PC's plugados a internet para acesso dos professores	03

4.14 Serviços Da UNIFAP

Manutenção e conservação das instalações Farmácia

A manutenção e conservação das instalações Farmácia da UNIFAP é realizada através de empresa terceirizada, que possui 26 serventes em todo o Campus. A conservação e limpeza da Universidade são realizadas diariamente através de escalas e divisão de trabalho por área e alguns serviços de manutenção são realizados por servidores da própria Instituição. Diariamente, são feitas manutenções corretivas que ocorrem imediatamente após a quebra ou paralisação das instalações. É importante ressaltar também que periodicamente são feitas

manutenções preventivas assegurando assim a qualidade do serviço e das instalações da Instituição, atendendo os padrões e normas necessários.

Manutenção e Conservação dos Equipamentos

A manutenção e conservação básica dos equipamentos da UNIFAP são realizadas pelos próprios servidores da Instituição, de acordo com áreas de qualificação específica.

4.14.1 Biblioteca Central

Espaço Físico

Descrição	Metragem (m ²)
Geral	911,25
Acervo	342,87
Sala de Leitura	191,64
Auditório	50,00
CPD alunos	15,80
Restauração	14,00
Almoxarifado	18,75
Processamento	15,00
Diretoria	28,00
DML	6,00
Copa	6,00
WC FEM. Funcionários	9,40
WC MASC. funcionários	9,40
WC FEM. Alunos	16,25
WC MASC. Alunos	16,25
HALL	65,25

Acervo

Na informatização do acervo foi utilizado o sistema BOOK-MANANGE criado pelo Departamento de Informática da UNIFAP.

CONVÊNIOS

COMUT ON-LINE

O COMUT conta com varias bibliotecas-base, o que permite a qualquer pessoa a solicitação de cópias de artigos publicados em periódicos técnico-científicos (revistas, jornais, boletins, etc.), teses e anais de congressos existentes nas bibliotecas de referências no país.

Aquisição e atualização do acervo

A aquisição e atualização do acervo para atender o curso de Farmácia ocorrem da seguinte maneira:

A biblioteca envia memorando para a coordenação solicitando indicação bibliográfica, em seguida encaminha a relação dos livros solicitados a PROGRAD. Esta por sua vez encaminha à comissão de licitação (feita através de pregão uma vez por ano a nível nacional).

Periódicos

Além do acesso ao Portal de Periódicos CAPES, o acervo de periódico também é organizado e mantido através de doação, sob indicação dos professores e da coordenação.

Informatização

A Biblioteca Central é plenamente informatizada, no que se refere a CONSULTA ao acervo e aos recursos da pesquisa informatizada, contando com 10

(dez) microcomputadores, sendo quatro para CONSULTA ao acervo, seis para pesquisa informatizada.

O sistema de empréstimo é totalmente informatizado e compatível com o sistema adotado pela Biblioteca para a informatização do acervo, BUG-MANAGE, sistema criado pela própria UNIFAP, possuindo como princípio de localização o sistema SCDD-20 (sistema de classificação decimal).

O Sistema de Empréstimo controla as seguintes atividades:

- Empréstimo para CONSULTA local.
- Empréstimo domiciliar.
- Relatório estatístico e de controle de utilização (tal relatório é o encaminhado anualmente à PROGRAD)

Multimeios

Com o desenvolvimento tecnológico das informações, serão desenvolvidas atividades multidisciplinares com didática própria, onde os discentes serão estimulados a enfrentar suas dificuldades. As pesquisas obtidas via internet e vídeos, serão adequadas as suas necessidades e conduzidas sob orientação de um funcionário da Biblioteca.

Base de Dados

A base de dados BOOK MANAGE, produto multidisciplinar, disponibiliza vários títulos de periódicos com artigos e títulos indexados. Os artigos científicos são provenientes de diversas áreas do conhecimento, como ciências humanas, exatas, tecnológicas, biomédicas e etc. Faz parte do Portal de periódicos CAPES.

Jornais e Revistas

A Biblioteca adquire um número significativo de revistas através de doação, pois não existem verbas disponíveis para compra de revistas e jornais, que também são doados.

Vídeos

Objetivando o melhor aproveitamento da informação em diferentes níveis, será estimulado o auto-estudo através de projeção de vídeos de palestras, seminários, workshops e outros. O acervo de vídeos é atualizado através das indicações dos professores e da coordenação.

A Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá segue o seguinte regulamento:

Do Funcionamento

Durante o período letivo a Biblioteca funcionará, de segunda a sexta-feira, no horário das 08:00 às 22:00 h, e aos sábados 08:00 as 12:00h.

No período de recesso escolar, o funcionamento será no horário de 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00h.

Será obrigado a todo usuário que ingressa na biblioteca a entrega de seus pertences, exceto qualquer objeto de valor, ao serviço de guarda-volume.

Não será permitido a prática de atos que possam prejudicar o bem estar dos que estiverem no interior da biblioteca, ou que possam causar prejuízo ao patrimônio público nela existente.

O usuário que descumprir esta regra anterior, será impedido de usufruir dos serviços oferecidos pela biblioteca, por tempo indeterminado.

Os funcionários da biblioteca deverão ser respeitados e suas solicitações acatadas, quando visarem o bom andamento das atividades da biblioteca.

A biblioteca mantém a disposição dos usuários, um livro onde a por parte de quem desejar.

Da Inscrição do Usuário na Biblioteca

Poderão cadastrar-se como usuário, os discentes regularmente matriculados em cursos mantidos pela Universidade, docentes e técnicos-administrativos pertencentes ao quadro funcional da Instituição.

O cadastro será efetuado mediante apresentação dos seguintes documentos:

a) Docentes e Técnicos-administrativos

- Cédula de Identidade.
- Comprovante de vínculo com a Universidade.
- 01 fotografia 3x4 (recente).

b) Discentes

- Cédula de Identidade.
- Comprovante de matrícula no semestre corrente.
- 01 fotografia 3x4 (recente).

A validade da carteira será semestral para discentes e anual para docentes e técnicos-administrativos. A renovação da carteira dar-se-á mediante apresentação de comprovante de matrícula no semestre corrente, para discentes, e comprovante de vínculo com a Universidade, para docentes e técnicos-administrativos.

O usuário inadimplente com a Biblioteca terá suspenso seu direito de renovar a carteira. A solicitação de emissão ou renovação da carteira da Biblioteca poderá ser efetuada durante os primeiros meses de cada semestre letivo.

Do Uso da Sala de Leitura e do Auditório

- A Sala de Leitura será utilizada exclusivamente para atividades de leitura, sendo vedados discussões e eventos que descaracterize as ações desenvolvidas na Biblioteca, tais como: missas, colação de graus, seminários e festas.
- O auditório da Biblioteca será utilizado nos horários das 08:00 às 21:00 horas, de segunda a sexta-feira, para atividades sócio-educativas que visem aprimoramento profissional e acadêmico como seminários, palestras, fórum de debates e curso, sendo vedado para atividades acadêmicas, tais como, aulas, defesa de TCC e exibição de vídeos.
- A Solicitação para o uso dos ambientes supramencionados deverá ser feita formalmente à divisão de auxílio ao usuário, com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas, a fim de que a mesma possa analisar e emitir parecer de deferimento ou não aos interessados.
- A Sala destinada a Leitura Infantil “Toca da Leitura”, terá seu acervo para uso exclusivo no local, sendo vedado o empréstimo domiciliar e reprografia do

acervo, bem como utilização dos referidos espaços para atividades descaracterizadas dos objetivos específicos destinados.

- As utilizações de qualquer material não pertencentes ao espaço físico, ficam sob a inteira responsabilidade do usuário solicitante, ficando o mesmo na obrigação de remover o material utilizado ao final do evento.
- É vedada a utilização de alimentos de qualquer natureza no interior dos ambientes supramencionados.
- O requerimento que obtiver seu pedido deferido, para utilização dos espaços supramencionados, ficará responsável mediante termo específico expedido pela Chefia de Divisão ao Usuário, pelo bom uso e conservação dos espaços e bens patrimoniais recebidos, nas mesmas condições de recebimento.
- O uso do computador da sala de Leitura Infantil “Toca da Leitura”, para acesso a INTERNET, deverá ser solicitada a Direção da Biblioteca, que através do preenchimento de formulário de reserva estipulará os dias, horários disponíveis e assuntos a serem pesquisados apenas para o público alvo do referido setor.
- A sala destinada ao Periódico deverá ser utilizada exclusivamente por usuários interessados pela referida coleção, ficando a Consulta condicionada no local, sendo vedada a saída de qualquer material pertencente ao acervo.
- Os servidores da Biblioteca, quando no exercício da função operacional, fiscalizarão ao fiel cumprimento do estabelecido, propondo, se for o caso diligências para fins de regularização.
- O não cumprimento as determinações deste regulamento, acarretará a aplicação de penas administrativas legais.

Do Empréstimo de Documentos do Acervo

- A cessão de qualquer publicação por empréstimo, pela Biblioteca Central, aos usuários cadastrados, obedecerá às normas constantes neste documento.
- Para usufruir do empréstimo é necessário prévio cadastramento na Biblioteca Central.
- Somente o usuário portador da carteira da Biblioteca poderá efetuar empréstimos, ficando sujeito à suspensão durante todo o semestre corrente

aquele que for surpreendido tentando burlar o serviço de empréstimo da Biblioteca.

- Cada usuário terá direito ao empréstimo de até 03 (três) documentos, com títulos diferentes.
- O empréstimo de material documental não poderá ser efetuado por prazo superior a (07) sete dias, independentemente do tipo de usuário.
- Não poderá ser efetuada a renovação do empréstimo da mesma obra antes do seu retorno a estante, entretanto, poderá ser efetuado empréstimo de outro exemplar, desde que haja disponibilidade.
- É facultado a docentes e técnico-administrativo, o empréstimo das obras citadas no sub-ítem 5.2, pelo prazo máximo de 02 (dois) dias, devendo a liberação ser feita pela Direção da Biblioteca ou pelo Chefe da Divisão de Auxílio Usuário.

Da Consulta na Biblioteca

- O acesso ao serviço de Consulta, é efetuado a qualquer pessoa mediante apresentação de qualquer documento de identificação pessoal.
- Ocorrendo a não devolução de qualquer documento solicitado o sub-ítem 5.2, imediatamente após a consulta, por parte do usuário, este terá suspenso seus direitos de usufruir dos serviços oferecidos pela Biblioteca durante todo o semestre corrente.

Das Penalidades

A não restituição do documento tomado por empréstimo dentro do prazo estabelecido, acarretará as seguintes providências:

- a) Cobrança de multa, por dia de atraso, durante o período em que a obra estiver sob posse do usuário;
- b) Suspensão do direito de empréstimo, pelo dobro dos dias em que a obra estiver sob a posse do usuário;
- c) A Biblioteca notificará o usuário inadimplente, ao final de cada semestre letivo, para que efetue sua regularização com o serviço de circulação;

- d) Em caso de não atendimento a notificação contida na alínea “C” deste sub-ítem, a Biblioteca expedirá documento ao DERCA, se aluno, ou ao Departamento no qual o usuário estiver lotado, se funcionário, solicitando a adoção das medidas previstas neste documento;
 - e) Sendo aluno desta Universidade, terá sua matrícula impedida enquanto estiver inadimplente com a Biblioteca;
 - f) Se Docente ou Técnico-administrativo, será dado prazo de 48 (quarenta e oito) horas, para que efetue sua regularização com o serviço de Circulação da Biblioteca, caso isto não ocorra, será iniciado o processo administrativo disciplinar com a comunicação ao superior do servidor faltoso.
- A Biblioteca não aceitará a devolução de qualquer documento incompleto ou danificado pelo usuário, ficando o responsável obrigado a substituí-lo por um novo.
 - A publicação danificada ou extraviada deverá ser substituída por outra do mesmo autor e título. Caso haja impossibilidade, a Biblioteca indicará qual a obra que deverá substituir.
 - A substituição da obra danificada ou extraviada deverá ser efetuada na Circulação da Biblioteca; e após análise e aceite, deverá ser entregue recibo de quitação ao interessado.

Serviços

Horário de funcionamento

A Biblioteca funciona das 8:00h às 22:00h. O acervo fica disponível a consulta via internet através da *home page* da Universidade.

Serviço de Acesso ao Acervo

Empréstimo

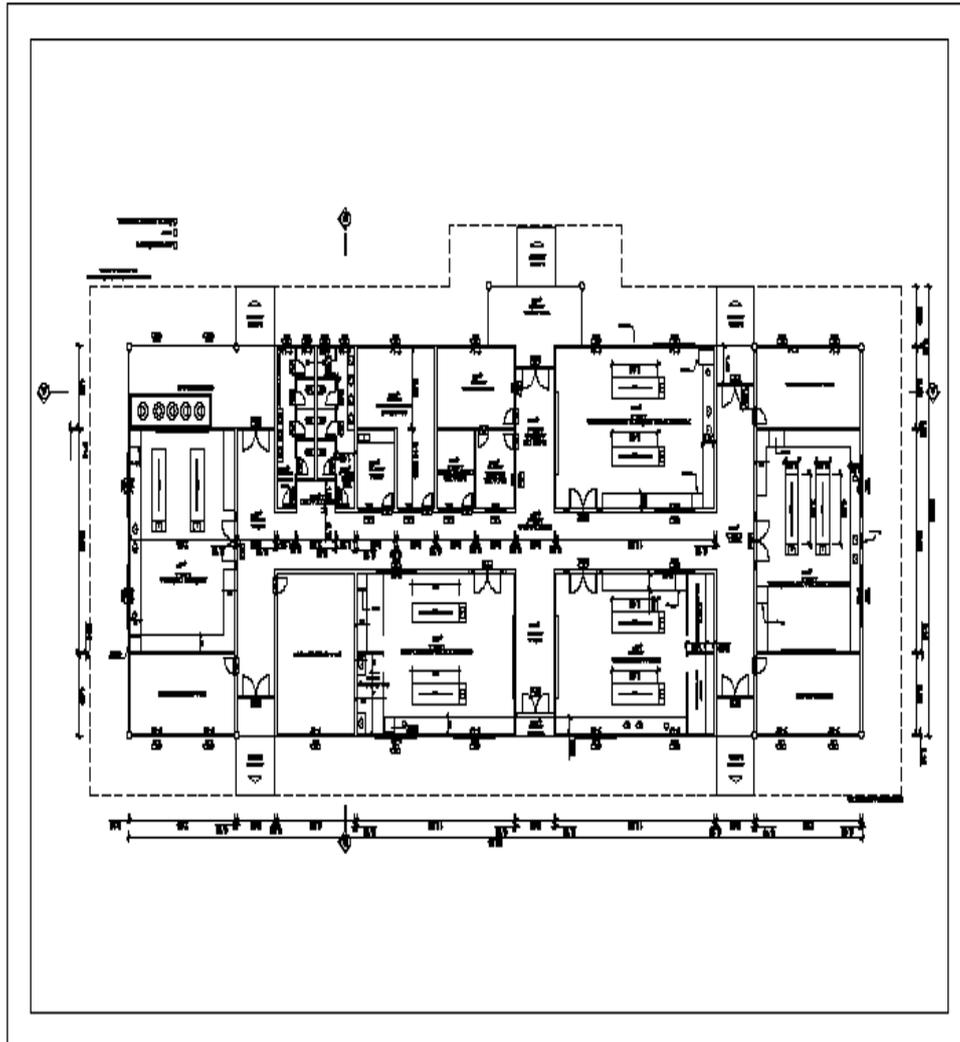
O sistema de acesso adotado pela biblioteca é totalmente informatizado, o discente localiza no computador o código de localização de obra pública, isto facilita a agilidade no atendimento.

O sistema de empréstimo funciona da seguinte forma:

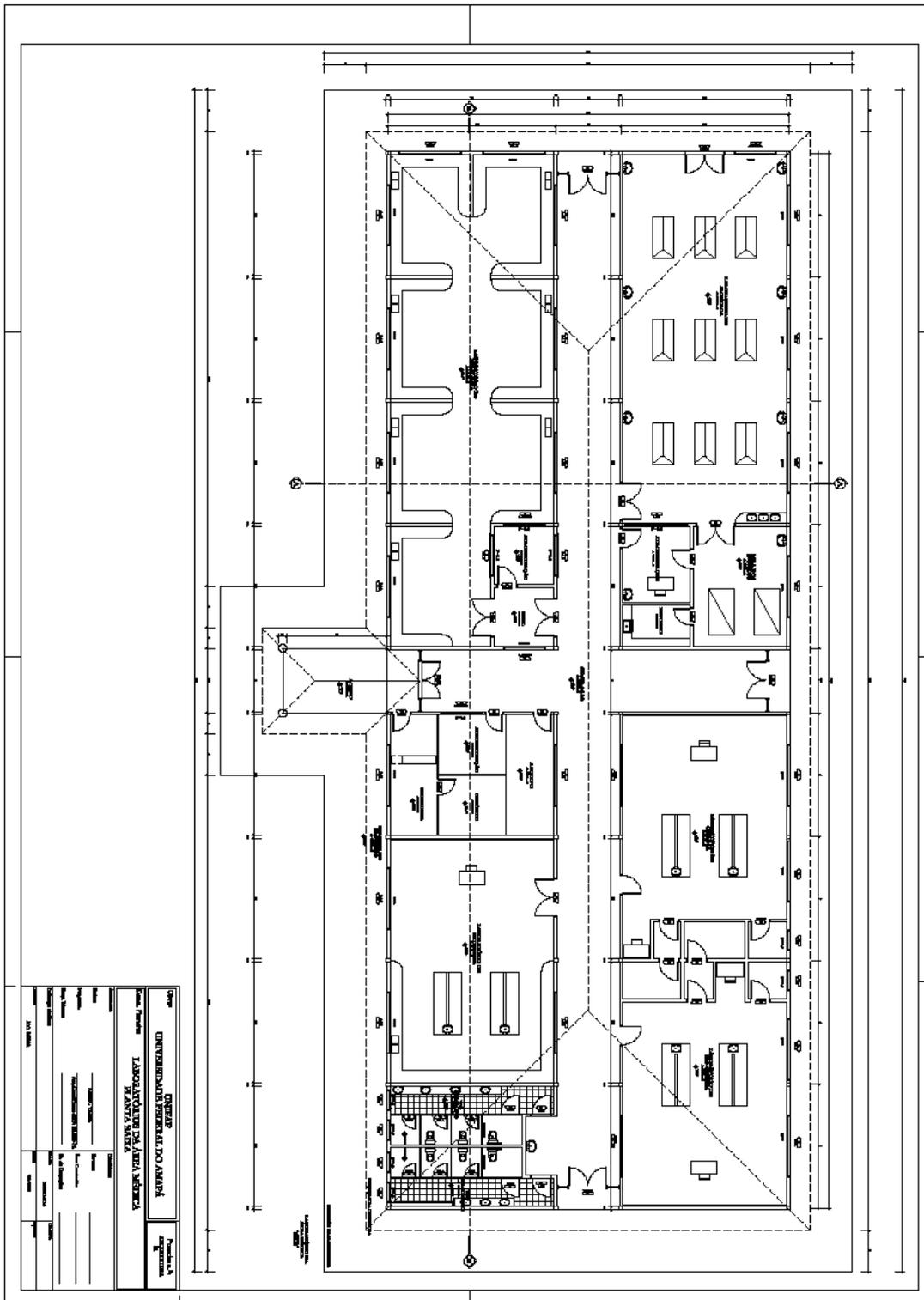
- Empréstimo para CONSULTA local
- Empréstimo domiciliar
- Controle de utilização (informatizado)

5 Infra-Estrutura Física do Curso de Farmácia da UNIFAP

		Farmácia
		Ambientes
		Área (m ²)
Análise Química	Análise Química	85,17
	Sala administrativa	30,21
	Central de Gás	43,92
Controle de Qualidade	Controle de Qualidade	93,02
	Sala administrativa	45,92
Farmacognosia Fitoquímica	Farmacog. Fitoquím.	85,17
	Central de Gás	30,21
	Sala administrativa	30,21
Farmacotécnica	Cápsulas	7,8
	Comprimidos	7,8
	Farmacotécnica	76,93
Toxicologia	Toxic. Quím. Farm.	93,02
	Circulação	218,91
	Copa	10,97
	Sala da Coordenação	10,97
	Sala de Computação	10,97
	Sala dos Professores	33,92
	W.C. Feminino	20,12
	W.C. Masculino	20,12
	Área Geral	1034,82



	Área Ciências da Saúde	
	Ambientes	Área (m ²)
Anatomia	Administração	12,03
	Expurgo	6,5
	Lab. de Anatomia	140,22
	Sala dos tanques	26,03
Fisiologia	Administração	8,12
	Hall	8,12
	Lab. de Fisiologia	166,22
Patologia	Administração	9,24
	Lab. de Patologia	93,02
	Sala de preparo	13,3
Microbiologia	Laboratório	80,29
	Sala 3	3,33
	Sala 7	2,38
	Sala 8	5,04
Bioquímica	Lab. de Bioquímica	80,39
	Sala 4	3,33
	Sala 5	5,35
	Sala 6	2,47
	Circulação	191,91
	Sala 1	13,31
	Sala 2	9,24
	W.C. Feminino	20,12
	W.C. Masculino	20,12
Área Geral		990,09



5.1 Equipamentos

Laboratório de Química Geral e Química Analítica

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANT
01	Alcoômetro	01
03	Autoclave	01
04	Autoclave	01
05	Balança analítica (Mod. FA2104N)	01
06	Balança analítica de precisão	01
07	Banho maria	01
08	Capela de exaustão de gases	01
12	Dessecador de vidro	01
13	Destilador	01
14	Espectrofotômetro	01
15	Estufa	01
16	Lavador de pipetas em PVC	01
17	Manta aquecedora	01
18	Microscópio binocular	24
19	pHmetro de bancada	01

Laboratório de Farmacognosia e Fitoquímica

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANT
01	Alcoômetro	01
02	Balança analítica (DS2000g)	01
03	Balança analítica (Mod. FA2104N)	01
04	Balança de precisão (Acculab)	01
05	Balança Diagtech	01
06	Balança analítica (FA2104N)	01
07	Banho Maria	01
08	Bomba de vácuo	01
09	Bomba de vácuo	01

10	Capela de exaustão de gases	01
11	Controlador de temperat. (Mod. N480D)	01
12	Dessecador de vidro	01
13	Espectrofotômetro	01
14	Estufa	01
15	Freezer horizontal 400 L	01
16	Freezer horizontal 400 L	01
17	Manta aquecedora	01
18	Maquina de gelo	01
19	Microscópio binocular	01
20	pHmetro de bancada	01
21	Rotavapor	01
22	Rotavapor	01
23	Sistema para eletroforese SE-250 composto de 02 cubas, 01 fonte e 01 scanner de mesa.	01
24	Tubo de descarte em PVC	01
25	Tubo de descarte em PVC	01
26	Tubo de descarte em PVC	01

Laboratório de Toxicologia e Química Farmacêutica

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANT
01	Balança analítica (Mod. FA2104N)	01
02	Balança de precisão (Acculab)	01
03	Geladeira	01
04	Capela de exaustão de gases	01
05	Dessecador de vidro	01
06	Espectrofotômetro	01
07	Estufa	01
08	pHmetro de bancada	01
09	Centrífuga de tubos	01

Laboratório de Bromatologia e Controle de Qualidade

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANT
01	Alcoômetro	01
02	Autoclave vertical	01
03	Balança analítica	01
04	Balança de precisão (Acculab)	01
05	Banho Maria	01
06	Bomba de vácuo	01
07	Capela de exaustão de gases	01
08	Deionizador	01
09	Dessecador de vidro	01
10	Destilador	01
11	Durômetro	01
12	Equipamento de dissolução 6 poços Nova Ética	01
13	Equipamento de dissolução 6 poços Nova Ética	01
14	Equipamento de osmose reversa	01
15	Equipamento desintegrador 3 poços Nova Ética	01
16	Espectrofotômetro	01
17	Estufa	01
18	Forno mufla	01
19	Lavador de pipetas (PVC)	01
20	Manta aquecedora	01
22	Medidor de Ponto de Fusão	01
23	Microscópio binocular	22
24	pHmetro de bancada	01
25	Rotavapor	01

Laboratório de farmacotécnica e tecnologia farmacêutica

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANT
01	Alcoômetro	01
02	Balança analítica (Mod. FA2104N)	01
03	Balança de precisão (Acculab)	01
	Balança de precisão (Acculab)	01
04	Banho maria	01
05	Câmara climática com controle de temperatura	01
06	Capela de exaustão de gases	01
07	Encapsulador	01
08	Encapsulador	01
09	Estufa	01
10	Estufa de secagem e esterilização	01
11	Granulador oscilante	01
12	Homogenizador em "V"	01
13	Homogenizador-batedeira planetária	01
14	Manta aquecedora	01
15	Microscópio binocular	
16	Misturador amassador	01
17	Percolador	01
18	pHmetro de bancada	01
19	Prensa para comprimidos	
20	Secador	01
21	Termoformadora automática (blistadeira)	01

6. NUCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO DE FARMÁCIA

Capítulo I

Da Natureza e das Finalidades

Art. 1º. O presente Regimento disciplina a composição, as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante – NDE – do Curso de Graduação em Farmácia da Universidade Federal do Amapá.

Art. 2º. O NDE do Curso de Graduação em Farmácia tem por finalidade a criação, implantação, atualização periódica e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso - PPP.

Capítulo II

Das Atribuições

Art. 3º. São atribuições do NDE:

a. Discutir, elaborar, modificar e acompanhar a implantação do Projeto Pedagógico do Curso;

b. Definir o perfil do formando egresso/profissional de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia e o Projeto Pedagógico Institucional - PPI;

c. Estabelecer os objetivos do curso, indicando o compromisso deste em relação ao ensino, à pesquisa, à extensão e ao perfil do egresso;

d. Promover a articulação e integração dos conteúdos disciplinares, tanto no plano horizontal como vertical;

e. Encaminhar as propostas de reestruturação curricular ao Colegiado do Curso para aprovação;

f. Supervisionar, analisar e atualizar a avaliação do processo de ensino e aprendizagem;

g. Analisar os Planos de Ensino das disciplinas do curso sugerindo adequações de acordo com o PPP;

h. Acompanhar, atualizar, articular e adequar o PPP de acordo com a Comissão Própria de Avaliação - CPA, o Sistema Nacional de Avaliação da

Educação Superior – Sinaes, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade e o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI;

j. Emitir relatório semestral dirigido ao Colegiado do Curso;

Capítulo III **Da Composição**

Art. 4º - O Núcleo Docente Estruturante é constituído pelo Coordenador do Curso e por no mínimo 5 membros do corpo docente do Curso de Farmácia, conforme prevê a Resolução N° 01, de 17 de junho de 2010, da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES).

§ 1º. O NDE é presidido pelo Coordenador do Curso de Farmácia, sendo que em sua ausência ou impedimento eventual, a presidência do NDE será exercida pelo vice coordenador ou um docente por ele designado.

.§ 2º. A indicação dos representantes docentes será feita pelo Colegiado do Curso de Farmácia, com mandato de 4 anos.

.§ 3º. O presidente e os membros do NDE serão nomeados pelo Reitor, por meio de portaria específica.

.§ 4º. Todas as ausências nas reuniões do NDE devem ser justificadas.

.§ 5º. A ausência não justificada em duas reuniões ordinárias consecutivas ou três extraordinárias consecutivas implicará no desligamento do docente, cabendo ao colegiado do curso indicar o seu substituto.

.§ 4º. Caso um dos membros do NDE esteja no mandato de coordenador de curso, ele passa a acumular o cargo.

Art. 5º - São requisitos necessários para atuação no NDE:

I- Titulação em nível de pós-graduação *stricto sensu*; - sendo pelo menos 50% (cinquenta por cento) de docentes com título de doutor;

II- Regime de trabalho em tempo integral (40 horas ou DE);

III- Pertencer ao corpo docente do curso de Farmácia da Universidade Federal do Amapá.

Capítulo IV

Das Atribuições do Presidente

Art. 6º - Ao Presidente do NDE compete:

- a. Coordenar e supervisionar os trabalhos do NDE;
- b. Organizar a pauta, convocar e presidir as reuniões do NDE;
- c. Exercer o voto de qualidade, quando ocorrer empate nas votações;
- d. Encaminhar as deliberações do NDE ao Colegiado do Curso;
- e. Designar um representante docente para secretariar e lavrar as atas;
- f. Representar o NDE sempre que assim for necessário;
- g. Promover a integração com a Instituição;
- h. Resolver questões de ordem.

Capítulo V

Das Reuniões

Art. 7º – O NDE reunir-se-á ordinariamente no início e no final de cada semestre letivo e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria dos seus membros efetivos.

Art. 8º. – O quorum necessário para o início da reunião será de 50% (cinquenta por cento) dos membros do NDE, sendo que, passados 30 (trinta) minutos do horário estabelecido para o seu início, a mesma poderá ser realizada com um número mínimo de 3 participantes.

§ 1º – As deliberações do NDE serão tomadas por maioria simples de votos.

§ 2º - A reunião será presidida pelo Presidente ou pelo seu legítimo representante, na ausência deste.

Capítulo VI

Das Disposições Finais

Art. 9º – Os casos omissos e as dúvidas surgidas na aplicação do presente Regimento serão discutidos e resolvidos em reunião do NDE ou por órgão superior, de acordo com a legislação vigente.

Art. 10º – O presente Regimento entra em vigor após aprovação pelo Colegiado do Curso, realizado em reunião no dia 21 de Outubro de 2011.

7 NORMALIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR DO CURSO DE FARMÁCIA DA UNIFAP

7.1 Introdução

O curso de Farmácia da UNIFAP pretende formar farmacêuticos generalistas com a adequada fundamentação teórica e instrumentalização técnica como base para uma ação competente e eficaz que os capacite a analisar situações, identificar problemas, planejar ações, elaborar e definir propostas de soluções no âmbito de sua atuação. Para tanto, o graduando deverá receber uma sólida formação básica onde devem ser abordadas as áreas de conhecimentos e habilidades fundamentais à formação profissional e acadêmica.

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Farmácia definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos para a proposta de formação do farmacêutico generalista, sendo necessária a sua aplicação em âmbito nacional no desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação em Farmácia.

A formação farmacêutica generalista abrange os três níveis de atuação: Alimentos, Análises Clínicas e Toxicológicas e, de Fármacos e Medicamentos, dando estrutura e embasamento teórico-prático ao profissional graduado, subsidiando o conhecimento necessário para a distinção qualitativa deste, no mercado de trabalho.

O estágio supervisionado é um cumprimento da Lei N^o 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes de instituições regulares de ensino. Trata-se de uma atividade obrigatória que deve ser cumprida pelo aluno em instituições públicas e/ou privadas sob a orientação e supervisão de professor supervisor e/ou profissionais credenciados.

O estágio supervisionado tem por princípios a formação acadêmica, pessoal e profissional do futuro farmacêutico. Ele deve ser estruturado de forma a dar continuidade aos conhecimentos e habilidades adquiridas nas diversas disciplinas e atividades previamente ministradas pela Instituição de Ensino Superior (IES).

Dessa maneira, o Projeto de Estágio do Curso de Farmácia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) fundamenta-se na Resolução N^o 02/2010, de 26 de fevereiro de 2010, do Conselho Universitário da Universidade Federal do Amapá (CONSU/UNIFAP), que regulamenta o estágio supervisionado no âmbito desta

IFES, na Lei N. 11.788, de 25/09/2008, que dispõe sobre o Estágio de estudantes de Instituições regulares de Ensino, a fim de ser cumprido pelo aluno-estagiário conforme a grade curricular do curso de Farmácia, em anexo, que totaliza 900 horas.

7.2 Objetivo Geral

O presente projeto de estágio supervisionado do curso de Farmácia da UNIFAP (ESCCF/UNIFAP) visa oportunizar uma vivência teórico-prática a partir da interação entre a reflexão oriunda da academia e a atuação em situações concretas da realidade no âmbito da profissão farmacêutica.

7.3 Objetivos Específicos

- Permitir a observação da realidade da Instituição concedente;
- Estabelecer conexões reais entre a formação acadêmica e o mundo profissional;
- Propiciar aos acadêmicos espaços e experiências profissionais, para o desenvolvimento de competências voltadas à solução de problemas no âmbito farmacêutico;
- Desenvolver diversas tarefas e procedimentos que relacionem diretamente teoria e prática.
- Permitir ao futuro Farmacêutico a experimentação de suas habilidades pessoais e de relacionamento interpessoal;
- Levar à comunidade os resultados obtidos nas atividades acadêmicas, tendo em vista o papel da Universidade, no sentido da disseminação do conhecimento produzido.

7.4 Metodologia

O estágio supervisionado será dividido em duas etapas:

- 1) Atividades de Observação e Análise.
- 2) Desenvolvimento das Atividades.

Durante todas as etapas, o aluno será acompanhado individualmente por um professor supervisor do Curso de Farmácia da UNIFAP, que é o profissional responsável pelo Estágio Supervisionado do curso de bacharelado. Ao se

apresentar à Instituição Concedente designada, cada estagiário levará consigo uma cópia do “Formulário” e do “Termo de Compromisso”.

Ao final de cada campo do estágio supervisionado, o aluno-estagiário deverá entregar ao professor supervisor o relatório de atividades de Estágio, como um dos requisitos para a aprovação no semestre e integralização do curso.

No momento da apresentação do estagiário, a Direção Geral da Instituição Concedente, deverá repassar suas normas administrativas, que deverão ser cumpridas rigorosamente, de acordo com os princípios da ética e do profissionalismo.

O estagiário será instruído pela coordenação de estágio para repassar em encontros periódicos com o supervisor da área de estágio, informações sobre as atividades desenvolvidas, bem como as experiências profissionais na área de execução do Estágio, para que a coordenação de estágio possa orientar e supervisionar o desenvolvimento das atividades previstas no Projeto de Estágio. Todos os conteúdos programáticos desenvolvidos pelos estagiários devem estar em compatibilidade com a seqüência da programação das disciplinas já cursadas nos semestres anteriores.

Com o consentimento da Instituição Concedente, torna-se responsabilidade do aluno-estagiário, durante seu período de estágio, comprometer-se com suas atividades tanto na equipe de trabalho em que estagia quanto com a Coordenação de Estágio. Assim, o aluno-estagiário deve cumprir com as normas, cuidar e zelar pelos locais e recursos disponibilizados pela Instituição Concedente e avisar qualquer ausência antecipadamente, ou ainda justificar as inesperadas. É direito do aluno-estagiário usufruir toda estrutura que a Instituição Concedente possa proporcionar, bem como relatar à coordenação do estágio supervisionado qualquer problema interno que venha a ocorrer.

Cabe a instituição concedente zelar pelo cumprimento da Lei do Estágio, da legislação relacionada à saúde e segurança do trabalho para os Contratos de Estágio, a fim de garantir que as atividades desenvolvidas sejam compatíveis com as previstas no Termo de Compromisso e no Projeto de Estágio.

Fica estabelecido, com base na Lei 11.788, de 25 de Setembro de 2008, que o número máximo de estagiários em relação ao quadro de pessoal das entidades concedentes deverá atender às seguintes proporções:

I – de 1 (um) a 5 (cinco) empregados: 1 (um) estagiário;

II – de 6 (seis) a 10 (dez) empregados: até 2 (dois) estagiários;

III – de 11 (onze) a 25 (vinte e cinco) empregados: até 5 (cinco) estagiários;

IV – acima de 25 (vinte e cinco) empregados: até 20% (vinte por cento) de estagiários.

7.5 Atividades de Observação e Análise

Inicialmente, o estagiário deve observar e analisar a estrutura administrativa e funcional da Instituição Concedente, observando a disponibilidade de recursos físicos, materiais, financeiros e humanos. Também, deve observar a integração da Instituição Concedente com a comunidade e analisar os documentos da rotina de atividades relacionadas ao estágio.

Essa etapa de “Observação e Análise” não se restringe só aos primeiros dias de Estágio, pois ela deve se prolongar durante todas as demais etapas, permitindo que o aluno obtenha informações diversas, tais como: (1) Protocolos Operacionais Padrão; (2) Recursos materiais mais utilizados no campo avaliado; (3) Indicações bibliográficas; (4) Métodos de Biossegurança; (5) Procedimentos e técnicas mais utilizadas pelos Farmacêuticos e Técnicos; (6) Técnicas de Avaliação dos resultados do processo avaliado; e (7) Principais dificuldades enfrentadas por profissionais da área.

O estagiário deverá observar a filosofia e missão da instituição concedente; cronograma de atividades; fluxogramas existentes; funcionamento dos diversos órgãos e setores da instituição concedente; e integração da instituição concedente com outras instituições públicas e privadas.

Durante a fase de diagnóstico o aluno-estagiário do curso será acompanhado de um professor supervisor vinculado à UNIFAP, de acordo com o Projeto de Estágio.

Após isso, serão iniciadas as atividades práticas que deverão ser realizadas por cada aluno-estagiário com apoio do coordenador e do supervisor de estágio ou áreas afins da Instituição Concedente, que é a melhor conhecedora da realidade local.

7.6 Registro de Estágio

O registro de estágio pode ser feito por meio dos seguintes documentos:

- Relatórios: elaborados pelos alunos, com no mínimo 1 (um) por semestre

- Registros de atividades

Para esta elaboração devem-se fazer reflexões sobre a aplicação de cada atividade; se os objetivos foram atingidos, como foi o seu desempenho, as atividades foram adequadas e tudo o mais que for relevante. Nesta fase também se deve relacionar teoria e prática.

No registro poderão constar diversos documentos anexos, como por exemplo: cópia de relatórios, questionários, apresentação de trabalhos em eventos científicos (resumos, artigos), procedimentos técnicos e fluxogramas.

A conclusão do registro deve conter uma análise sobre o estágio desenvolvido com a apresentação de resultados. Esse relatório de estágio deve passar por avaliação final do Professor Supervisor em concordância com a Coordenação do estágio.

7.7 Normas do Estágio Supervisionado

O estágio curricular é atividade obrigatória que integra o currículo pleno dos cursos de graduação da UNIFAP e é organizado pela Divisão de Estágio do Prodocência (Programa de Apoio à Docência). O objetivo da Divisão de Estágio é atender aos discentes de todos os cursos e semestres da Instituição oferecendo informações sobre oportunidades de estágios curriculares obrigatórios e não obrigatórios (estes últimos não são considerados como horas para estágio supervisionado – necessário à conclusão do curso), orientações profissionais, assinaturas de contratos de estágio, termos aditivos e termos de parceria com empresas de diversos portes e segmentos, bem como com empresas de integração.

A prática do estágio curricular tem amparo legal pela Lei N° 6.494 de 07 de dezembro de 1.977 e Lei N° 8.859 de 23 de março de 1994, decreto N° 87.497 de 18 de agosto de 1982, decreto N° 89467 de 21 de março de 1984 que dispõem sobre o período de duração do estágio, a jornada de atividade do estágio – que deverá ser compatível com o horário acadêmico, a compatibilidade da atividade prática ao contexto básico do curso, o pagamento de bolsa auxílio, a necessidade de seguro de acidentes pessoais em favor do estagiário, a desvinculação empregatícia.

A inserção no mundo do trabalho, na qualidade de estagiário, proporciona ao discente um aprendizado prático muito salutar ao seu desempenho acadêmico. O estágio curricular é considerado como atividade de aprendizagem social, profissional

e cultural, proporcionando ao estudante a participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio.

Os estagiários deverão ser alunos regularmente matriculados e que freqüentem, efetivamente, cursos vinculados à estrutura do ensino público e o particular, de educação superior, de educação profissional, do ensino médio e de educação especial, aceitos por pessoas jurídicas de direito privado, órgãos da administração pública e instituições de ensino, para desenvolvimento de atividades relacionadas a sua área de formação.

O estágio, como parte integrante do processo formativo, contribui para a formação do futuro profissional permitindo ao estudante:

1. A aplicação prática de seus conhecimentos teóricos, motivando seus estudos e possibilitando maior assimilação das matérias curriculares;
2. Amenizar o impacto da passagem da vida estudantil para o mundo do trabalho, proporcionando contato com o futuro meio profissional;
3. Adquirir uma atitude de trabalho sistematizado, desenvolvendo a consciência da produtividade, a observação e comunicação concisa de idéias e experiências adquiridos e, incentivando e estimulando o senso crítico e a criatividade;
4. Definir-se em face de sua futura profissão, perceber eventuais deficiências e buscar seu aprimoramento;
5. Conhecer as diretrizes, organização e funcionamento das instituições de ensino, pesquisa e tecnologia em geral, além de propiciar melhor relacionamento humano.

O estágio não é, portanto, emprego ou mão-de-obra barata. Para que o estudante possa realizar estágio deverá haver o firmamento de parceria entre Instituição de Ensino e a empresa concedente do estágio, além do Contrato de Estágio entre estudante e a Concedente e a anotação, facultativa, do estágio na CTPS do estagiário.

Portanto, no Curso de Farmácia, o ESTÁGIO é conteúdo curricular obrigatório, programado e diretamente supervisionado por docente desta instituição e constitui-se em conjunto de atividades de formação a ser desenvolvido pelo acadêmico, a partir do 4º semestre. Tem por objetivo assegurar a consolidação e articulação das competências estabelecidas para a profissão por meio do contato do formando com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos,

habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais. As atividades, desenvolvidas na Instituição ou fora dela, devem contribuir para o desenvolvimento das habilidades e competências previstas neste projeto.

A carga de 900 horas obrigatória de estágio deve ser distribuída nas diversas áreas do curso de Farmácia da UNIFAP, sendo de livre escolha do acadêmico a área para carga horária excedente de estágio, as quais, para efeito de cômputo curricular seguirão os procedimentos constantes no item - “Normas para o Estágio Supervisionado”, aprovado pelo Colegiado do Curso.

7.8 Mecanismos de Acompanhamento do Estágio

Para orientar e acompanhar o estágio supervisionado de seus alunos, o Colegiado de Farmácia elaborou o Manual de Estágio Supervisionado, com o objetivo esclarecer e auxiliar toda e qualquer dúvida quanto às premissas que envolvem as atividades inerentes à gestão acadêmica e gerencial do Estágio Supervisionado. Este manual traça também as linhas gerais através das quais nos propomos a trabalhar com o profissional em formação.

A Comissão do *Estágio Curricular Supervisionado*, definida pelo Colegiado do Curso, será constituída por três professores efetivos do Curso de Farmácia, a qual compete o gerenciamento das atividades a ele inerentes.

7.9 Regulamento do Estágio Supervisionado

Resolução N° 02/2010, de 26 de fevereiro de 2010, do Conselho Universitário da Universidade Federal do Amapá (CONSU/UNIFAP), que regulamenta o estágio supervisionado no âmbito desta IFES

Do Objeto

Art. 1 - O presente regulamento dispõe sobre as condições e critérios que orientam a atividade do estágio supervisionado do Curso de Farmácia.

Art. 2 - A atividade de estágio supervisionado integra a estrutura curricular do Curso de Farmácia e tem por fim assegurar ao estudante a experiência nas diversas áreas de competência da atuação profissional.

Das Disposições Legais

Art. 3 - Este regulamento tem por base as discussões sobre os Estágios Supervisionados Curricular e Extra Curricular, levadas a efeito pela Comissão de estágio e aprovada pelo colegiado de Farmácia.

Art. 4 - É da responsabilidade da Instituição assegurar a experimentação prática na formação do estudante do Curso de Farmácia da UNIFAP.

Das Disposições Gerais

Art. 5 - A atividade de Estágio Supervisionado está alocada na matriz curricular a partir do 4º período do curso de Farmácia e se desenvolverá durante sete (07) períodos letivos, computando ao final do curso o total de 900 horas.

Art. 6 - As atividades de aprendizagem e campos de atuação pertinentes às diversas áreas do exercício e prática profissional do farmacêutico generalista integram o presente regulamento.

Dos Objetivos e Natureza do Estágio do curso de Farmácia

Art. 7º O Estágio tem os seguintes objetivos:

- I** Estabelecer conexões reais entre a formação acadêmica e o mundo profissional;
- II** Associar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Graduação às habilidades que o profissional precisa desenvolver para “saber-fazer” frente às exigências da sociedade e das organizações;
- III** Propiciar aos acadêmicos espaços e experiências profissionais, para o desenvolvimento de competências voltadas à solução de problemas;
- IV** Complementar o processo ensino-aprendizagem promovido pelo Curso de Graduação, mediante o fortalecimento das potencialidades do aluno e de seu aprimoramento profissional e pessoal.

Da Natureza do Estágio do curso de Farmácia

Art. 8º O Estágio pode ser de duas naturezas:

- I Obrigatório:** é aquele previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação, como componente indispensável para a integralização do currículo;
- II Não-Obrigatório:** é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária obrigatória do Curso de Graduação.

Parágrafo único: o Estágio, tanto Obrigatório quanto Não-Obrigatório, em hipótese alguma cria vínculo empregatício.

Art. 9º O estágio tem natureza prática em sua totalidade e não pode ser confundida com a dimensão prática das demais disciplinas integrantes do currículo.

Da Comissão

Art. 10º A atividade de Estágio será coordenada pela Comissão de Estágio conforme a Resolução 02/2010 e supervisionada pelos Professores, membros do corpo docente do Curso de Farmácia.

Art. 11º A atividade contará com uma Comissão de estágio supervisionado que terá as seguintes atribuições:

I Organizar, planejar, avaliar e Coordenar, em nível macro, o desenvolvimento dos Estágios previstos para o semestre letivo, sejam eles Obrigatórios ou Não-Obrigatórios;

II Manter o Colegiado do Curso informado sobre os trabalhos e atividades práticas desenvolvidas;

III Coordenar os trabalhos dos professores supervisores;

IV Relacionar os professores de acordo com a área de especialização e interesse do campo de estágio para exercerem a supervisão e acompanhamento do mesmo;

V Homologar o nome dos Professores-Supervisores de Estágio, sejam eles de natureza Obrigatória ou Não-Obrigatória;

VI Organizar a escala dos professores supervisores de estágio definindo e as respectivas cargas horárias que serão incluídas aos Planos de Atividades Individual do Docente (PAID) dos respectivos professores ao início de cada semestre letivo;

VII Aprofundar análises, estudos e discussões a respeito de assuntos relacionados ao estágio;

VIII Convocar e presidir as reuniões com os Professores Supervisores;

IX Propor aos Professores Supervisores o calendário de reuniões, atividades e eventos;

X Proferir voto de qualidade, em caso de empate na condução e decisão de questões pertinentes à atividade de estágio;

XI Definir o módulo de estagiários, considerando a natureza da atividade e metodologia a ser empregada;

XII Elaborar e estabelecer as normas de acompanhamento, fiscalização e avaliação dos estágios;

XIII Elencar e credenciar os cedentes por áreas de concentração;

XIV Compatibilizar a jornada de atividade em estágio, com o horário acadêmico e com o da instituição cedente em que venha a ocorrer o estágio;

XV Deliberar sobre situações-problema que venham a ser formalmente apresentadas pelos supervisores, preceptores, discentes, ou ainda pela DE, visando à correção de rumos na execução do Estágio.

Dos Professores Supervisores

Art. 12º São atribuições dos Professores Supervisores:

I Fazer avaliação individual do rendimento do estagiário, bem como acompanhar a frequência e a assiduidade dos estagiários durante todo o período de atividades;

II Orientar o estagiário no desenvolvimento das atividades práticas valorizando os aspectos éticos profissionais;

III Avaliar a qualificação da instituição cedente do estágio no que tange a um real aprendizado por parte do estudante;

IV Cumprir os objetivos e fundamentos da atividade estágio supervisionado segundo o Projeto Político do Curso - PPC;

V Realizar visitas periódicas nos campos de estágio durante a realização dos mesmos, conforme as escalas;

VI Orientar os preceptores na realização da Avaliação Parcial 1(AP1);

VII Realizar a Avaliação Parcial 2 e a Avaliação Final, sendo que a última consiste na correção do relatório final;

VIII Manter a Comissão de Estágio Supervisionado informada sobre qualquer intercorrência durante o estágio, bem como comunicar qualquer problema ou sugestão dos preceptores ou empresas/ órgãos cedentes e sobre o desenvolvimento das atividades no Campo de Estágio, formalizando toda e qualquer situação-problema configurada durante a execução do Estágio e que esteja fora de sua competência;

IX Elaborar cronograma das avaliações de estágio e apresenta-lo aos discentes ao inicio de cada período de estágio.

X Formalizar a assinatura do Termo de Compromisso é o acordo tripartite celebrado entre a Convenente (UNIFAP), a Conveniada (Concedente do Estágio) e o Estagiário (aluno da Graduação), e que os vincula a um conjunto de responsabilidades que deverão ser atendidas durante a realização do Estágio.

- XI** Participar das atividades programadas pela Comissão de Estágio Supervisionado visando ao planejamento e avaliação global das atividades a serem desenvolvidas no Estágio;
- XII** Visitar, avaliar e selecionar, juntamente com a Comissão de Estágio Supervisionado as entidades previstas como Instituições-Campo para os Estágios Obrigatórios, sempre na observância dos critérios básicos;
- XIII** Apresentar e encaminhar, oficialmente, através de uma carta de apresentação, os Alunos-Estagiários aos respectivos Campos de Estágios e seus responsáveis técnicos;
- XIV** Orientar, supervisionar e avaliar, pontualmente, o desenvolvimento do Estágio que esteja sob sua responsabilidade dentro do semestre letivo, seja ele Obrigatório ou Não-Obrigatório, conforme a escala.

Dos estagiários

Art. 13º São de responsabilidade dos Estagiários:

- I** Estar regularmente matriculado e frequentando as disciplinas do curso de farmácia da UNIFAP, bem como esta matriculado na disciplina de estágio;
- II** Estar aprovado nas disciplinas consideradas pré-requisito de casa estágio o qual o estagiário solicita matrícula;
- III** Cumprir no mínimo 75% da carga horária, prevista no cronograma de Estágio;
- IV** Cumprir o treinamento prático com responsabilidade e ética;
- V** Assinar o “Termo de Compromisso” a ser celebrado com a parte cedente e com a parte interveniente obrigatória da UNIFAP, representada no ato, pelo Supervisor de estágio;
- VII** Conhecer e executar o regulamento de estágio, presente no manual do estagiário e os dispositivos da legislação pertinente aos estágios supervisionados;
- VIII** Comunicar ao seu respectivo professor supervisor sobre qualquer intercorrência durante o estágio, bem como comunicar qualquer problema ou sugestão dos preceptores ou empresas/órgãos cedentes;
- IX** Comunicar, sempre que necessário a ausência do professor supervisor a comissão de estágio supervisionado;
- X** Demonstrar responsabilidade e organização no desenvolvimento do Estágio;
- XI** Atender às normas da Instituição Concedente;
- XII** Participar das avaliações de desempenho individual e coletivo, sempre que solicitado.

Dos preceptores

Art. 14º São atribuições dos Preceptores de estágio:

- I** Colaborar com a formação dos estagiários, em sua respectiva área de atuação, de acordo com as ferramentas disponíveis no serviço;
- II** Realizar a Avaliação Parcial 1, conforme modelo disponibilizado pelo professor supervisor, sendo este o responsável pelos devidos esclarecimentos necessários para a realização desta avaliação;
- III** Orientar o estagiário no desenvolvimento das atividades práticas valorizando os aspectos éticos profissionais;
- IV** Cumprir os objetivos da atividade estágio supervisionado conforme os Artigos 7º e 8º deste regulamento;
- V** Manter o supervisor de estágio informado sobre qualquer intercorrência durante o estágio, bem como comunicar qualquer problema ou sugestão pessoal ou das empresas/ órgãos cedentes;
- VI** Realizar atividades que possam contribuir com o processo de treinamento ou ensino-aprendizagem dos estagiários de acordo com as necessidades ou possibilidades;
- VII** Realizar, sempre que necessário, dinâmicas ou outras atividades avaliativas que sirvam de subsídio para a avaliação parcial 1 (AP1);
- VIII** Cobrar dos estagiários o cumprimento do regulamento de estágio do curso de farmácia, bem como o cumprimento das normas institucionais necessárias;
- XI** Acompanhar a frequência e a assiduidade dos estagiários durante todo o período de atividades;
- X** Comunicar, sempre que necessário, a ausência do professor supervisor a comissão de estágio supervisionado;
- XI** Receber os Estagiários, em data previamente marcada com o Professor-Supervisor, fornecendo as informações necessárias para um Estágio eficiente e proveitoso;
- XII** Apresentar os estagiários à equipe administrativa, possibilitando a integração dos envolvidos no Estágio;
- XIII** Informar ao Professor-Supervisor qualquer irregularidade ou alteração no processo de Estágio, proporcionando os ajustes necessários, para que não haja solução de continuidade ao trabalho desenvolvido.

Da avaliação

Art. 15º A avaliação proceder-se-á durante todo o desenvolvimento do estágio e ao final deste.

§ 1º A metodologia de avaliação da atividade de estágio está definida no respectivo cronograma de Estágio e abrange os seguintes itens:

- a) Desempenho e envolvimento do estagiário com as atividades propostas pelo professor supervisor de Estágio;
- b) Desempenho e envolvimento do estagiário com as atividades propostas pelo preceptor de Estágio;
- c) Entrega do registro de atividades (relatório).

§ 2º A avaliação do estagiário seguirá as normas e critérios da UNIFAP, sendo atribuídas notas de 0 a 10, de acordo com o rendimento do acadêmico.

§ 3º Será considerado reprovado na atividade o aluno que:

- a) Deixar de cumprir a carga horária mínima prevista de 75% de frequência.
- b) Não obtiver a nota mínima (média de 5,0 pontos) no final do semestre.

Das Organizações Cedentes

Art. 16º As Organizações Cedentes poderão ser públicas ou privadas.

Art. 17º O Termo de Compromisso poderá ser o da própria empresa ou conforme modelo fornecido pela UNIFAP.

Art. 18º A organização cedente, mediante solicitação da comissão de estágio, poderá proceder à avaliação do estagiário, e encaminhá-la a comissão de estágio.

Art. 19º São atribuições das Instituições Cedentes:

I Celebrar Termo de Compromisso com a UNIFAP e com Aluno que comprovadamente esteja matriculado e tenha frequência regular às aulas, firmando num acordo tripartite um conjunto de responsabilidades que deverão ser cumpridas durante a realização do Estágio;

II Zelar pelo cumprimento da Lei do Estágio, da legislação relacionada à saúde e segurança do trabalho para os Contratos de Estágio, do Termo de Compromisso e do Projeto de Estágio;

III Garantir que as atividades desenvolvidas no Estágio sejam compatíveis com as previstas no Termo de Compromisso e no Projeto de Estágio;

IV Indicar funcionário do quadro de pessoal, com formação igual ou superior à pretendida pelo Estagiário, bem como com experiência profissional na área de execução do Estágio, para que possa orientar e supervisionar o desenvolvimento das atividades previstas no Projeto de Estágio;

V Manter documentos relacionados ao Estágio e ao Aluno-Estagiário à disposição dos órgãos de fiscalização externa.

Da Organização Concedente

Art. 20º O Seguro, de responsabilidade da Instituição Concedente, é elemento obrigatório para a efetivação do Estágio, seja ele Obrigatório ou Não-Obrigatório, e sua cobertura deve prever todo e qualquer acidente pessoal que venha a ocorrer com o estudante durante o período de vigência do Estágio, vinte e quatro horas por dia, tanto em âmbito nacional quanto internacional.

§ 1º Quando se tratar de Estágio Obrigatório, realizado em Instituições Públicas, alternativamente o Seguro poderá ser contratado pela UNIFAP, através da Pró-Reitoria de Administração e Planejamento (PROAP).

§ 2º A matrícula no Curso de Graduação, no semestre em que a disciplina Estágio Supervisionado esteja sendo ofertada, é condição *sine qua non* para a contratação do Seguro.

Art. 21º O estágio Não-Obrigatório poderá ser creditado como Atividade Complementar (AC), desde que esteja previsto no Projeto Pedagógico do Curso e no respectivo Plano Operacional das AC, indicadas na Resolução 024/2008, de 22/10/2008 – CONSU/UNIFAP.

Art. 22º Não será permitida a continuação do Estágio a alunos que venham a fazer trancamento ou cancelamento do Curso, dentro do semestre letivo em que se esteja aplicando o Estágio.

Dos pré-requisitos de Estágio Supervisionado

Art. 23º São pré-requisitos do estágio supervisionado curricular:

I Estágio Supervisionado I – Carga horária 60 horas: As disciplinas de Biossegurança (60 horas/ 4 Créditos) e Bioética (45 horas/ 3 Créditos).

II Estágio Supervisionado II – Carga horária 60 horas: A disciplina de Farmacologia Geral (90 horas/ 6 Créditos).

III Estágio Supervisionado III – Carga horária 120 horas: As disciplinas de Bromatologia e nutrição (60 horas/ 4 Créditos) e Saúde Pública (45 horas/ 3 Créditos).

IV Estágio Supervisionado IV – Carga horária 120 horas: As disciplinas de Farmácia Hospitalar (60 horas/ 4 Créditos) e Farmácia Clínica e Terapêutica (60 horas/ 4 Créditos).

V Estágio Supervisionado V – Carga horária 120 horas: As disciplinas de Farmacotécnica I (60 horas/ 4 Créditos) e Farmacotécnica II (75 horas/ 5 Créditos).

VI Estágio Supervisionado VI – Carga horária 120 horas: O aluno ter sido aprovado no mínimo 50% das disciplinas que integram a matriz curricular do curso de farmácia (aprovação em, no mínimo, 37 disciplinas).

VII Estágio Supervisionado VII – Carga horária 300 horas: As disciplinas de Hematologia Clínica (60 horas/ 4 Créditos) e Bioquímica Clínica (60 horas/ 4 Créditos).

Das Disposições Transitórias

Art. 24º Este Regulamento entrará em vigor depois de aprovado pelo Colegiado do Curso de Farmácia

Parágrafo Único - Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Farmácia.

Art. 25º O presente regulamento poderá, em qualquer tempo, ser reformulado por proposta do Núcleo Docente Estruturante e posteriormente, pelo Colegiado do Curso de Farmácia.

7.12 Categorias de Cedentes de estágio:

- I - Empresa ligada à área de farmácia comercial, hospitalar e manipulação;
- II - Órgãos públicos;
- III - Laboratórios de análises clínicas e toxicológicas;
- IV- Hospitais;
- V- Indústrias;
- VI- Clínicas de atendimento especializado.

O Curso de Farmácia, através do setor competente da Universidade Federal do Amapá fará os convênios com as empresas, órgãos públicos municipais, estaduais e federais e instituições não governamentais para possibilitar aos acadêmicos todas as condições para cumprir os requisitos exigidos.

Interrupção do estágio:

- O Estágio é interrompido, quando o estudante:
 - I - Tranca a matrícula na IES;
 - II - Deixa de freqüentar regularmente o estágio;

7.13 Campos de Estágio do Curso de Farmácia

O Estágio Supervisionado Curricular Obrigatório do Curso Farmácia abrange as diversas áreas de atuação do Farmacêutico Generalista.

O acadêmico em estágio deve ser supervisionado por profissional devidamente habilitado para as atividades desenvolvidas e no decorrer do curso deverá cumprir o total 900 horas divididas em: estágio supervisionado I (60 horas), estágio supervisionado II (60 horas), estágio supervisionado III (120 horas), estágio supervisionado IV (120 horas), estágio supervisionado V (120 horas), estágio supervisionado VI (120 horas), estágio supervisionado VII (300 horas).

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I - Carga Horária 60 horas

OBJETIVO

- Desenvolver atividades relacionadas às disciplinas referentes ao primeiro, segundo, terceiro e quarto semestre da matriz curricular;
- Estimular no acadêmico o pensamento crítico e científico do campo vivenciado;

CAMPOS DE ESTÁGIO

- **Laboratório de análises clínicas:** aplicação dos princípios de biossegurança, aplicação dos princípios de bioética na recepção e coleta de amostras biológicas no laboratório de análises clínicas;
- **Farmácia comunitária:** aplicação dos princípios básicos de farmacologia e de introdução a Farmácia; aplicação dos princípios básicos de epidemiologia;
- **Educação e Saúde:** acompanhamento de Agentes Comunitários de Saúde (ACS), aplicação dos princípios básicos de epidemiologia, parasitologia, microbiologia, biossegurança, bioética, introdução à teoria sociológica aplicada à área da saúde, bromatologia e nutrição e procedimentos básicos em saúde no Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) e Equipes de Saúde da Família (ESF);

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II – Carga Horária 60 horas

OBJETIVO

- Desenvolver atividades relacionadas às disciplinas referentes ao quarto e quinto semestre da matriz curricular;

- Estimular no acadêmico o pensamento crítico e científico do campo vivenciado;

CAMPOS DE ESTÁGIO

- **Drogarias privadas:** aplicação dos princípios básicos de farmacologia geral, farmacodinâmica, farmacoepidemiologia e gestão de serviços farmacêuticos.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III – Carga Horária 120 horas

OBJETIVO

- Desenvolver atividades relacionadas às disciplinas referentes ao quarto, quinto e sexto semestre da matriz curricular;
- Estimular no acadêmico o pensamento crítico e científico do campo vivenciado;

LOCAL DE ESTÁGIO

- **Análises bromatológicas e controle de qualidade de produtos:** aplicação dos princípios básicos de bromatologia e controle microbiológico de alimentos;
- **Central de Assistência Farmacêutica Estadual e Municipal:** aplicação dos princípios básicos de atenção farmacêutica farmacologia geral, farmacodinâmica, farmacoepidemiologia.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV – Carga Horária 120 horas

OBJETIVO

- Desenvolver atividades relacionadas às disciplinas referentes ao sétimo semestre da matriz curricular;
- Estimular no acadêmico o pensamento crítico e científico do campo vivenciado;

LOCAL DE ESTÁGIO

- **Farmácia Hospitalar e Farmácia Clínica:** aplicação dos princípios básicos de gestão de serviços farmacêuticos, atenção farmacêutica, farmacologia clínica e terapêutica.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO V – Carga Horária 120 horas

OBJETIVO

- Desenvolver atividades relacionadas às disciplinas referentes ao oitavo semestre da matriz curricular;
- Estimular no acadêmico o pensamento crítico e científico do campo vivenciado;

LOCAL DE ESTÁGIO

- **Farmácia de Manipulação:** aplicação dos princípios básicos de tecnologia farmacêutica e de cosméticos, farmacotécnica I e II, farmacologia, farmacodinâmica, farmacologia clínica e terapêutica, controle de qualidade físico-químico;
- **Laboratório de Fitoterapia:** aplicação dos princípios básicos de produção fitoterápica;
- **Farmácia homeopática:** aplicação dos princípios básicos de homeopatia.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI – Carga Horária 120 horas

OBJETIVO

- Desenvolver atividades relacionadas às disciplinas referentes às disciplinas de interesse do discente contempladas na matriz curricular;
- Estimular a pró-atividade do acadêmico, bem como o seu pensamento crítico e científico do campo vivenciado;

CAMPO DE ESTÁGIO

- **Análises Clínicas;**
- **Análises Toxicológicas;**
- **Assistência Farmacêutica;**
- **Atenção Farmacêutica;**

- **Controle de Qualidade de Produtos;**
- **Estágio Rural (Atenção Básica);**
- **Farmácia Hospitalar;**
- **Indústria Farmacêutica;**
- **Manipulação de produtos farmacêuticos;**
- **Marketing Farmacêutico e Gestão Farmacêutica.**

ESTÁGIO SUPERVISIONADO VII – Carga Horária 300 horas

OBJETIVO

- Desenvolver atividades relacionadas às disciplinas referentes à matriz curricular;
- Estimular no acadêmico o pensamento crítico e científico do campo vivenciado;

CAMPO DE ESTÁGIO

- **Análises Clínicas:** Parasitologia clínica; Bacteriologia clínica; Citologia clínica; Hematologia clínica; Virologia clínica; Imunologia clínica; Bioquímica clínica; Micologia; Biologia Molecular Aplicada ao Diagnóstico Laboratorial; Gestão e Garantia da Qualidade no Laboratório Clínico e Análises Toxicológicas.

8 NORMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE FARMÁCIA DA UNIFAP

8.1 Introdução

Entende-se por Atividades Complementares as ações desenvolvidas pelos acadêmicos paralelas a realização do curso de Graduação com vistas à sedimentação dos saberes construídos em sua trajetória acadêmica, voltadas à pesquisa, ao ensino e a extensão, e que sigam uma metodologia contextualizada e constituída a partir do objetivo de obtenção de resultados em curto prazo, condizentes com a área de abrangência do curso. As Atividades Complementares compõem o currículo do curso, sendo necessário o mínimo de 200 horas para o seu cumprimento (Resolução N° 024/2008 – CONSU/UNIFAP).

É composta por atividades pertinentes e úteis para a formação humana e profissional do acadêmico, aceita para compor o plano de estudos do Curso de Farmácia e seu colegiado. O Curso de Graduação em Farmácia considera como atividade complementar a participação em seminários, palestras, congressos, conferências, viagens de estudos, projetos de pesquisa e extensão, estágios extracurriculares, atividades de iniciação científica e de pesquisa, publicação de trabalhos, participação em órgãos colegiados, monitoria ou outras atividades a critério do colegiado. Sob nenhum pretexto estes registros dispensarão o aluno de frequentar as disciplinas fixas da grade curricular. A recusa na aceitação de documentos fica a critério do colegiado do curso.

Consideram-se como Atividades Complementares as seguintes modalidades:

- ✓ **Atividades de extensão:** conjuntos de atividades de extensão inter-relacionadas e de maior amplitude, envolvendo atividades interdisciplinares eventuais ou permanentes.
- ✓ **Atividades de pesquisa:** conjunto de atividades desenvolvidas em uma das linhas de pesquisa existentes no curso de Farmácia.

- ✓ **Participação em eventos de natureza científica, artístico-culturais:** são ações que envolvem organização, promoção ou atuação e apresentação de trabalhos para clientela específica, objetivando a difusão de conhecimentos, processos ou produtos científicos, técnicos e culturais, tais como: congressos, semana acadêmica, seminários, oficinas, feiras, desenvolvidos ou reconhecidos pela UNIFAP.

- ✓ **Produções diversas:** intercâmbio, confecção de vídeo, filmes, materiais educativos e culturais, protótipos, inventos.

8.1.1 Mecanismos de Acompanhamento e Cumprimento das Atividades Complementares

Para o acompanhamento e cumprimento das atividades, a Coordenação do Curso de Farmácia:

1. Estimula e facilita a realização das atividades complementares.
2. Intermedia a atuação da Coordenação de Estágio junto às unidades promotoras.
3. Comparece, sempre que convocada, às reuniões da Coordenação de Estágio da UNIFAP para prestar informações e assessoramento sobre assuntos relacionados às atividades complementares.
4. Informa a academia e demais instâncias do andamento das atividades complementares.
5. Realiza a gestão interna e externa na busca dos meios para viabilizar as propostas de efetivação das atividades complementares.
6. Estabelece políticas, metas e programas para a realização/efetivação das atividades complementares.
7. Oficializa junto à Coordenação de Estágio a distribuição da carga horária destinada às atividades complementares conforme as modalidades previstas aprovadas pelos Colegiados e Departamentos.

1. Atividades Complementares - AC

Exigidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, as Atividades Complementares constituem parte de conteúdos curriculares que o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Farmácia deve atender, além dos referentes às Disciplinas e às Atividades Obrigatórias. Representa um aspecto bastante inovador, uma vez que passa a exigir e incorporar atividades relacionadas à formação do discente que, até então, eram por ele realizadas de forma espontânea, sem serem computadas em histórico escolar.

As atividades complementares acadêmicas são de diversos tipos e modalidades. Têm como traço comum o fato de serem realizadas frequentemente em ambiente exterior à sala de aula tradicional. As possibilidades de sua realização aumentaram com os programas oferecidos pela Universidade Federal do Amapá nas áreas de Pesquisa, Ensino e Extensão.

Para sua efetivação e cômputo como AC, torna-se necessária a orientação acadêmica e avaliação contínua das atividades com o acompanhamento de um docente do colegiado bem como que as mesmas sejam comprovadas por documentação pertinente.

As atividades complementares se caracterizam por permitirem ao discente o direito de escolha. Ele pode realizar, ao longo do curso, quaisquer atividades de seu interesse particular, que serão consideradas como complementares desde que atendam às normas do PPP. Podem ainda ser desenvolvidas em qualquer período, desde que acompanhadas da anuência de um docente do Colegiado de Farmácia. Também se exigirá do discente que cumpra certa quantidade de atividades complementares (200 horas), sem a qual ele não poderá concluir o curso. Está descrito, no texto a seguir, todas as atividades consideradas complementares para o Curso de Farmácia.

Além de consultas ao docente orientador acadêmico, é importante que o discente tenha conhecimento prévio deste quadro, pois as atividades realizadas somente serão consideradas AC, se enquadrarem nas que nele estão listadas. As atividades complementares estão distribuídas segundo grupos de atividades de ensino, pesquisa e extensão, tendo o aluno que participar em pelo menos dois grupos de atividades.

2. Descrição das Atividades Complementares

BLOCO 1 – ENSINO

- **Atividade de Monitoria reconhecida pela Pró-reitoria de Ensino e Graduação** – Um período de exercício de monitoria, com dedicação semanal de 10 horas e com apresentação de resultados parciais ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento acadêmico.
- **Monitoria Voluntária reconhecida pela Coordenação de Farmácia** – Um período de exercício de monitoria, com dedicação semanal de 5 a 10 horas para o discente e com apresentação de resultados parciais ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento acadêmico.

BLOCO 2 – PESQUISA

- **Atividade de Iniciação Científica com bolsa** – Um período de atividades de Iniciação Científica com dedicação semanal de 20 horas e com apresentação de resultados parciais e finais através de relatórios ou de apresentação de trabalhos em eventos científicos.
- **Atividade de Iniciação Científica Voluntária** – Um período de Atividades de Iniciação Científica com dedicação semanal de 10 a 20 horas e com apresentação de resultados parciais e finais através de relatórios ou de apresentação de trabalhos em evento científico.
- **Participação em Eventos Internacionais (autor e apresentador)** – Participação em eventos internacionais diretamente relacionados às atividades acadêmicas e profissionais da área da Farmácia ou áreas afins com apresentação de trabalho e publicação nos anais do evento.
- **Participação em Organização de Eventos** – acadêmicos ou não.

- **Participação em Eventos Nacionais** – diretamente relacionados às atividades acadêmicas e profissionais da área da Farmácia e áreas afins. (Palestrante, Ouvinte, apresentação de trabalho como autor, co-autor).
- **Participação em Eventos Regional** – diretamente relacionados às atividades acadêmicas e profissionais da área da Farmácia e áreas afins. (Palestrante, Ouvinte, apresentação de trabalho como autor, co-autor).
- **Participação em Eventos Locais** – diretamente relacionados às atividades acadêmicas e profissionais da área da Farmácia e áreas afins. (Ouvinte, apresentação de trabalho como autor, co-autor).
- **Publicação** – em Eventos Internacionais, Nacionais, Regionais e Locais através dos anais de congressos e similares, comprovados com a apresentação de documento pertinente. Na condição de autor, co-autor.
- **Publicação** – em Livros, Revistas, Periódicos, e outros Internacionais, Nacionais, Regionais e Locais comprovados com a apresentação de documento pertinente.

BLOCO 3 – EXTENSÃO

- **Projetos de Extensão com bolsa** – um período de participação em Projeto de Extensão com dedicação semanal de 12 a 20 horas e com apresentação de resultados parciais e finais através de relatórios ou de apresentação de trabalhos em evento acadêmico.
- **Projetos de Extensão Voluntários** – um período de participação em Projeto de Extensão com dedicação semanal de 12 a 20 horas e com apresentação de resultados parciais e finais através de relatórios ou de apresentação de trabalhos em evento acadêmico.

- **Representação Estudantil** – participação como representante estudantil no Colegiado de Farmácia, nas Plenárias, Conselhos, Centro Acadêmico ou nos Colegiados Superiores com apresentação de documento comprobatório de participação na Reunião.
- **Representação Estudantil Diretoria** – participação anual como membro de diretoria de entidade de representação político-estudantil.
- **Viagem de Estudo Nacional ou Regional** – viagens na área de Farmácia que resultem em relatório circunstanciado, validado e aprovado por um docente responsável, consultado previamente.
- **Visitas Técnicas** – visitas técnicas na área da Farmácia que resultem em relatório circunstanciado, validado e aprovado por um docente responsável, consultado previamente.
- **Cursos e minicursos de Extensão - Participação, na condição de ministrante** – em curso promovido por instituição de ensino ou profissional reconhecida pela UNIFAP. O conteúdo do referido curso deverá estar relacionado à profissão de Farmacêutico, ter uma carga horária mínima de 04 horas, sob a coordenação de um docente e devidamente documentado.
- **Cursos de Extensão - Participação, na condição de colaborador ou organizador** – em curso promovido por instituição de ensino ou profissional devidamente reconhecida pela UNIFAP. O conteúdo do referido curso deverá estar relacionado à profissão de Farmacêutico, ter uma carga horária mínima de 10 horas e estar devidamente documentado.
- **Cursos e minicursos de Extensão na condição de ouvinte** – participação, em curso promovido por instituição de ensino ou profissional devidamente reconhecida pela UNIFAP. O conteúdo do referido curso deverá estar

relacionado à profissão de Farmacêutico, ter uma carga horária mínima de 04 horas e estar devidamente documentado.

- **Palestras, defesas de monografias, dissertações e teses** – participação em palestras, defesas de monografias, dissertações e teses sobre conteúdo relacionado à profissão de Farmacêutico e áreas correlatas, na condição de ouvinte e cuja participação esteja devidamente documentada através de certificados e/ou declarações.
- **Participação em concurso local, regional e nacional** – participação em concurso diretamente relacionado às atividades acadêmicas e profissionais em Farmácia e áreas afins.
- **Premiação em concurso local, regional e nacional** – como autor, co-autor, em concurso local, regional ou nacional diretamente relacionado às atividades acadêmicas e profissionais em Farmácia e áreas afins.
- **Confecção ou publicação de Material Didático** – material de apoio técnico didático de alguma disciplina do curso, desde que não tenha sido pontuado em outra atividade, com envolvimento mínimo de 20 h, devidamente comprovado e atestado pelo docente responsável.
- **Outras Atividades de Extensão** – quaisquer atividades não previstas, realizadas em caráter contínuo, relacionadas à área da Farmácia, às quais o discente tenha se dedicado pelo período mínimo de 03 meses e com jornada de 20 horas semanais. Estas atividades devem ser reconhecidas pelo Colegiado do Curso de Farmácia mediante documento comprobatório.

A quantificação de atividades complementares ocorre através da carga horária semestral mínima de 15 horas e máxima de 50 horas, tendo o discente que completar ao final de todo o período o quantitativo da carga horária total prevista. No início de cada período será entregue ao discente um planejamento de diversas atividades relacionadas à pesquisa, ensino e extensão visando dar oportunidade de opção ao discente.

Ao final de cada semestre, o discente deverá entregar na Coordenação do Curso para ser anexada à sua pasta acadêmica os comprovantes e documentos pertinentes ao desenvolvimento das atividades previstas e concluídas no período.

A carga horária total prevista para o desenvolvimento das Atividades Complementares é de no mínimo 200 horas distribuídas em pelo menos 10 períodos letivos. Fica vedado ao discente acumular ou antecipar todas as horas de AC em um único período, portanto torna-se necessário que a cada período o discente comprove o equivalente ao mínimo de 15 horas em Atividades Complementares nas áreas de ensino, pesquisa ou extensão.

A operacionalização do cômputo da carga horária obtida com estas atividades será efetuada da seguinte forma: à medida que o discente realizar as atividades no decorrer do período, ele deverá requerer, junto à instituição ou agência onde atuou os respectivos comprovantes (declarações, diplomas, certificados e outros). O objetivo da apresentação ao final de cada período evitará possíveis entraves e dificuldades por conta do acúmulo de documentação ao final do curso, dificultando assim a integralização curricular do discente. Os documentos apresentados pelos discentes deverão constar do documento original e de uma cópia sendo que a autenticação será feita por um dos membros do colegiado, devolvido o original ao aluno.

O discente poderá recorrer ao Colegiado do Curso de Farmácia, caso se sinta prejudicado na análise da documentação apresentada, no prazo máximo de 15 dias antes do término do semestre. Todos os casos omissos devem ser submetidos à análise do mesmo Colegiado.

3. Oferta Regular de Atividades pela própria IES

O curso de Farmácia oferece atualmente aos seus alunos a possibilidade de participação nos grupos de pesquisa dos docentes do Curso, os quais promovem frequentemente seminários, palestras, grupos de estudo. Além disso, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação promove eventos de divulgação de pesquisa e encontros regulares.

4. *Participação em Eventos Científicos e Seminários Extra Classe*

A participação em eventos científicos e seminários compõem o rol de atividades ofertadas para os alunos do Curso de modo a permitir o cumprimento das 200 horas de formação livre.

5. *Incentivo à realização de atividades fora da IES*

A UNIFAP está em constante comunicação com outras instituições de ensino e pesquisa. Assim, sendo sempre convidada a participar de eventos, por meio de seus professores como palestrantes ou compondo mesas e de seus alunos como ouvintes ou apresentando trabalhos científicos.

9 NORMATIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE FARMÁCIA DA UNIFAP

Neste documento são apresentadas as informações e normas para elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Farmácia da Universidade Federal do Amapá, de acordo com a Resolução N° 11/2008 CONSU/UNIFAP que estabelece as diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso em nível de Graduação, no âmbito da UNIFAP.

CAPÍTULO I DA DEFINIÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é entendido nos termos da Resolução N° 11/2008 CONSU/UNIFAP como uma disciplina obrigatória para os cursos de graduação, que tem como objetivo prover iniciação em atividades de pesquisa, viabilizando a relação integradora e transformadora entre os saberes apropriados pelos acadêmicos durante a realização do Curso.

O TCC resulta de um processo de investigação científica desenvolvido pelos acadêmicos, dentro de uma das linhas de pesquisa definidas pelos Colegiados, visando ao aprofundamento de determinada temática voltada à área de atuação do Curso.

No curso de Farmácia, o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) consiste na formulação e apresentação de um trabalho de natureza científica ou técnica da área farmacêutica, sob orientação de professores e/ou pesquisadores, elaborado por acadêmico(s) do curso de graduação em Farmácia, como condição, se aprovado(s), para a obtenção do título de Farmacêutico Generalista. O trabalho técnico é um estudo que visa propor, discutir, revisar e/ou apresentar soluções para um problema de relevância nas Farmácia e/ou biomédicas.

Segundo o Art. 2º, da Resolução N° 11/2008 CONSU/UNIFAP consideram-se como modalidades de TCC:

I Monografia: gênero textual/discursivo da esfera acadêmica de acordo com os parâmetros da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

II Produções Diversas: artigo científico, relatório técnico, *portfolio*, projeto e/ou plano técnico, produção de vídeo, criação e/ou exposição de arte, filme, protótipo, invento e similares, na área de abrangência de cada Curso.

Parágrafo único: os trabalhos inclusos nos incisos I e II deverão indicar em sua configuração os fundamentos teórico-metodológicos orientadores do processo de construção, devidamente respaldados na ABNT.

No curso de Farmácia, no item de produções diversas, poderá ser aceito artigo científico, desde que o mesmo tenha documentação comprobatória de aceite em periódicos científicos indexados.

CAPÍTULO II DOS OBJETIVOS

O Art. 3º da Resolução Nº 11/2008 CONSU/UNIFAP, cita que o TCC deve oportunizar aos acadêmicos o desenvolvimento de habilidades e capacidades que envolvam:

- I Conhecimento teórico básico sobre o **que é e como** se organiza um projeto de pesquisa;
- II Autonomia para idealização de projetos diversos considerando todas as suas etapas;
- III Elaboração de vários tipos de textos relativos ao projeto (além do próprio texto do mesmo, também resenhas, artigos e monografias);
- IV Participação em Núcleos ou Grupos de Pesquisa, sob a responsabilidade de professor-orientador;
- V Avaliação de todo o percurso do processo, tanto coletiva como individualmente, seja em reuniões destinadas a esse fim, seja por meio da realização de relatórios dirigidos ao Colegiado de Graduação, a órgãos de fomento à pesquisa, dentre outros;
- VI Apresentação/exposição, à comunidade, dos resultados parciais ou finais da pesquisa em fóruns de debates local, regional, nacional, ou internacional.

Para o aluno do curso de Farmácia, o TCC possibilita a capacidade de integração de conceitos teóricos e atividades práticas, bem como a capacidade de

formulação de trabalho técnico ou científico em busca de solução de problemas no âmbito das Farmácia.

O TCC do Curso de FARMÁCIA da UNIFAP deve propiciar ao aluno:

- 1) O aprofundamento de seus conhecimentos teórico-práticos, através do tema escolhido, em umas das áreas de conhecimento das Farmácia;
- 2) O contato com o processo de investigação científica ou técnica, através da execução das etapas de pesquisa, tais como: formulação do tema (introdução, justificativa e objetivos), metodologia empregada (métodos de obtenção, processamento e análise de dados), apresentação e discussão dos resultados, elaboração coerente da conclusão da pesquisa e a apresentação escrita e oral do trabalho completo.

CAPÍTULO III DA MATRÍCULA EM TCC

No Art. 4º da Resolução N° 11/2008 CONSU/UNIFAP consta que o aluno estará apto a matricular-se na disciplina TCC quando tiver concluído pelo menos 50% dos créditos que compõem a matriz curricular do Curso, observado o cumprimento dos pré-requisitos.

No curso de Farmácia, o TCC estará vinculado às disciplinas de Trabalho de Conclusão do Curso 1 e Trabalho de Conclusão do Curso 2 que serão ministradas no 8º e 10º semestre, respectivamente, devendo ser considerados os seguintes itens:

1. O projeto de TCC deverá ser apresentado pelo aluno, com anuência formal do orientador, ao final do 8º semestre na disciplina TCC 1;
2. O aproveitamento na disciplina TCC 1 estará condicionado à aprovação do projeto pela comissão de TCC;
3. O trabalho de iniciação científica poderá ser utilizado como tema para elaboração do TCC. O relatório de estágio de iniciação científica não será, entretanto, aceito como TCC.
4. O TCC parcial (em progresso) deverá ser apresentado pelo aluno, com anuência formal do orientador, no início da disciplina TCC 2, o qual será julgado em reunião privada por uma banca examinadora que emitirá um parecer.
5. A avaliação final da monografia será realizada por uma Comissão Julgadora, composta pelo orientador, por 1 (um) membro sugerido pelo orientador e 1 (um)

terceiro designado pela Comissão de TCC. O aproveitamento na disciplina TCC 2 estará condicionado à aprovação do trabalho pela Comissão Julgadora.

6. O tema do TCC deverá ser, obrigatoriamente, do âmbito das Farmácia e/ou biomédicas, guardando relação com o elenco de disciplinas obrigatórias e optativas do curso de graduação em Farmácia da UNIFAP.

CAPÍTULO IV

DO PROCESSO DE INSCRIÇÃO DO PROJETO DE TCC

Segundo o Art. 5º da Resolução Nº 11/2008 CONSU/UNIFAP, o desenvolvimento do TCC exige a inscrição prévia de um Projeto acadêmico, que deverá ser apresentado ao Colegiado de Curso para efeitos de homologação.

I Para inscrever o Projeto, o aluno deverá preencher **Formulário de Inscrição** (APÊNDICE B);

II No ato da inscrição o aluno poderá sugerir o nome do docente para orientar o TCC, sempre em consonância à linha de pesquisa que tal docente integre.

Parágrafo único: caberá ao Colegiado de Curso deliberar sobre a sugestão feita pelo aluno e, no caso de o orientador pleiteado encontrar-se com carga horária de ensino preenchida, indicar outro orientador.

CAPÍTULO V

DO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO

De acordo com o Art. 6º da Resolução Nº 11/2008 CONSU/UNIFAP, a orientação do TCC deverá ser conduzida por docente efetivo, ou substituto, da UNIFAP e dependendo da especificidade do tema, admitir-se-á a possibilidade de co-orientação.

Parágrafo único: a orientação poderá ser feita por professor não pertencente ao quadro de pessoal da UNIFAP, desde que previamente credenciado pelo Colegiado de Curso.

Art. 7º Mudança de orientação só poderá ocorrer com a devida autorização do Colegiado do Curso.

No curso de Farmácia, o orientador de TCC deverá emitir anuência formal, assinando todos os documentos apresentados pelo aluno de TCC;

Cada orientador poderá assumir a orientação de no máximo 3 monografias;

Atribuições do orientador de TCC no curso de Farmácia:

1. Auxiliar o aluno na formulação do projeto de TCC;
2. Orientar, acompanhar e avaliar o desenvolvimento do TCC em todas as suas fases;
3. Garantir o desenvolvimento de TCC;
4. Ter conhecimento do conteúdo das Normas de TCC e da Resolução N° 11/2008 CONSU/UNIFAP e respeitar o cronograma de TCC e os prazos estabelecidos pela Comissão de TCC;
5. Participar da apresentação de TCC parcial na disciplina de TCC 2;
6. Comunicar à Comissão de TCC, por escrito, quaisquer alterações das atividades previstas.

CAPÍTULO VI DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO

O Art. 8º da Resolução N° 11/2008 CONSU/UNIFAP cita que o Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser elaborado individualmente, admitindo-se a realização em grupo de até 3 (três) componentes, quando houver desequilíbrio entre a demanda de alunos e a disponibilidade de orientadores.

O Art. 9º da referida Resolução ressalta que o processo de elaboração do TCC exige a definição de uma agenda de compromissos mútuos entre orientador e orientando, a qual deve vir retratada em **Ficha de Acompanhamento da Produção do TCC** (vide APÊNDICE C) com indicativo das atividades e dos encontros efetivados.

CAPÍTULO VII

DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO TCC

No Art. 10º da Resolução Nº 11/2008 CONSU/UNIFAP consta que o TCC deverá ser avaliado por 2 (dois) professores da UNIFAP ligados à área de concentração do trabalho.

I Admitir-se-á a possibilidade de avaliador externo, desde que previamente autorizado pelo Colegiado respectivo;

II O orientador do TCC, obrigatoriamente, presidirá os trabalhos.

Art. 11º. A avaliação do **TCC na modalidade Monografia** compreenderá as seguintes etapas:

I Exame de Qualificação: consiste em etapa preliminar, no início da disciplina TCC 2, da avaliação, representada por reunião privativa da Banca Examinadora com o(s) orientando(s), com o propósito de conferir orientações de natureza teórico-metodológicas, de caráter exclusivamente qualitativo, quando decorridos até 50% do tempo total destinado à elaboração do TCC;

II Apresentação escrita: compreende todo o percurso teórico-metodológico da pesquisa, devidamente circunscrito ao tema adotado, observando-se o atendimento às normas da Língua Portuguesa e às da Associação Brasileira de Normas Técnicas;

III Apresentação oral: resulta na socialização da trajetória da pesquisa demonstrando domínio do conteúdo, sequência lógica e clareza na exposição das ideias, dentro de um tempo mínimo de 30 (trinta) minutos e máximo de 50 (cinquenta).

§ 1º A culminância da apresentação oral ocorrerá com a arguição proferida pelos avaliadores e repostada pelo(s) acadêmico(s) dentro de um tempo correspondente a 15 (quinze) minutos;

§ 2º A não apresentação do TCC para o processo de avaliação no tempo previsto implicará em reprovação automática, além da perda tanto do orientador quanto da Banca Examinadora do trabalho.

Art. 12 Quando se tratar de **TCC na modalidade Produções Diversas** a avaliação será definida de acordo com as especificidades da área referente ao estudo realizado.

Art. 13º. Para efeito de aprovação do TCC, em ambas as modalidades, a média final deverá observar o estipulado na sistemática de avaliação adotada pela UNIFAP.

I A média final do TCC deverá ser o resultado da média aritmética simples extraída das notas atribuídas pelos dois avaliadores integrantes da Banca;

II Em caso de discrepância de notas atribuídas pelos dois avaliadores, caberá ao orientador atribuir nota para efeito de composição da média final do trabalho.

Parágrafo único: Considerar-se-ão como notas discrepantes aquelas cuja diferença entre os valores sejam iguais ou superiores a 3 (três) pontos.

No curso de Farmácia da UNIFAP, o TCC será desenvolvido em três fases: **projeto de TCC, TCC parcial e TCC final.**

- **Projeto de TCC**

O projeto de TCC deverá ser elaborado pelo aluno seguindo o modelo aprovado pelo curso de Farmácia, durante o desenvolvimento da disciplina de TCC 1.

O texto do projeto de TCC deverá conter no mínimo 10 páginas e no máximo 20 páginas seguindo as normas da ABNT vigentes.

O projeto que envolve estudo com seres humanos, animais de experimentação, organismos geneticamente modificados ou produtos químicos perigosos deve ser elaborado com antecedência para ser submetido aos respectivos Comitês de Ética das Instituições envolvidas. Essa fase deve ser realizada durante o 8º semestre.

O projeto de TCC deverá seguir as normas da ABNT vigentes e ser impresso em anverso e verso (sem encadernação), assinado pelo aluno e seu orientador, e entregue à comissão de TCC, acompanhado do **Formulário de Inscrição** de projeto de TCC. O prazo final para submeter o projeto de TCC será informado no cronograma da disciplina de TCC 1.

O projeto de TCC será avaliado por um membro indicado pela Comissão de TCC que emitirá um parecer. A análise final do projeto será realizada em reunião da Comissão de TCC, cuja decisão será divulgada ao aluno e seu orientador.

O projeto com pendência deverá ser reformulado, utilizando o formulário Projeto de TCC reformulado e apresentado à Comissão de TCC, no prazo de duas semanas a partir da divulgação do resultado.

O projeto de TCC reformulado deverá ser impresso em anverso e verso (sem encadernação), assinado pelo aluno e seu orientador, e entregue à Comissão de TCC acompanhado do requerimento de entrega de projeto de TCC.

- **TCC parcial**

O TCC parcial deverá ser elaborado pelo(s) aluno(s), seguindo as normas do curso de Farmácia.

O texto do TCC parcial deverá incluir os resultados parciais, as cartas de aprovação dos Comitês de Ética (quando cabível) e a anuência formal do orientador (assinatura). O texto deverá ter consistência com o projeto de TCC aprovado e, quando for o caso, deve incluir a recomendação para o projeto, indicada pela Comissão de TCC.

O texto de TCC parcial deverá conter no máximo 20 páginas seguindo as normas da ABNT vigentes.

O TCC parcial impresso deverá ser entregue para a Comissão de TCC, no primeiro dia de aula da disciplina TCC 2.

A avaliação, em reunião privativa com a comissão examinadora, do TCC parcial deverá ser realizada no primeiro mês de aulas da disciplina TCC-2, em data e horário estabelecidos pela Comissão de TCC.

O TCC parcial será avaliado por uma Comissão examinadora de TCC que verificará o andamento do trabalho, a consistência com o projeto de TCC e fará comentários e sugestões. Os examinadores emitirão parecer sobre o andamento do trabalho que será divulgado ao aluno e seu orientador.

- **TCC final**

O TCC final deverá ser elaborado pelo(s) aluno(s) durante as atividades da disciplina de TCC-2 e deve ter consistência com o projeto de TCC e o TCC parcial.

Os textos do projeto, do TCC parcial, e do TCC final deverão seguir as normas da ABNT vigente no ano corrente.

As aprovações dos Comitês de Ética e outros documentos ou dados relevantes deverão ser incluídos na seção de Anexos.

Cinco (5) exemplares do TCC, impressos em anverso e verso, deverão ser entregues a Comissão de TCC, até a data previamente estabelecida no cronograma da disciplina de TCC-2 divulgado pela Comissão de TCC. Quatro (4) exemplares deverão ser encadernados na forma de espiral e um (1), sem encadernação, será incluído no processo do aluno. Esses exemplares deverão conter a anuência formal do professor orientador (assinatura). A falta de anuência implicará na não aceitação do TCC.

Junto com os exemplares, deverá ser entregue um requerimento de entrega de TCC final firmado pelo aluno e seu orientador.

Também deverá ser entregue o Formulário de sugestão de Comissão Julgadora de TCC contendo uma lista de quatro nomes de professores ou pesquisadores, incluindo o orientador, e datas e horários sugeridos para a defesa de TCC.

A apresentação oral do TCC deverá ser realizada em seção pública e avaliada por uma Comissão Julgadora designada pela Comissão de TCC.

Para avaliação do TCC, serão atribuídas notas de 0 (zero) a 10 (dez) com os seguintes pesos: versão impressa do TCC (PESO 5), apresentação oral (PESO 2) e defesa do aluno (PESO 3). A nota final corresponderá à média ponderada das notas de cada item de avaliação.

A avaliação da versão impressa do TCC consistirá da análise de formato, conteúdo e clareza das informações.

A avaliação da apresentação oral e defesa do TCC consistirá da análise de clareza da apresentação, linguagem utilizada, aproveitamento do tempo disponível e domínio do conteúdo.

Ao final da defesa, os examinadores devem indicar as notas e elaborar o relatório de defesa de TCC, em seção privada. O relatório de defesa deve ser assinado por todos os examinadores e o resultado deve ser indicado como “aprovado” ou “reprovado”. O resultado da defesa de TCC deverá ser divulgado ao aluno.

Será considerado aprovado o aluno que obtiver nota mínima igual ou superior a 5,0 (cinco) por unanimidade ou pela maioria dos membros da Comissão Julgadora, devendo também a média final ser igual ou superior a 5,0 (cinco).

O relatório de defesa deve ser entregue pelo orientador à Comissão de TCC e, posteriormente, será homologado pela Comissão de TCC.

Alunos reprovados ou que não apresentaram a versão final de seu TCC deverão matricular-se no semestre imediatamente posterior ao da primeira matrícula.

No prazo máximo de 30 (trinta) dias corridos, a contar da data de apresentação do TCC, o(os) acadêmico(s) deverá(ão) encaminhar ao Orientador a versão final do trabalho, em *Cd-rom*, formato PDF, incorporando as sugestões da Banca, quando houver. O encaminhamento do CD deverá ser acompanhado de declaração de autorização para a divulgação do trabalho.

I Na capa do *Cd-rom* deverão constar os seguintes dados de identificação:

- a)** nome da Instituição a que o trabalho é submetido;
- b)** nome completo do Curso realizado;
- c)** nome do(s) autor(es) do trabalho;
- d)** título do trabalho e subtítulo (se houver);
- e)** titulação e nome do orientador do trabalho;
- f)** local (cidade) da Instituição onde o trabalho é apresentado;
- g)** ano da entrega do trabalho.

II Na contracapa do *Cd-rom* deverá constar o Resumo do trabalho;

III O próprio *Cd-rom* deverá vir identificado com todos os elementos listados no inciso I à exceção do previsto na alínea “e”.

Parágrafo único: o projeto gráfico do *Cd-rom* é de responsabilidade do(s) autor(es) do TCC.

Mediante o cumprimento das exigências estipuladas acima, o professor-orientador deverá encaminhar à Coordenação do Curso os seguintes documentos:

- I** Diário de Classe devidamente preenchido;
- II** Formulário de Avaliação do TCC;

III *Cd-rom*, com a versão final do TCC.

IV Declaração do(s) discente(s) autorizando a divulgação do trabalho.

Caberá a Biblioteca a divulgação dos trabalhos na internet através da página institucional da UNIFAP.

CAPÍTULO VIII COMISSÃO DE TCC

A Comissão de TCC será constituída por no mínimo 2 (dois) docentes do Curso de Farmácia da UNIFAP. A Comissão terá um coordenador e um vice-coordenador escolhidos entre os membros do colegiado.

Atribuições da Comissão de TCC

1. Estabelecer e divulgar as normas, procedimentos e critérios de avaliação de TCC;
2. Atualizar e divulgar o manual de TCC, a lista de orientadores e o cronograma da disciplina de TCC 1 e 2;
3. Indicar os avaliadores que irão analisar os projetos de TCC e os TCC parciais, os quais deverão emitir parecer a ser divulgado aos alunos e orientadores;
4. Participar das atividades da disciplina TCC 1 e 2;
5. Definir o quadro de examinadores e convocar as Comissões Julgadoras de TCC;
6. Acompanhar as defesas de TCC;

CAPÍTULO IX ATRIBUIÇÕES DO ALUNO DE TCC

O aluno deverá elaborar uma monografia, contemplando uma das áreas de conhecimento das Farmácia e/ou biomédicas, sob orientação de um professor da UNIFAP ou de outra instituição, desde que previamente credenciado pelo colegiado do curso de Farmácia. São atribuições do aluno:

1. Propor o tema do TCC, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Comissão de TCC;
2. Escolher um professor orientador de TCC, com atuação em pesquisa ou ensino compatível com o tema proposto para o trabalho;

3. Elaborar e submeter o projeto de TCC, com anuência formal do orientador, nos prazos estabelecidos no cronograma de TCC;
4. Desenvolver o TCC de forma responsável e com dedicação e cumprir o cronograma de execução descrito no projeto de TCC;
5. Comunicar ao orientador e à Comissão de TCC, por escrito, quaisquer alterações das atividades previstas.

CAPÍTULO X

COMISSÃO EXAMINADORA DO TCC

A comissão examinadora do TCC será composta de 3 (três) membros designados pela Comissão de TCC: o orientador (Presidente), um membro indicado pelo orientador, e um terceiro indicado pela Comissão de TCC.

Atribuições da comissão examinadora

1. Avaliar o conteúdo do TCC final impresso, a apresentação oral e defesa de TCC considerando os critérios definidos pela Comissão de TCC.
2. Elaborar o relatório de defesa de TCC que deverá conter: notas atribuídas pelos examinadores, média das notas e resultado final.
3. No relatório de defesa de TCC, deverão ser incluídas recomendações, quando relevantes, para reformulação do texto do TCC.

CAPÍTULO XI

ASPECTOS ÉTICOS DO TCC

Para os TCC que envolverem a participação de seres humanos ou animais de experimentação, deverá ser anexada a declaração de aprovação pelos respectivos Comitês de Ética em Pesquisa das instituições envolvidas.

O projeto e os demais documentos necessários para a análise ética deverão ser apresentados aos Comitês de Ética das Instituições envolvidas, um semestre antes de submeter à Comissão de TCC, ou seja, no 8º semestre.

Quando o trabalho for parte prevista de projeto previamente aprovado pelo Comitê de Ética da UNIFAP, o orientador deverá firmar declaração, indicando o título do

projeto, protocolo (número), objetivos e data em que foi aprovado e o nome do(s) aluno(s) incluído(s) no projeto.

Quando o trabalho for parte prevista de projeto aprovado por Comitês de Ética externos à UNIFAP, deverá ser encaminhada uma cópia da respectiva aprovação e uma declaração do pesquisador responsável contendo o resumo dos objetivos, os participantes do projeto, a efetiva pertinência do trabalho com o projeto original e a anuência do orientador do TCC.

As declarações de aprovação do projeto pelas Comissões de Ética deverão ser incluídas no TCC parcial e final, na forma de anexo.

10 MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE FARMÁCIA

1º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Introdução à Farmácia	IF	30	2	2	0	CGI
Introdução à teoria sociológica aplicada à área da saúde	ITS	60	4	4	0	CI
Métodos e Técnicas de Pesquisa	MP	60	4	4	0	CI
Fisiologia e Biofísica	FB	120	8	5	3	CGI
Anatomia Humana	AH	90	6	4	2	CGI
Biossegurança	BSG	60	4	3	1	CGI
Procedimentos básicos em saúde	PBS	45	3	2	1	CGI
Matemática aplicada às ciências da saúde	MCS	60	4	4	0	CGI
Subtotal		525	35	28	7	

2º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Química Geral e Inorgânica	QGI	90	6	4	2	CGI
Botânica Aplicada à Farmácia	BAF	60	4	2	2	CGI
Parasitologia Geral	PGE	90	6	4	2	CI
Citologia e Histologia	CH	90	6	4	2	CI
Genética	GN	60	4	4	0	CI
Biologia Molecular	BM	60	4	3	1	CI
Bioética	BET	45	3	3	0	CGI
Subtotal		495	33	24	09	

3º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Microbiologia Geral	MBG	90	6	4	2	CI
Química Orgânica	QO	60	4	3	1	CGI
Imunologia	IMN	60	4	3	1	CI
Bromatologia e nutrição	BNT	60	4	3	1	ETAA
Bioquímica Geral	BQG	90	6	4	2	CI
Química Analítica Qualitativa	QAQL	60	4	2	2	CGI
Farmacognosia	FGN	90	6	4	2	CI
Subtotal		510	34	23	11	

4º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Química Analítica Quantitativa	QAQT	75	5	3	2	CGI
Físico-química	FQ	75	5	3	2	CGI
Farmacologia Geral	FG	90	6	4	2	CI
Mecanismos de Reações Orgânicas	MRO	90	6	4	2	CI
Patologia Geral	PTG	75	5	3	2	CGI
Epidemiologia	EP	60	4	3	1	CGI
Estágio Supervisionado I	ES 1	60	4	0	4	ETAM
Subtotal		525	35	20	15	

5º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Farmacodinâmica	FDN	60	4	3	1	CI
Farmacotécnica I	FTI	75	5	3	2	ETAM
Deontologia e Legislação Farmacêutica	DLF	45	3	3	0	CGI
Química Farmacêutica	QF	75	5	3	2	ETAM
Farmácia Homeopática	FHM	90	6	4	2	ETAM
Saúde Pública	SP	45	3	3	0	ETAM
Farmacoepidemiologia	FEP	45	3	3	0	CGI
Estágio Supervisionado II	ES 2	60	4	0	4	ETAM
Subtotal		495	33	22	11	

6º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Farmacotécnica II	FTII	75	5	3	2	ETAM
Farmácia Hospitalar	FHT	60	4	3	1	ETAM
Microbiologia de Alimentos	MBA	45	3	2	1	ETAA
Gestão de Serviços Farmacêuticos	GSF	45	3	3	0	ETAM
Farmácia Clínica e Terapêutica	FCT	60	4	2	2	ETAM
Atenção Farmacêutica	ATF	45	3	2	1	ETAM
Toxicologia	TOX	75	5	3	2	ETAM
Estágio Supervisionado III	ES 3	120	8	0	8	ETAM
Subtotal		525	35	18	17	

7º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Tecnologia Farmacêutica	TF	60	4	3	1	ETAM
Tecnologia de Cosméticos	TC	60	4	3	1	ETAM
Controle Físico-Químico	CFQ	60	4	3	1	ETAM
Controle Bio e Microbiológico	CBM	60	4	3	1	ETAM
Tecnologia das Fermentações	TF	45	3	2	1	ETAA
Fitoterapia	FT	45	3	3	0	ETAM
Disciplina Optativa	OPT	60	4	4	0	CI
Estágio Supervisionado IV	ES 4	120	8	0	8	ETAM
Subtotal		510	34	21	13	

8º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Trabalho de Conclusão de Curso I	TCC 1	45	3	3	0	TCC
Parasitologia Clínica	PSC	75	5	3	2	ETACT
Bacteriologia Clínica	BC	90	6	3	3	ETACT
Citologia Clínica	CC	75	5	3	2	ETACT
Biologia Molecular Aplicada ao Diagnóstico Laboratorial	BMDL	60	4	2	2	ETACT
Hematologia	HMT	60	4	2	2	ETACT
Estágio Supervisionado V	ES 5	120	8	0	8	ETAM
Subtotal		525	35	16	19	

9º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Gestão e Garantia da Qualidade no Laboratório Clínico	GGQ	30	2	2	0	ETACT
Virologia Clínica	VIR	60	4	2	2	ETACT
Hematologia Clínica	HMC	60	4	2	2	ETACT
Análise toxicológica	ATX	60	4	2	2	ETACT
Imunologia Clínica	IMC	60	4	2	2	ETACT
Bioquímica Clínica	BQC	60	4	2	2	ETACT
Micologia Clínica	MCC	60	4	2	2	ETACT
Estágio Supervisionado VI	ES 6	120	8	0	8	ETAM
Subtotal		510	34	14	20	

10º SEMESTRE

Disciplina	Código	CH	Créditos	CHT	CHP	EIXOS TEMÁTICOS
Trabalho de Conclusão de Curso II	TCC 2	60	4	0	4	TCC
Estágio Supervisionado VII	ES 7	300	20	0	20	ETACT
Subtotal		360	24	0	24	

DISCIPLINAS OPTATIVAS – 7º Semestre

Libras	LBS	60	4	4	0	CGI
Inglês Instrumental	ING	60	4	4	0	CGI
Informática Básica	INF	60	4	4	0	CGI

RESUMO DA CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO

Atividades	Carga Horária
Disciplinas Teórico-práticas	3.975 h
Atividades Complementares	210 h
Estágio Supervisionado (20,97%)	900 h
Trabalho de Conclusão de Curso	105 h
TOTAL	5.190 h

Atividades complementares: 210 h/a (De acordo com a Resolução N° 024/2008, CONSU/UNIFAP, que dispõe sobre as diretrizes das atividades complementares dos cursos de graduação no âmbito da UNIFAP. A carga horária deve ser cumprida ao longo do curso de graduação em Farmácia.

11 EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS DO CURSO DE FARMÁCIA

1º SEMESTRE

1. INTRODUÇÃO À FARMÁCIA

Ementa: Histórico e origem da profissão farmacêutica. Farmácia: tipos, características e diferenças. Indústrias de alimento, medicamentos, correlatos e de cosméticos. Laboratório de análises clínicas e toxicológicas. Farmácia clínica e hospitalar. Introdução ao estudo dos aspectos de desenvolvimento, pesquisa e fabricação do medicamento. Relação prática farmacêutica/sociedade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SANTOS, J.S. **Farmácia brasileira utopia e realidade**. Brasília: CFF 2003.

ALMEIDA, J.R.C. **Farmacêuticos em Oncologia: Uma Nova Realidade**. São Paulo: Atheneu, 2010.

SANTOS, M.R.C. **Profissão Farmacêutica no Brasil: História, Ideologia e Ensino**. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DADER, M.J.F; MUÑOZ, P.A; MARTÍNEZ-MARTÍNEZ, F. **Atenção Farmacêutica: Conceitos, Processos e Casos Práticos**. São Paulo: RCN, 2010.

EDLER, F.C. **Uma história ilustrada da farmácia no Brasil**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2006.

PORTERS, R. **Cambridge: história ilustrada da medicina**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

2. INTRODUÇÃO À TEORIA SOCIOLÓGICA APLICADA À ÁREA DA SAÚDE

Ementa: Condições históricas das grandes correntes do pensamento social que tornaram possível o surgimento da sociologia como ciência; Clássicos da Sociologia; Augusto Comte, Durkheim, Marx e Weber. Visão Geral e Crítica das grandes correntes sociológicas e seus respectivos conceitos. Debate de temas atuais que constituem o campo de reflexão desta disciplina. Objeto e Método da Sociologia.

Inter-relacionamento Pessoal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. – (Coleção Primeiros Passos).

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi. São Paulo: Atlas, 1999.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **Introdução a Sociologia**. São Paulo: Harbra, 1985.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Cap. XIII, XIV e XV. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 12ª ed, 1976.

CHAUI, Marilena. **Convite a Filosofia**. 7ª. ed., São Paulo: Ática, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DURKHEIM, Emile [et al.]. **Introdução ao pensamento sociológico**. São Paulo: Centauro, 2001. Cap. I, p. 03-19.

FERNANDES, Florestan. **A herança intelectual da Sociologia**. In: FORACCI, M. A. & MARTINS, J. de S. Sociologia e Sociedade. Leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 11-126.

GALLIANO, A Guilherme. **A ciência e suas características**. In: O método científico - teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986. Cap. I, p. 23-30.

CHAUI, Marilena. **Cultura e Democracia e outras Falas**. São Paulo: Cortez, 1996.

BRESCIANI, Maria Stela. **Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERNANDES, Florestan. **A herança intelectual da Sociologia**. In: FORACCI, M. A. & MARTINS, J. de S. Sociologia e Sociedade. Leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 11-22.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 4ª.ed., Rio de Janeiro:Forense,1987.

GUIDDENS, Anthony. **Capitalismo e Moderna Teoria Social. Uma análise das Obras de Marx, Durkheim e Max Weber**. 2ª.,ed. Lisboa:Presença, 1972.

IANNI, Octávio. **Sociologia e o mundo moderno**. In: Tempo Social, Revista de Sociologia. São Paulo: USP, 1989. P.07 – 27.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

WEBER, Max. **A ética Protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1994.

WEBER, Max. **Ciência e Política: Duas Vocações**. São Paulo: Cultrix, 1993.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Ementa: A ciência e a produção do conhecimento científico, leitura e técnicas de estudo. A pesquisa científica como ferramenta de ensino: abordagens, tipos e orientações metodológicas. Trabalhos científico-acadêmicos e aplicabilidade de normas técnico-científicas (ABNT). O projeto de pesquisa e etapas para sua construção. Informática e Internet como ferramentas da pesquisa científica. Leitura, análise e interpretação de textos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

SEVERINIO, A.J. Metodologia do trabalho científico. 21ªed. São Paulo: Cortez, 2000.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LAKATOS, E.M. & MARCONI, M.A. Fundamentos da metodologia científica. 3ªed. São Paulo: Atlas, 1991.

CARVALHO, M.C. Construindo o Saber: técnica de metodologia científica. 2ªed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

FEITOSA, V.C. Redação de textos científicos. 2ªed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Periódicos científicos da área das ciências biológicas e da saúde.

HÜHNE, L.M. Metodologia científica: cadernos de textos e técnicas. 4ªed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FACHIN, Odília. Fundamentos de metodologia. São Paulo: Saraiva, 2001.

TAFNER, J. Metodologia científica: referências, citações, tabelas. Curitiba, PR: Juruá, 1998.

4. FISILOGIA E BIOFÍSICA

Ementa: Fisiologia Celular. Bioeletrogênese. Fisiologia Neuro-Muscular. Neurofisiologia. Fisiologia Cardiovascular. Hematologia. Endocrinofisiologia. Fisiologia da Reprodução. Fisiologia Respiratória. Fisiologia Gastrointestinal. Fisiologia Renal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GUYTON, ARTHUR C.; HALL, JOHN E. Tratado de fisiologia médica. 12ª edição. Editora ELSEVIER, Rio de Janeiro. 2011.

GUYTON, A. C. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 5 ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1992

MULRONEY, SUSAN E.; MYERS, ADAM K. Netter: bases da fisiologia. 1ª edição. Editora ELSEVIER, Rio de Janeiro. 2009

KOEPPEN, BRUCE M., STANTON, BRUCE A. BERNE e LEVY: Fisiologia. 6ª edição. Editora ELSEVIER, Rio de Janeiro. 2009.

SILVERTHORN, DEE UNGLAUB; PAGNUSSAT, ALINE DE SOUZA. *Fisiologia Humana*. 5ª edição, Editora ARTMED, Porto Alegre. 2010.

GARCIA, E.A.C.. Biofísica. Editora Sarvier, São Paulo, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TORTORA, GERARD J, DERRICKSON, BRYAN. *Princípios de Anatomia e Fisiologia*. 12ª edição. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2010.

BULLOCK, J.; WANG. M. B. Physiology. 3rd edition, Williams & Wilkins, 1995.

EYZAGUIRRE, C.; FIDONE, S. J. Fisiologia do sistema nervoso. 2 ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1977.

LEHNINGER; NELSON; COX. Princípios de Bioquímica. Sarvier, 1995.

GANONG, W.F. Review of medical physiology. Fifteenth edition. Califórnia, Appleton & Lange, 1991.

LOSSOW, J. F. Anatomia e fisiologia humana. 5 ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1990.

SCHMIDT, R. F. Neurofisiologia. 4 ed., São Paulo, E. P. U., 1977.

SCHAUF, C. ,MOFFETT, D.; MOFFETT, S. Fisiologia humana. 1ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993.

SOARES, J.L.F. et al. Métodos Diagnósticos (consulta rápida), ArtMed, 2002.

TAVARES, P.; FURTADO, M.; SANTOS, F. Fisiologia humana. 1 ed., Rio de Janeiro, Liv. Atheneu. 1984.

THIES, R. Physiology. 4 ed. Springer-Verlag, 1995.

VANDER-SHERMAN, LUCIANO. Fisiologia humana. 4 ed., São Paulo, Ed. MCGraw-Hill, 1981.

ANDREW DAVIES, ASA G.H. BLAKELEY; CECIL KIDD. Fisiologia humana. 1ª Artmed, Rio de Janeiro, 2002.

WALLACH, J.. Interpretação de exames de laboratório. 6ª. edição, MedSi, 1999.

5. ANATOMIA HUMANA

Ementa: Estudo topográfico da Anatomia Humana e organização estrutural do corpo humano, disposição e relações dos órgãos e sistemas, com enfoque aos sistemas esquelético, articular, muscular, tegumentar, nervoso, cárdio respiratório, digestório, gênito-urinário masculino e feminino e endócrino, reconhecendo suas estruturas anatômicas de maior relevância.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DÂNGELO, J. G.; FATTINI, C. A. Anatomia humana básica. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 2007.

CARLSON, B. M. Embriologia humana e biologia do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996.

DE ROBERTIS, E. D. P. Bases da biologia celular e molecular. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

JUNQUEIRA, L. C. U.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

SOBOTTA, J.; BECHER, H. Atlas de anatomia humana. 22 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002.

GARCIA, S. M. L.; JECKEL NETO, E.; GARCIA, FERNANDEZ, C. Embriologia. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MOORE, Keith L.;DALLEY, Arthur F.;AGUR, Anne M. R. Anatomia orientada para a clínica. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2007.

BERKALOFF, A. et al. Biologia e fisiologia celular. Tradução Nécia Dulce Wendell Magalhães. São Paulo: Editora Blucher, 1998.

GRAAFF, Van de, Anatomia Humana. 6ª ed. São Paulo. Editora Manole, 2003.

WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de anatomia humana. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002.

SCHUNKE, M.; SCHULTE, E.; SCHUMACHER, U. P. Atlas de anatomia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2006.

DRAKE, Richard L.; VOGL, Wayne; MITCHELL, Adam W. M. Gray's: Anatomia para estudantes. Tradução de Vilma Ribeiro de Souza Varga. Rio de Janeiro: Editora Elsevier,2005.

6. BIOSSEGURANÇA

Ementa: Estudo das leis, normas e procedimentos de Biossegurança que regem o funcionamento de um laboratório; utilização de animais; esterilização, desinfecção e limpeza de materiais; procedimentos em caso de acidentes; sinalização através de cores e desenhos, regulamentação e legislação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. Resíduos e Gestão Ambiental. Abril de 2007.

Brasil. Ministério da Saúde Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Cartilha de Proteção Respiratória contra Agentes Biológicos para Trabalhadores de Saúde.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento do Complexo Industrial e Inovação em Saúde. Classificação de risco dos agentes biológicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento do Complexo Industrial e Inovação em Saúde. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Diretrizes gerais para o trabalho em contenção com material biológico /

Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

U.S. Department of Health and Human Services. Public Health Service Centers for Disease Control and Prevention. National Institutes of Health. HHS Publication No. (CDC) 21-1112 Revised December 2009.

Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Manual de gerenciamento de resíduos de serviços de saúde / Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Procedimentos para a manipulação de microorganismos patogênicos e/ ou recombinantes na FIOCRUZ. 2005.

World Health Organization Regional Office for Africa (AFRO), Communicable Disease Surveillance and Response (CSR) Brazzaville, Republic of Congo. Guia para as Redes Nacionais de Laboratórios de Saúde Pública destinado a reforçar a Estratégia Integrada de Vigilância e Resposta às Doenças (IDSR) Setembro de 2008.

Organización Panamericana de la Salud. “Manual de bioseguridad para el procesamiento de muestras y cepas relacionadas con el diagnóstico de laboratorio de las neumonías y meningitis por *Neisseria meningitidis*, *Streptococcus pneumoniae* y *Haemophilus influenzae*. Una iniciativa de SIREVA II.” (Documentos Técnicos. Tecnología, Atención en Salud e Investigación. THR/HT-2008/002). Washington, D. C.: OPS, © 2008

Brasil. Ministerio da Saude. Secretaria de Vigilancia em Saude. Departamento de Vigilancia Epidemiologica. Biosseguranca em laboratorios biomedicos e de microbiologia / Ministerio da Saude, Secretaria de Vigilancia em Saude, Departamento de Vigilancia Epidemiologica. – 3. ed. em portugues rev. e atual. – Brasilia: Ministerio da Saude, 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. Marco Legal Brasileiro Sobre Organismos Geneticamente Modificados / Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde, – Brasília : Ministério da Saúde, 2010.

7. PROCEDIMENTOS BÁSICOS EM SAÚDE

Ementa: Procedimentos utilizados em emergências. Noções sobre a lista de medicamentos essenciais em hospitais ou unidades de pronto atendimento. Fluxo de atendimentos de emergência, bem como os ambientes de atendimento e a função do farmacêutico durante procedimentos de envenenamento e intoxicação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

VIANA, M. S. O. **Socorro de emergência: Guia Básico para o primeiro atendimento.** São Paulo: Atheneu, 1999.

FRANSEN, K. J.; KARREN, K.J. **Guia de primeiros socorros para estudantes.** São Paulo: Manole, 2002.

Brasil. Ministério da Saúde. **Relação Nacional de medicamentos Essenciais – RENAME.** Brasília, 2007

Acidentes: como socorrer e prevenir. São Paulo: EPU, 2002.

Hafen, B.Q. **Primeiros Socorros para Estudantes.** São Paulo:Manole, 2001.

CUNHA, B. C. A.; FRANCA, F. F. A. C.; KOROLKOVAS, A. **Dicionário Terapêutico Guanabara.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VARELLA, D. & JARDIM, C. **Guia prático de Saúde e bem estar. Primeiros Socorros: Acidentes.** São Paulo: Gold, 2009

Guia prático de primeiros socorros. São Paulo, Rideel, 2011.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE – Brasil: <http://www.brasil.bvs.br/php/index.php>

8. MATEMÁTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS DA SAÚDE

Ementa: Função exponencial, função logarítmica, logaritmo natural, crescimento exponencial. Introdução ao cálculo: noções de limites, derivadas e integral, estatística básica e aplicada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CRESPO, Antonio Arnot, Estatística Fácil, 17 ed. São Paulo, Ed Saraiva, 2002.

DOWNING, Douglas; CLARK, Jeffrey. **Estatística aplicada**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FONSECA, Jairo Simon; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de estatística**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HAMILTON LUIZ GUIDORIZZI , Um Curso de Cálculo - volume 1. 5ª Edição. Editora LTC.

STEWART, J. **Cálculo**: Volume I. 5. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

LEITHOLD, Luis, **O Cálculo com Geometria Analítica**, volume 1, 3ª Ed., Editora Harbra,

IEZZI, G. ET AL. **Fundamentos de matemática elementar**, 2: logaritmos. 8. ed. rev.ampl. São Paulo: Atual, 1993.

IEZZI, G. ET AL. **Fundamentos de matemática elementar**, 11: Matemática Financeira e Estatística. 8. ed. rev.ampl. São Paulo: Atual, 1993.

MANN, Prem S. **Introdução à estatística**. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FINNEY, Rossi L. **Cálculos de George B. Thomas Jr.** V. 1. 10. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2002.

OLIVEIRA, Francisco Estevam Martins de. **Estatística e probabilidade**: teoria, exercícios resolvidos e exercícios propostos. 2. ed. 6. reimpr. São Paulo: Atlas 2007.

SPIEGEL, Murray R. **Estatística**. 3. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1993.

TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. **Estatística básica**. 2. ed. São Paulo: Atlas 1985.

HOWARD ANTON, IRL BIVENS E STEPHEN DAVIS. **Cálculo**: Volume I. 8ª Ed., Editora: Bookman. 2005.

MUNEM, A. M.; FOULIS, D. J. **Cálculo: Volume 1**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

2º SEMESTRE

1. QUÍMICA GERAL E INORGÂNICA

Ementa: Estrutura Eletrônica; Tabela Periódica; Ligações Químicas; Funções Inorgânicas; Reações Químicas; Soluções; Noções de Termodinâmica; Cinética Química.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

John B. Russell.; Química Geral - V1, 2ª ed.; Editora Makron Books, São Paulo, 1994.

Brady . James E. e Humiston, Gerard E.; Química Geral – V1, 2ª ed.; Editora LTC, Rio de Janeiro, 1995.

Brady . James E. e Humiston, Gerard E.; Química Geral – V1, 1ª ed.; Editora LTC, Rio de Janeiro, 1996.

MAHAN, B.H. & MYERS, R.J. Química Um Curso Universitário, Trad. da 4ª ed. Americana, Ed.Edgard Blucher, 1993.

Maia, Daltamir Justino.; Química Geral - Fundamentos, 1ª ed.; Editora Prentice Hall Brasil, Rio de Janeiro, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MASTERTON, William L. e SLOWINSK, Emil J. Química Geral Superior, 4ª ed., Ed. Interamericana, 1978, Rio de Janeiro.

MASTERTON, SLOWINSKI: Química Geral Superior, 6a Ed. Interamericana, 1991, Rio de Janeiro.

John B. Russell.; Química Geral - V2, 2ª ed.; Editora Makron Books, São Paulo, 1994.

SHRIVER, D.F. et al. - Inorganic Chemistry - Oxford University Press, Oxford, 1992.

COTTON, F.A. et al. - Basic Inorganic Chemistry - 3ª ed. John Wiley e Sons, Nova York, 1995.

COTTON, F. A e WILKSONS, G. Química Inorgânica. Traduzido por Horário Macedo. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982. 601p.

BUTLER, I.S. & HARROD, J.F. - Química Inorgânica - Addison – Wesley Iberoamericana, Wilmington, 1992.

HESLOP, R.B. & JONES, K. - Química Inorgânica - Fundação Calouste Gulberkian, Lisboa, 1988.

LEE, J.D. - Química Inorgânica - Ed. Edgard Blucher, São Paulo, 1980.

LEE, J.D. Química Inorgânica: Um Novo Texto Conciso. Traduzido por Juergen H. Naar. 3a Ed. São Paulo. Blucher, 1980. 507p.

2. BOTÂNICA APLICADA À FARMÁCIA

Ementa: Morfologia externa de órgãos vegetativos e reprodutivos. Princípios taxonômicos e principais famílias de interesse farmacêutico. Princípios básicos de citologia e histologia vegetal. Anatomia de órgãos vegetais e sua aplicação na diagnose de drogas vegetais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RAVEN, Peter H.; RAY F. Evert; EICHHORN, Susan E.; *Biologia vegetal*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 2*. 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010

NULTSCH, W. *Botânica geral*. 10ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OLIVEIRA, F. & AKISUE, G. *Fundamentos de Farmacobotânica e de morfologia vegetal*. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 2009.

VIDAL, W.N.; VIDAL, M.R.R *Botânica - Organografia Quadros Sinóticos Ilustrados de Fanerógamos*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JORGE, LUZIA ILZA FERREIRA. *Botânica aplicada ao controle de qualidade de alimentos e de medicamentos*. 1ª ed. São Paulo: Atheneu, 2000.

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 1*. 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010

OLIVEIRA, F *Práticas de Morfologia vegetal*. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

GONÇALVES, E.G; LORENZI, H. *Morfologia Vegetal: Organografia e Dicionário Ilustrado de Morfologia das Plantas Vasculares*. 2ª ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2007.

LORENZI, Harri. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2ª ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2008.

SOUZA, V.C & LORENZI, H. *Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II*. 2ª Ed. Nova Odessa: Plantarun, 2008.

3. PARASITOLOGIA GERAL

Ementa: Conhecimento básico dos aspectos gerais, morfologia, biologia e patogenia dos parasitas mais importantes que ocorrem no Brasil, assim como do diagnóstico, tratamento, epidemiologia e profilaxia das doenças, principais, parasitárias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

NEVES, D.P. *Parasitologia Humana*. 11ª Ed Atheneu S.P,427 pp 2005.

NEVES,D.P. *Parasitologia Dinâmica*. 1ª Ed. Atheneu SP 470pp 2009.

REY, L. *PARASITOS E DOENÇAS PARASITÁRIAS DO HOMEM NAS AMÉRICAS E ÁFRICA*. 3a Ed, Guanabara Koogan RJ ,856 pp 2001.

CIMERMAM, B. *Parasitologia Humana e seus Fundamentos Gerais*, 2ª Ed Atheneu, SP, 373 pp 2010.

NEVES,D.P; NETO, J. B. B. *Atlas Didático De Parasitologia*.2ª ed., São Paulo, Atheneu, 2002.

DE CARLI , G.A.- *Parasitologia Clínica. Seleção de Métodos e técnicas de Laboratóriopa rao Diagnóstico das Parasitoses Humanas* SP. Ed.Atheneu, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VERONESI, R. *Doenças Infeciosas e Parasitárias*. 8ª Ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991

LEVENTHAL, R.; CHEADLE, R. *Parasitologia Médica: Texto e Atlas*. 4ª ed., São Paulo, Premier, 2000.

CIMERMAN, B; FRANCO, M. A. *Atlas de parasitologia: artrópodes, protozoários e helmintos*. 1ª Ed. São Paulo, Atheneu, 2002.

4. CITOLOGIA E HISTOLOGIA

Ementa: Introdução ao estudo da citologia, organelas citoplasmáticas. Histologia, tecido conjuntivo propriamente dito, tecido epitelial, tecido cartilaginoso, tecido ósseo, tecido muscular, tecido nervoso, primeira semana de desenvolvimento, segunda semana de desenvolvimento, terceira semana de desenvolvimento, da quarta à oitava semana de desenvolvimento, da nona semana ao nascimento, placenta e anexos embrionários.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, José. **Biologia celular e molecular**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa; CARNEIRO, José. **Histologia básica**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MOORE, Keith L.; PERSAUD, T. V. N. **Embriologia clínica**. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MOORE. **Embriologia Básica**. 7ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 2008.

MARIANO DI FIORE, **Atlas de Histologia**. 7ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

ALBERTS, B. **Biologia molecular da Célula**. 5ed. Porto Alegre: Artmed. 2010.

GARTNER, L, HIATT, J.L. **Tratado de Histologia em Cores**. 4ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARLSON, B. M. **Embriologia humana e biologia do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996.

BERKALOFF, André et al. **Biologia e fisiologia celular**. Tradução Nécia Dulce Wendell Magalhães. São Paulo: Blucher, 1998.

DE ROBERTIS, Eduardo Diego Patrício. **Bases da biologia celular e molecular**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c1993.

GARCIA, Sônia Maria Laurer; JECKEL NETO, Emilio; GARCIA, FERNANDEZ, Casimiro. **Embriologia**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001. 416p.

5. GENÉTICA

Ementa: Estudo dos principais conceitos da genética clássica (mendelismo, teoria cromossômica, mitose e meiose, determinação do sexo), citogenética (estrutura cromossômica, cromossomos autossômicos e cromossomos sexuais, variações cromossômicas numéricas e estruturais), farmacogenética, ecogenética, genética de populações, síndromes genéticas, genética do câncer, erros inatos do metabolismo, genética nas doenças comuns e diagnósticos genéticos pré-natais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SNUSTAD, D.P., SIMMONS, J.M. Fundamentos de Genética. 3ª Ed. 2001. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan

GARDNER, E. J.; SNUSTAD, D. P. Genética. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987..

BURNS, G. W. & BOTTINO, P.J. Genética. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

BROWN, T. A. Genética: um enfoque molecular. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

DE ROBERTIS, E. M. F. & HIB, J. Bases da biologia celular e molecular. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GRIFFITHS, A. J. F. et al. Genética moderna. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

ALBERTS, B. et al. Fundamentos da biologia celular: uma introdução à biologia molecular da célula. Rio Grande de Sul: Artes Médicas, 2002.

ALBERTS, B. et al. Biologia molecular da célula. 3ª. ed. Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1997.

MIR, L. e colaboradores. Genômica. Editora Atheneu. 2004.

PASTERNAK, J.J. Genética Molecular Humana: Mecanismos das Doenças hereditárias. 1ª ed. São Paulo. Editora Manole, 2002.

NUSSABUM, R.L., McINNIS, R.R, HUNTINGTON, F.W. Thompson & Thompson: Genética Médica. 6ª ed. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan. 2002.

WATSON, J. D., AMY A CAUDY, RICHARD M. MYERS, JAN A. WITKOWSKI. DNA Recombinante: Genes e Genomas. 3ªed.. Editora Porto Alegre, Artmed .2009.

6. BIOLOGIA MOLECULAR

Ementa: Estrutura do DNA e suas implicações, síntese protéica, mecanismos de duplicação, transcrição, tradução e reparo do DNA, regulação da expressão gênica, técnicas básicas de biologia molecular e suas aplicações, principais contribuições da biologia molecular para os avanços alcançados nas Ciências da Saúde e Biológicas, em diferentes áreas de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GRIFFITHS, A. J. F. et al. Introdução à Genética. 8ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan, 2008.

DE ROBERTIS, E. M. F. & HIB, J. Bases da biologia celular e molecular. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 418pp.

ALBERTS, B. et al. Biologia molecular da célula. 3. ed. Rio Grande do Sul: Artes Médicas.

SNUSTAD, D.P., SIMMONS, J.M. Fundamentos de Genética. 3ª Ed. 2001. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan.

ZAHA, A. et al. Biologia Molecular Básica. 3ª ed. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 2003.

PASTERNAK, J.J. Genética Molecular Humana: Mecanismos das Doenças hereditárias. São Paulo: Editora Manole, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BROWN, T. A. Clonagem Gênica e Análise de DNA. 4ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2003., 1997.

WATSON, J. D., AMY A CAUDY, RICHARD M. MYERS, JAN A. WITKOWSKI. DNA Recombinante: Genes e Genomas. 3ª. Ed. Porto Alegre, Artmed. 2009.

BORÉM, A.; CAIXETA, E.T. Marcadores Moleculares. Viçosa. Editora Universidade Federal de Viçosa, 2006.

MIR, L. e colaboradores. Genômica. Editora Atheneu.2004.

WATSON, J. D., AMY A CAUDY, RICHARD M. MYERS, JAN A. WITKOWSKI. DNA Recombinante: Genes e Genomas. 3ª. Ed. Porto Alegre, Artmed 2009.

7. BIOÉTICA

Ementa: Experimentação em seres humanos. Utilização de animais como modelos experimentais. Ética e metodologias empregadas em experimentos científicos. Pesquisa em seres humanos para a melhoria da qualidade de vida do homem e sua relação com o meio ambiente. Padrões desejáveis de ética.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARCHIFONTAINE, C.P. **Bioética – Alguns Desafios**. 1ª ed., Editora Loyola, 2001.

DINIZ, D. **O que é Bioética?** Editora Brasiliense, 2002.

DURAN, G. **Introdução Geral a Bioética**. 1ª ed., Editora Loyola, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Periódicos científicos da área

ENGELHARDT JR., H.T. **Fundamentos da Bioética**. 1ª ed., Editora Loyola, 1998.

CASABONA, C.M.R. **Biotecnologia, Direito e Bioética**. 1ª ed., Editora Del Rey, 2002.

DINIZ, D. **Conflitos Morais e Bioética**. 1ª ed., Editora Letras Livres, 2002.

3º SEMESTRE

1. MICROBIOLOGIA GERAL

Ementa: Aspectos gerais dos fungos, vírus e bactérias, morfologia e ultra-estrutura, replicação e identificação; relações entre os microrganismos e o organismo hospedeiro; aspectos da biologia dos microrganismos agressores e microbiota normal. Estudo dos grupos de microrganismos interesse clínico, métodos gerais de identificação e coloração.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KONEMANN, Elmer W., ALLEN, Stephen D., JANDA, William M., SCHRECKENBERGER, Paul C. **Diagnóstico Microbiológico Texto e Atlas Colorido**. 5ªed. Rio de Janeiro: Medsi, 2001.

TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Burdel R.; CASE, Christine L. Microbiologia. 10ªed., Porto Alegre, Editora Artmed, 2011.

BLACK, Jacquelyn G.; Microbiologia Fundamentos e Perspectivas. 4ª ed., Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 2002.

TRABULSI, Luiz R.; GOMPERTZ, Olga F.; ALTHERTUM, Flávio. Microbiologia. 5ª ed. São Paulo: Livraria Atheneu, 2010.

BARBOSA, Heloiza R.; TORRES, Bayardo B. Microbiologia Básica. São Paulo: Ed. Atheneu, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JORGE, ANTONIO O. C. Microbiologia – Atividades Práticas. 2ª ed. São Paulo: Livraria Santos, 2001.

BURTON, Gwendolyn R. W. & ENGELKIRK, Paul G. Microbiologia para Ciências da Saúde. 5ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

RIBEIRO, Mariângela C.; SOARES, Maria M. S. R. Microbiologia Prática – Roteiro e Manual. São Paulo: Atheneu, 2011.

2. QUÍMICA ORGÂNICA

Ementa: Introdução à Química Orgânica; Ligações químicas em moléculas orgânicas; Ácidos e bases orgânicas; Hidrocarbonetos alifáticos e aromáticos; Estereoquímica dos compostos orgânicos; Funções orgânicas com ligações simples; Funções orgânicas contendo oxigênio em ligação dupla; Reações Orgânicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALLINGHER, N. L. Química Orgânica. 2ª edição, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1978.

BRUICE, P. Y. QUÍMICA ORGÂNICA V. 1. 4ª edição, Editora PRENTICE HALL BRASIL, Rio de Janeiro, 2006.

BRUICE, P. Y. QUÍMICA ORGÂNICA V. 2. 4ª edição, Editora PRENTICE HALL BRASIL, Rio de Janeiro, 2006.

FRYHLE, CRAIG B.; JOHNSON, ROBERT G.; SOLOMONS, T. W. GRAHAM. Química Orgânica. V. 1, 9ª edição: LCT, Rio de Janeiro, 2009.

FRYHLE, CRAIG B.; JOHNSON, ROBERT G.; SOLOMONS, T. W. GRAHAM. Química Orgânica V. 2, 9ª edição: LCT, Rio de Janeiro, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOYD, R. N.; MORRISON, R. T. Química Orgânica. 15ª edição, Editora: CALOUSTE GULBENKIAN, São Paulo, 2009.

Compostos Orgânicos. 7ª edição, Editora LCT, Rio de Janeiro, 2006.

SCHORE, N. E.; VOLLHARDT, K. P. C. Organic Chemistry. 3ª edição, Editora: W H FREEMAN - USA, New York, 2006

SILVERSTEIN, R. M., BELER, G. C., MORRIL, T. C. Identificação Espectrométrica de Compostos Orgânicos, 7ª edição, Editora LTC, Rio de Janeiro. 2006

3. IMUNOLOGIA

Ementa: Conceitos básicos em imunologia. Propriedades gerais das respostas imunes. Componentes do sistema imune inato e adquirido. Inflamação e migração celular. Mecanismos de reconhecimento do antígeno e ativação dos linfócitos T. Complexo Principal de Histocompatibilidade. Imunidade celular e humoral. Mecanismos efetores da imunidade celular e humoral. Estrutura e função das imunoglobulinas. Sistema complemento. Imunologia dos grupos sanguíneos. Imunologia dos transplantes. Reações de hipersensibilidades. Autoimunidade e imunodeficiências.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABBAS, A.K.; LICHTMAN A. H. Imunologia celular e molecular. 6.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

STEWART *SELL*. Imunologia, Imunopatologia e Imunidade. 1ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

PEAKMAN, M.; VERGANI, D. Imunologia básica e clínica. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

ROITT, I. Imunologia. 6.ed. São Paulo: Manole, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- SHARON, J. *Imunologia básica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- CHAPEL, H. *Imunologia para o clínico*. 4.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- GOLDSBY, R.A.; KINDT, T.J. OSBORNE, B.A. *Kuby: imunologia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- JANEWAY, C.A., TRAVERS, P., WALPORT, M. *Imunobiologia: na saúde e na doença*. 7ed. Porto Alegre: Artmed.2010.
- GOREZYNSKI, R.; STANLEY, J. *Imunologia clínica*. Rio de Janeiro: Reichmann, 2001.
- ABBAS, A.K.; LICHTMAN A.H. *Imunologia básica: funções e distúrbios do sistema imunológico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- NAIRN, R.; HELBERT, M. *Imunologia para estudante de medicina*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- RIBEIRO, M.A.G., BRAZ, R.F.S. *Imunologia: exercícios práticos*. Col. Sala de Aula. EDUFRN, 1989.
- WEIR, D.M. *Imunologia para estudantes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1976.

4. BROMATOLOGIA E NUTRIÇÃO

Ementa: Bromatologia: conceito. Relação com as demais ciências básicas e aplicadas. Classificação e campo de ação. Composição, propriedades e atributos de qualidade dos alimentos. Grupos de alimentos. Inter-relações entre dieta, saúde e doenças com ênfase no suporte nutricional, as interações de medicamentos com os nutrientes, os alimentos e o estado nutricional. Aditivos em alimentos. Alimentos para fins especiais. Legislação de alimentos no Brasil. Água para o preparo e manipulação dos alimentos. Amostragem de alimentos. Avaliação da rotulagem de produtos alimentícios. Procedimentos gerais para análise de alimentos. Análise percentual e fiscal de alimentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- OETTERER, M.; DARCE, M.A.B.R.; SPOTO, M. *Fundamentos de Ciência e Tecnologia de Alimentos*. Manole, 2006.
- EVANGELISTA, J. *Tecnologia de Alimentos*. 2 ed., Atheneu, 1989.
- GAVA, A.J. *Tecnologia de Alimentos – Princípios e Aplicações*. Nobel, 2009.

EVANGELISTA, J. Alimentos – Um Estudo Abrangente. Atheneu, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

SALINAS, R.D. Alimentos e Nutrição – Introdução à Bromatologia. 3 ed., Artmed, 2002.

OLIVEIRA, M.N. Tecnologia de Produtos Lácteos Funcionais. Atheneu, 2009.

CECHI, H.M. Fundamentos Teóricos e Práticos em Análise de Alimentos. 2 ed., Editora da UNICAMP, 2003.

MORETTO, E.; FETT, R.; GONZAGA, L.V.; KUSKOSKI, E.M. Introdução à Ciência dos Alimentos. Editora da UFSC, 2002.

CARVALHO, H.H.; JONG, E.V.; BELLÓ, R.M.; SOUZA, R.B.; TERRA, M.F.T. Alimentos: Métodos Físicos e Químicos de Análise. Editora da UFRGS, 2002.

5. BIOQUÍMICA GERAL

Ementa: Introdução à bioquímica. Composição química da célula. Água e tampões. Regulação do equilíbrio ácido básico no organismo humano. Biomoléculas: carboidratos, lipídios, vitaminas, aminoácidos, peptídeos, proteínas, enzimas, ácidos nucleicos. Metabolismo dos carboidratos, lipídios e proteínas. O ciclo do ácido cítrico. Cadeia transportadora de elétrons e fosforilação oxidativa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DAVID L. NELSON e MICHAEL M. COX. Princípios de Bioquímica de LEHNINGER. 5ª Ed. Editora Sarvier, São Paulo, 2011.

CHAMPE, P.C.; HARVEY, R.A.; FERRIER, D.R. Bioquímica Ilustrada. 3ª Ed. Artmed. Porto Alegre. 2006

MOTTA, V.T. Bioquímica Clínica para o Laboratório: Princípios e interpretação. 2ª Ed. Médica Missau. Caxias do Sul. 2000.

BERG, J.M.; TYMOCZKO, J.C., STRYER, L. BIOQUÍMICA. 5a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2004. 1059p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHARLOTTE W. PRATT e KATHLEEN CORNELLY. *Bioquímica Essencial*. 1ª Ed Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 2006

CAMPBELL, M.K. **Bioquímica**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 752p.

VOET, D., VOET, G.P. **Bioquímica**. 3a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 1616p.

6. QUÍMICA ANALÍTICA QUALITATIVA

Ementa: Métodos da Química Analítica Qualitativa; Reações em Análise Qualitativa; Teoria da Dissociação Eletrolítica; Equilíbrio Químico; Equilíbrios em Sistemas Homogêneos (Ácidos e Bases); Potencial Hidrogeniônico e Hidroxiliônico; Equilíbrios em Sistemas Heterogêneos (Solubilidade, Precipitação, Produto de Solubilidade, operações e cálculos); Termodinâmica em Reações de Equilíbrio Químico; Atividade, Força Iônica e Coeficiente de Atividade; Equilíbrio Químico de Complexos; Equilíbrio Químico em Sistemas de Oxi-Redução; Colóides.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BACCAN, N.; *Química Analítica Quantitativa*, 3ªed.; Editora Blucher, São Paulo, 2001.

VOGEL, A. I.; **Química Analítica Qualitativa**, 5ª ed., Editora Mestre Jou, São Paulo, 1990.

LEITE, FLAVIO. *Práticas de Química Analítica*, 4ª ed.; Editora Atomo, Campinas - SP.

MORITA, T.; ASSUMPÇÃO, R. M.; **Manual de soluções**. Reagentes e Solventes, 2ª ed., Edgard Blucher. São Paulo, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUELLER, HAYMO; SOUZA, DARCY DE.; *Química Analítica Qualitativa Clássica*, 1ª ed.; Editora EDIFURB, Santa Catarina, 2010.

BACCAN, N., ALEIXO, L. M., STEIN, E., GODINHO, O. E. S.; **Introdução à Semimicroanálise Qualitativa**, 6a ed., Editora da UNICAMP, Campinas, 1995.

ALEXÉEV. V.; **Análise Qualitativa**, Lopes da Silva, Porto, 1982.

OHLWEILLER, O.; **Química Analítica Quantitativa**, 2 ed., Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1985, 3v.

EWING, G. W.; **Métodos Instrumentais de Análise Química**, Edgard Blucher, São Paulo, 1990, 2 v.

7. FARMACOGNOSIA

Ementa: Conceitos gerais em farmacognosia, introdução, histórico, sua importância, objetivos e divisão. Importância dos Produtos Naturais de Origem Natural para a produção de medicamentos de origem natural e para a Indústria Farmacêutica. Farmacobiotecnologia,. Influência da Biotecnologia sobre a prática Farmacêutica. Biotecnologia e Descoberta de Medicamentos. Conhecimento, uso e aplicação das principais fontes de dados (bancos de dados, coleções e Internet) das plantas medicinais. Produção de drogas. Análise de drogas. Métodos de extração e separação além da purificação das principais classes de metabólitos primários e secundários, através dos métodos extrativos e cromatográficos, respectivamente. Biosíntese e vias biosintéticas dos produtos naturais, metabolismo primário e secundários. Origem dos metabólitos secundários. Classificação dos Produtos Naturais: Carboidratos, Lipídeos saponificáveis, Terpenóides e esteróides, flavonóides, alcalóides, óleos voláteis, taninos, heterosídeos cardioativos, quinonas, metilxantinas, cumarinas, entre outros. Caracterização das várias classes de substâncias naturais, visualizado-as através de testes fitoquímicos e noções de métodos espectroscópicos através da identificação estrutural de substâncias de origem natural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, G. B.; PIERINA S.; COLLINS, C. H. Fundamento de Cromatografia, 1ª EDIÇÃO Rio de Janeiro, Ed. UNICAMP, 2006.

COSTA, A. F. FARMACOGNOSIA V.3, 3ª EDIÇÃO, Portugal, CALOUSTE GULBENKIAN 2001.

LE HIR. Noções de Farmácia Galênica, 6ª EDIÇÃO, São Paulo, ANDREI, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PROENÇA DA CUNHA, A. Farmacognosia e Fitoquímica, 1ª EDIÇÃO, Portugal, CALOUSTE GULBENKIAN 2006.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMANN, G.; DE MELLO, J. C. P.; ROBBERS, J. E.; SPEEDIE, M. K.; TYLER, V. E. Farmacognosia e Farmacobiotechnology, Editorial Premier. A Ciência em Livros, São Paulo, 2007.

MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. Farmacognosia: da planta ao medicamento, 6ª Edição, Porto Alegre, UFSC, UFRGS, 2011.

COSTA, A. F. FARMACOGNOSIA V.1, 6ª EDIÇÃO, Portugal, CALOUSTE GULBENKIAN 2006.

COSTA, A. F. FARMACOGNOSIA V.2, 5ª EDIÇÃO, Portugal, CALOUSTE GULBENKIAN 2002.

4º SEMESTRE

1. QUÍMICA ANALÍTICA QUANTITATIVA

Ementa: Introdução a análise química quantitativa; Conceitos fundamentais de análises gravimétricas e titrimétricas; Titrimetria de Neutralização; Titrimetria de Complexação; Titrimetria de Oxi-Redução; Eletrodos e Potenciometria; Condutometria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HARRIS, Daniel C.; Análise Química Quantitativa, 7ª ed.; Editora LTC, Rio de Janeiro, 2008.

BACCAN, N.; Química Analítica Quantitativa, 3ªed.; Editora Blucher, São Paulo, 2001.

LEITE, FLAVIO.; Práticas de Química Analítica, 4ª ed.; Editora Atomo, Campinas - SP.

MORITA, T.; ASSUMPÇÃO, R. M.; **Manual de soluções.** Reagentes e Solventes, 2ª ed., Edgard Blucher. São Paulo, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VOGEL, A. I.; **Química Analítica Qualitativa**, 5ª ed., Editora Mestre Jou, São Paulo, 1990.

MUELLER, HAYMO; SOUZA, DARCY DE.; **Química Analítica Qualitativa Clássica**, 1ª ed.; Editora EDIFURB, Santa Catarina, 2010.

BACCAN, N., ALEIXO, L. M., STEIN, E., GODINHO, O. E. S.; **Introdução à Semimicroanálise Qualitativa**, 6ª ed., Editora da UNICAMP, Campinas, 1995.

ALEXÉEV, V.; **Análise Qualitativa**, Lopes da Silva, Porto, 1982.

OHLWEILLER, O.; **Química Analítica Quantitativa**, 2 ed., Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1985, 3v.

EWING, G. W.; **Métodos Instrumentais de Análise Química**, Edgard Blucher, São Paulo, 1990, 2 v.

2. FÍSICO-QUÍMICA

Ementa: Estudo do estado gasoso; Conceitos de calor, capacidade calorífica, trabalho generalizado e reversibilidade; Primeira lei da termodinâmica; Segunda lei da termodinâmica; Energias livres e equações termodinâmicas; Terceira Lei da Termodinâmica; Potencial Químico e regra das fases para um componente e variação de pressão de vapor com temperatura e pressão externa; Medidas de composição, quantidades parciais molares; Lei de Raoult e Lei de Henry; Diagramas de fase para dois componentes e propriedades coligativas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ATKINS, Peter. PAULA, Julio de. **Físico-química**. 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

CASTELLAN, Gilbert W. **Fundamentos de físico-química**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

MARON, S. H. e PRUTTON, C. F. Principles of Physical Chemistry, 4ª ed., Collier-MacMillan International Editions, Nova Iorque, 1965.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SMITH, J. M.; VAN NESS, H. C; ABBOTT, M. M. **Introdução a Termodinâmica da Engenharia Química**. São Paulo: McGraw-Hill, 2005.

MOORE, Walter John. Traduzido por Tibor Rabockai. **Físico-química**. São Paulo: Blücher, 2000.

MAHAN, B.M.; MYERS, R.J. **Química um Curso Universitário**. Ed. E. Blucher Ltda, 1995.

3. FARMACOLOGIA GERAL

Ementa: Introdução à farmacologia: conceitos, divisões, relação com outras ciências básicas. Vias de Administração. Farmacocinética: dinâmica de absorção, distribuição e eliminação de drogas. Fatores que modificam os efeitos das drogas. Noções de Dosimetria. Formas Farmacêuticas. Mecanismo de ação das drogas, receptores farmacológicos e relações entre concentração das drogas e seus efeitos farmacológicos – teoria de receptores. Introdução ao sistema nervoso autônomo. Neurotransmissão: adrenérgica, colinérgica, NANC, nitroxidérgica. Colinérgicos diretos e indiretos. Anticolinérgicos. Adrenérgicos e Anti-adrenérgicos. Bloqueadores e estimulantes ganglionares. Bloqueadores neuromusculares. Neurotransmissão e o sistema nervoso central. Anestésicos gerais e locais – princípios de anestesiologia

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GOODMAN, L S; GILMAN, A. **As bases farmacológicas da terapêutica**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RANG, H P; DALE, M M; RITTER, J M. **Farmacologia**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

BRODY, T.; WECKER, L.; MINNEMAN, K. P. **Farmacologia Humana**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Editora Elsevier, 2006.

SILVA, Penildon. **Farmacologia**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,, 2006.

KATZUNG, BERTRAM G. **Farmacologia Básica e Clínica**. 10ª ed Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEVAN, John A. E Colaboradores. Fundamentos da Farmacologia. São Paulo: Harger and Row do Brasil LTDA, 1996.

GRAEF, F G. **Drogas psicotrópicas e seu modo de ação**. 2ª. ed. São Paulo: EPVC, 1989.

MORAES, E C F; SNELWAR, B; FERNICOLA, N A G G. *Manual de toxicologia analítica*. 1ª. ed. São Paulo: Roca, 1991.

THE UNITED STATES PHARMAC, USP. *THE UNITED States Pharmacopeia: the national formulary*. 24ª. ed. USA: Rockville, 2000.

SBRAF, SBRAF. *DICIONÁRIO de especialidades farmacêuticas*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: SBRAF, 2008.

4. MECANISMOS DE REAÇÕES ORGÂNICAS

Ementa: Conceitos fundamentais associados ao estudo de reações orgânicas e seus mecanismos. Aspectos termodinâmicos e cinéticos das reações orgânicas. Descrição dos mecanismos dos principais tipos de reações orgânicas: substituições, adições à ligações múltiplas, eliminações e rearranjos. Correlação dos aspectos estruturais das moléculas com a reatividade e orientação experimentalmente observadas. Introdução à síntese orgânica: interconversões funcionais, grupos protetores, análise retrossintética, exemplos da literatura corrente de sínteses com várias etapas. Aplicações e interfaces da química orgânica com a biologia e a indústria química.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALLINGHER, N. L. Química Orgânica. 2ª edição, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1978.

BOYD, R. N.; MORRISON, R. T. Química Orgânica. 15ª edição, Editora: CALOUSTE GULBENKIAN, São Paulo, 2009.

BRUICE, P. Y. QUIMICA ORGANICA V. 1. 4ª edição, Editora PRENTICE HALL BRASIL, Rio de Janeiro, 2006.

BRUICE, P. Y. QUIMICA ORGANICA V. 2. 4ª edição, Editora PRENTICE HALL BRASIL, Rio de Janeiro, 2006.

SCHORE, N. E.; VOLLHARDT, K. P. C. Organic Chemistry. 3ª edição, Editora: W H FREEMAN - USA, New York, 2006

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Compostos Orgânicos. 7ª edição, Editora LCT, Rio de Janeiro, 2006.

FRYHLE, CRAIG B.; JOHNSON, ROBERT G.; SOLOMONS, T. W. GRAHAM. Química Orgânica. V. 1, 9ª edição: LCT, Rio de Janeiro, 2009.

FRYHLE, CRAIG B.; JOHNSON, ROBERT G.; SOLOMONS, T. W. GRAHAM. Química Orgânica V. 2, 9ª edição: LCT, Rio de Janeiro, 2009.

SILVERSTEIN, R. M., BELER, G. C., MORRIL, T. C. Identificação Espectrométrica de Compostos Orgânicos, 7ª edição, Editora LTC, Rio de Janeiro. 2006.

5. PATOLOGIA GERAL

Ementa: Etiologia, patogenia, fisiopatologia das alterações morfológicas (macroscopia e microscopia) ocorridas nos principais processos patológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASILEIRO-FILHO, GB. **Bogliolo:** patologia geral. 2.ed Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan,2004.

MONTENEGRO, MF.; FRANCO, M. **Patologia processos gerais.** 5ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

ROBINS KUMAR. **Patologia básica.**8ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ROBBINS, SL.; CONTRAN, RS. **Patologia estrutural e funcional.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

6. EPIDEMIOLOGIA

Ementa: Conceitos em epidemiologia, fonte de dados epidemiológicos e medidas, amostragem, organização e análise de dados; estudo do método epidemiológico descritivo e analítico aplicado à pesquisa e à análise de dados frente aos agravos em saúde. Conceito de saúde e doença, e de ecologia; metodologia epidemiológica; principais índices e coeficientes usados em saúde pública; epidemiologia das doenças infecciosas; história natural da doença, níveis de prevenção; sistema de vigilância epidemiológica: doenças de notificação compulsória; investigação de surtos; vigilância sanitária: controle de qualidades de alimentos e investigação de

surtos; Política de Saúde; sistema único de saúde; evolução histórica da epidemiologia e seu envolvimento com o farmacêutico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JEKEL, J. F. *et al.* **Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ROUQUAYROL, M. Z. **Epidemiologia e saúde**. Rio de Janeiro: Medica e científica, 1999.

ROUQUAYROL, M. Z. **Introdução à Epidemiologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia de vigilância epidemiológica**. Brasília: 2007.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

Cury, G. C. **Epidemiologia Aplicada ao Sistema Único de Saúde / Programa de Saúde da Família**. Minas Gerais: Coopmed, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE – Brasil: <http://www.brasil.bvs.br/php/index.php>

ABC DA SAÚDE – <http://www.abcsaude.com.br>

BIBLIOTECA VIRTUAL CARLOS CHAGAS: <http://www.prossiga.br/chagas>

ANVISA: ANGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - <http://www.portal.anvisa.gov.br/wps/portal/anvisa>

AYRES, M. *et al.* **BioEstat 5.0 – Aplicações Estatísticas nas áreas de ciências biológicas**. Belém: Inst. de Desenvolvimento sustentável Mamirauá, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - <http://www.portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>

MINISTÉRIO DA SAÚDE – **Epidemiologia e Serviços de Saúde** – Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil. Brasília, 2011.

Oliveira, A. C. **Infecções Hospitalares - Epidemiologia, Prevenção e Controle**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Forattini, O. P. **Conceitos Básicos de Epidemiologia Molecular**. São Paulo: EDUSP, 2005.

7. ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Ementa: **Recepção e coleta de amostras biológicas no laboratório de análises clínicas;** **Laboratório de análises clínicas** (aplicação dos princípios de biossegurança, aplicação dos princípios de bioética, noções básicas de parasitologia, microbiologia, bioquímica); **Farmácia comunitária** (aplicação dos princípios básicos de farmacologia e de introdução às Farmácia; aplicação dos princípios básicos de epidemiologia); **Acompanhamento de Agentes Comunitários de Saúde** – Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) (aplicação dos princípios básicos de epidemiologia e procedimentos básicos em saúde); **Educação e Saúde** (aplicação dos princípios básicos de epidemiologia e procedimentos básicos em saúde; parasitologia; microbiologia; biossegurança; bioética; Introdução à teoria sociológica aplicada à área da saúde; bromatologia e nutrição).

5º SEMESTRE

1. FARMACODINÂMICA

Ementa: Mecanismos de ação dos fármacos que atuam no Sistema cardiovascular, sistema respiratório, sistema renal, sistema endócrino, trato gastrointestinal. Mecanismo de ação dos fármacos antineoplásicos, antimicrobianos, antiinflamatórios, analgésicos e antipiréticos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GOODMAN, L S; GILMAN, A. **As bases farmacológicas da terapêutica**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RANG, H P; DALE, M M; RITTER, J M. **Farmacologia**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

BRODY, T.; WECKER, L.; MINNEMAN, K. P. **Farmacologia Humana**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Editora Elsevier, 2006.

SILVA, Penildon. **Farmacologia**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,, 2006.

KATZUNG, BERTRAM G. **Farmacologia Básica e Clínica**. 10ª ed Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEVAN, John A. E Colaboradores. **Fundamentos da Farmacologia**. São Paulo: Harger and Row do Brasil LTDA, 1996.

GRAEF, F G. **Drogas psicotrópicas e seu modo de ação**. 2^a. ed. São Paulo: EPVC, 1989.

MORAES, E C F; SNELWAR, B; FERNICOLA, N A G G. **Manual de toxicologia analítica**. 1^a. ed. São Paulo: Roca, 1991.

THE UNITED STATES PHARMAC, USP. **THE UNITED States Pharmacopeia: the national formulary**. 24^a. ed. USA: Rockville, 2000.

SBRAF, SBRAF. **DICIONÁRIO de especialidades farmacêuticas**. 1^a. ed. Rio de Janeiro: SBRAF, 2008.

2. FARMACOTÉCNICA I

Ementa: História da farmacotécnica. Desenvolvimento farmacotécnico. Metrologia aplicada à farmácia. Estudos de Pré-formulação. Organização do laboratório de farmacotécnica. Boas práticas de manipulação. Legislação aplicada para farmácia Magistral. Operações unitárias. Água na manipulação e na indústria farmacêutica: operações aplicadas à qualidade de águas para processos de produção de medicamentos. Formas farmacêuticas sólidas: Pós, granulados, cápsulas e produtos moldados. Controle de qualidade na manipulação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 1*. 5^a ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010

ANSEL, H.C.; ALLEN, L.V.; POPOVICH, N.G. *Farmacotécnica: Formas Farmacêuticas e Sistemas de Liberação de Fármacos*. 8^a ed. São Paulo: Premier. 2006.

AULTON, M.E. *Delineamento de Formas Farmacêuticas*. 2^a ed. São Paulo: Artmed. 2005.

- GIL, ERIC S.; BRANDÃO, ANDRÉ LUIZ A. *Excipientes: suas aplicações e controle físico-químico*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2007
- FERREIRA, A.O. *Guia Prático da Farmácia Magistral Vol.1*. 4ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- FERREIRA, A.O. *Guia Prático da Farmácia Magistral Vol. 2*. 4ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- FLORENCE, A.T.; ATTWOOD, D. *Princípios Físico-Químicos em Farmácia*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2009.
- GENNARO, G.R. *Remington: A Ciência e a Prática da Farmácia*. 20ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2004.
- HIR, A. Le. *Noções de farmácia galênica*. Traduzido por Dhalia Gutemberg. 6ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Organização Andrei, 1997.
- THOMPSON, J. E. *A Prática na Manipulação de Medicamentos*. Porto Alegre: Artmed, 2005, 576 p.
- ALLEN Jr., L.V.; POPOVICH, N.G.; ANSEL, H.C. *Formas Farmacêuticas e Sistemas de Liberação de Fármacos*; Tradução SENNA, E.L. et al. 8ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- STORPIRTIS, S.; GONÇALVES, J. E.; CHIANN, C.; GAI, M. N. *Biofarmacotécnica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANSEL, H. C.; STOKLOSA, M. J. *Cálculos Farmacêuticos*. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BATISTUZZO, Jose Antonio de Oliveira. *Formulario medico-farmacêutico*. Colaboração de Masayuki Itaya; Yukiko Eto. São Paulo: Tecnopress, 2000.
- BOYER, Mary Jo. *Calculo de dosagem e preparação de medicamentos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2010
- BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 2*. 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010
- CAVALCANTI, L.C. *Incompatibilidades farmacotécnicas*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 1*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2008

- CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 2*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2008
- CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 3*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 1*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 2*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 3*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 4*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 5*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 6*. 2ª ed. California: 2009
- UNITED States Pharmacopeial Convention. *The United States Pharmacopeia – USP 33– NF 26 - The National Formulary*. Rockville: United States Pharmacopeial Convention, 2010. 3 v.
- VOIGT, R. *Tratado de Tecnologia Farmacêutica*. 3ª ed. Zaragoza: Acribia, 1982.

3. DEONTOLOGIA E LEGISLAÇÃO FARMACÊUTICA

Ementa: O exercício, âmbito e estrutura organizadora da profissão farmacêutica: Conselhos, Sindicatos e Associações. Responsabilidade civil, penal, administrativa e ética do profissional farmacêutico. Legislações profissionais e sanitárias em produção e consumo aplicadas aos fármacos e produtos para a saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- FIGUEIREDO, J. *Medicamentos sob controle especial no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008.
- FORTES, PAC. *Ética e Saúde: questões éticas, deontológicas e legais, tomada de decisões, auto*. 1. ed. São Paulo: Epu, 2008

CUNHA, B. **Assistência Farmacêutica- Lei 5991/73 Anotada e comentada**. 1. ed. São Paulo: AB, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA E A, E A. **Vigilância Sanitária: proteção e defesa da saúde**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1999

ZUBIOLI, Arnaldo. **Ética farmacêutica**. 1. ed. São Paulo: Sociedade Brasileira de Vigilância de Me, 2004.

CONSELHO FEDERAL, Farmácia. **A organização jurídica da profissão farmacêutica**. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 1999.

J A Z, BERMUDEZ. **Medicamentos e a reforma do setor saúde**. 1. ed. São Paulo: 1999., 1999.

BONFIM, J R de A. **A construção da política de medicamentos**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1997..

4. QUÍMICA FARMACÊUTICA

Ementa: Introdução à química farmacêutica; planejamento e obtenção de novos fármacos; estudo químico-farmacêutico de fármacos com ação nos sistemas nervoso (central e periférico), cardiovascular e renal, fármacos antimicrobianos, antitumorais, antivirais, antiinflamatórios e hormônios.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDREI, C.C.; FERREIRA, D.T.; FACCIONE, M.; FARIA, T.J. **Da química medicinal à química combinatória e modelagem molecular: um curso prático**. 1ª Ed. Editora Manole, São Paulo, 2002.

KOROLKOVAS, A; BURCKHALTER, J.H. **Química Farmacêutica**. 1ª Ed. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2008.

BARREIRO, E.J.; FRAGA, C.A.M. **Química medicinal: as bases moleculares de ação dos fármacos**. 2ª Ed. Editora Artmed, Porto Alegre, 2008.

THOMAS, G. **Química Medicinal – Uma Introdução**. 1ª Ed. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EPUB. **Dicionário de especialidades farmacêuticas**. 39ª Ed. Editora PUBLIC CIENTIFICA. 2010-2011.

KOROLKOVAS, A. **Dicionário Terapêutico Guanabara**. 18ª Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2011-2012.

5. FARMÁCIA HOMEOPÁTICA

Ementa: História da homeopatia. Conceitos básicos e fundamentais da homeopatia. Farmacologia homeopática. Estrutura da farmácia homeopática. Insumos ativos e inertes. Classificação dos medicamentos homeopáticos. Métodos de preparo. Formas farmacêuticas de uso interno e externo. Bioterápicos. Receituário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CORNILLOT, Pierre. *Tratado de Homeopatia*. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005

HAHNEMANN, S. *Organon da arte de curar*. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Bickmonn, 1995.

LACERDA, Paulo. *Manual Prático de Farmacotécnica Contemporânea em Homeopatia*. 1ª ed. São Paulo: Organização Andrei Editora, 1994

SOARES, AAD. *Dicionário de Medicamentos Homeopáticos*. 1ª ed. São Paulo: Santos Livraria e editora, 2000.

SOARES, AAD. *Farmácia Homeopática*. 1ª ed. São Paulo: Andrei, 1997.

SOARES, Antonius Alexandre Dorta. *Farmácia Homeopática*. 1ª ed. São Paulo: Andrei, 1997

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LATHOUD, JÁ. *Estudos da Matéria Médica Homeopática*. 1ª ed. São Paulo: Organon, 2004

LOCKIE, A; GUEDES, N. *Guia Completo de Homeopatia*. São Paulo: Ática, 2001.

FONTES, Olney Leite et al. *Farmacologia homeopática: teoria e prática*. 3ª ed. São Paulo: Manole, 2009

BRASILEIRA, Farmacopéia Homeopática. *Farmacopéia Homeopática Brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 2011.

FARMACÊUTICOS HOMEOPATAS, Associação Brasileira. *Manual de Normas Técnicas para Farmácia Homeopática*. 3ª ed. São Paulo: ABFH, 2003.

- MERCIER, L. *Homeopatia - Princípios Básicos*. São Paulo: Andrei, 1987.
- SHARMA, CH. *Manual de Homeopatia e Medicina Natural*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- SHEMBRIS, J. *Conheça a Homeopatia*. 3ª ed. Belo Horizonte: Z.A. Shemdri, 1992.
- TETAU, M. *Tratamento homeopático moderno de eczemas e micoses*. São Paulo: Andrei, 1994.
- VANNIER, L;; POTRIER, J. *Tratado da Matéria Médica Homeopática*. 9ª ed. São Paulo: Andrei, 1987.
- WEINER, M. *O Livro completo de Homeopatia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

6. SAÚDE PÚBLICA

Ementa: Introdução ao estudo do sistema de saúde brasileiro. Programas e políticas de saúde pública e seus condicionantes sócio-políticos, históricos e econômicos. Visão crítica dos papéis desempenhados por instituições e profissionais da área, seja pela produção do planejamento de saúde no Brasil. Assistência farmacêutica no âmbito do SUS, introdução a Farmacoeconomia e política nacional de medicamentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- JEKEL, J. F. *et al.* **Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ROUQUAYROL, M. Z. **Epidemiologia e saúde**. Rio de Janeiro: Medica e científica, 1999.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia de vigilância epidemiológica**. Brasília: 2007.
- Cury, G. C. **Epidemiologia Aplicada ao Sistema Único de Saúde / Programa de Saúde da Família**. Minas Gerais: Coopmed, 2005.
- Assistência farmacêutica para gerentes municipais**. / Organizado por Nelly Marin et al. Rio de Janeiro : OPAS/OMS, 2003.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE – **Epidemiologia e Serviços de Saúde** – Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil. Brasília, 2011.
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE – Brasil: <http://www.brasil.bvs.br/php/index.php>
- MINISTÉRIO DA SAÚDE - <http://www.portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>
- ANVISA: ANGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - <http://www.portal.anvisa.gov.br/wps/portal/anvisa>

Leis, resoluções, portarias, decretos e normas técnicas relacionados a saúde pública disponíveis nos sites: <http://www.portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>, www.anvisa.gov.br e www.cff.org.br.

Lei nº 8.080 de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABC DA SAÚDE – <http://www.abcsaude.com.br>

BIBLIOTECA VIRTUAL CARLOS CHAGAS: <http://www.prossiga.br/chagas>

Osório-de-Castro, C. G. S. **A Construção da Política de Medicamentos**. São Paulo: HUCITEC/SOBRAVIME, 1997.

Diagnóstico da Farmácia Hospitalar no Brasil. Núcleo de assistência farmacêutica. OPAS. 2004.

Medronho, R.A. **Epidemiologia**. 2ª Ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

7. FARMACOEPIDEMIOLOGIA

Ementa: Farmacoepidemiologia e o uso de medicamentos. O estudo da distribuição dos agravos à saúde relacionados aos efeitos adversos de medicamentos e seus determinantes em populações humanas. Introdução aos métodos de avaliação da farmacologia clínica. Metodologia epidemiológica básica em farmacovigilância e tecnovigilância. Sistemas de farmacovigilância. Identificar, rastrear e classificar as reações adversas a medicamentos. Metodologias dos estudos de utilização de medicamentos (EUM). Indicadores dos EUM. Centros de informação sobre medicamentos (CIM). Promoção do uso racional de medicamentos (URM). Erros de medicação, erros de prescrição, erros de dispensação e erros de administração.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Benichou, C. **Guia Prático de Farmacovigilância**. 2ª ed. São Paulo: Andrei, 1999.

Lee, A. **Reações Adversas a Medicamentos**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Jekel, J. F. et al. **Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Alghabban, A. **Diccionario de Farmacovigilancia**. Espanha: PHARMACEUTICAL PR, 2007.

Medronho, R.A. **Epidemiologia**. 2ª Ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE – Brasil: <http://www.brasil.bvs.br/php/index.php>

ABC DA SAÚDE – <http://www.abcsaude.com.br>

ANVISA: ANGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA -
<http://www.portal.anvisa.gov.br/wps/portal/anvisa>

MINISTÉRIO DA SAÚDE - <http://www.portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>

Strom, B.L. **Pharmacoepidemiology**. New York: Churchik Livingstone, 1989.

Laporte, J. R. & Tognoni, G. (Org.). **Princípios de epidemiologia del medicamento**. 2. ed. Barcelona: Massat-salvat, 1993.

Castro, Lia Lusitana Cardozo de(Org.). **Fundamentos de farmacoepidemiologia**. Campo Grande: Grupo de Pesquisa em Uso Racional de Medicamentos, 2001.

8. ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Ementa: Farmácia comunitária pública e privada e Drogarias (aplicação dos princípios básicos de farmacologia geral, farmacodinâmica, farmacoepidemiologia e gestão de serviços farmacêuticos);

6º SEMESTRE

1. FARMACOTÉCNICA II

Ementa: Mecânica dos fluidos: propriedades do estado líquido, dissolução e solubilidade. Noções de reologia. Formas farmacêuticas líquidas: Soluções e sistemas dispersos (emulsões e suspensões). Farmacotécnica de fitoterápicos: soluções extrativas. Pele e permeação cutânea. Formas farmacêuticas semi-sólidas: cremes, géis, pomadas e pastas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALLEN Jr., L.V.; POPOVICH, N.G.; ANSEL, H.C. *Formas Farmacêuticas e Sistemas de Liberação de Fármacos*; Tradução SENNA, E.L. et al. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ANSEL, H. C.; STOKLOSA, M. J. *Cálculos Farmacêuticos*. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- AULTON, M.E. *Delineamento de Formas Farmacêuticas*. 2ª Ed. São Paulo: Artmed. 2005
- . BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 1*. 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010
- BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 2*. 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010
- CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 1*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2008
- CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 2*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2008
- CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 3*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2009
- FERREIRA, A.O. *Guia Prático da Farmácia Magistral Vol.1*. 4ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- FERREIRA, A.O. *Guia Prático da Farmácia Magistral Vol. 2*. 4ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- GIL, ERIC S.; BRANDÃO, ANDRÉ LUIZ A. *Excipientes: suas aplicações e controle físico-químico*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2007
- THOMPSON, J. E. *A Prática na Manipulação de Medicamentos*. Porto Alegre: Artmed, 2005, 576 p.
- FLORENCE, A.T.; ATTWOOD, D. *Princípios Físico-Químicos em Farmácia*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BOYER, Mary Jo. *Calculo de dosagem e preparação de medicamentos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2010
- BARATA, E. A. F. *Cosmetologia: Princípios Básicos*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress, 2000

- HIR, A. Le. *Nocoes de farmacia galenica*. Traduzido por Dhalia Gutemberg. 6ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Organizacao Andrei, 1997.
- BATISTUZZO, Jose Antonio de Oliveira. *Formulario medico-farmacutico*. Colaboração de Masayuki Itaya; Yukiko Eto. São Paulo: Tecnopress, 2000.
- CAVALCANTI, L.C. *Incompatibilidades farmacotécnicas*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- DRAELOS, Zoe Diana; DOVE, Jeffrey S. R; MURAD, Alam. *Cosmecêuticos*. 2ª ed. Camboriú, SC: Elsevier Editora LTDA, 2009
- FONSECA, A. *Manual de terapeutica dermatologica e cosmetologia*. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2002
- GAMONAL, Aloísio. *Dermatologia farmacêutica: formulas magistrais*. 1ª ed. Juiz de Fora: A. Gamonal, 1999.
- GENNARO, G.R. *Remington: A Ciência e a Prática da Farmácia*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2004.
- MAGALHÃES, J. *Cosmetologia*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2000
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol1*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 2*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 3*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 4*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 5*. 2ª ed. California: 2009
- NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 6*. 2ª ed. California: 2009
- RIBEIRO, C. *Cosmetologia aplicada a dermoestética*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2010.
- ROWE, R. C. *Handbook of Pharmaceutical Excipients*. 6ª ed. London: The Pharmaceutical Press, 2009
- SCHUELLER, R.; ROMANOWSKI, P. *Iniciação à química cosmética volume 1*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress. 2003

- SCHUELLER, R.; ROMANOWSKI, P. *Iniciação à química cosmética volume 2*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress. 2003
- SCHUELLER, R.; ROMANOWSKI, P. *Iniciação à química cosmética volume 3*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress. 2003
- SINKO, P.J. *Martin: físico-farmácia e ciências farmacêutica*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 1*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2003
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 2*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2004
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 3*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2005
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 4*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2006
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 5*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 6*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2010
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Edição especial*. São Paulo: Pharmabooks, 2009
- STORPIRTIS, S.; GONÇALVES, J. E.; CHIANN, C.; GAI, M. N. *Biofarmacotécnica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- UNITED States Pharmacopeial Convention. *The United States Pharmacopeia –USP 33 – NF 26 - The National Formulary*. Rockville: United States Pharmacopeial Convention, 2010. 3 v.

2. FARMÁCIA HOSPITALAR

Ementa: Introdução à Farmácia Hospitalar: história, conceitos, objetivos e atribuições. Responsabilidade e Funções dos Serviços Farmacêuticos Hospitalares. Estrutura e organização da Farmácia Hospitalar. Legislação aplicada à Farmácia Hospitalar. Padronização e Seleção de Materiais Médico-hospitalares e de Medicamentos. Aquisição, Armazenamento e Controle de estoque. Dispensação Farmacêutica e Farmacotécnica Hospitalar: Fórmulas Magistrais, Preparação estéreis e Nutrição Parenteral. Controle de Qualidade na Farmácia Hospitalar. Administração dos Recursos Humanos. Controle da Infecção Hospitalar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAVALLINI, M. E. **Farmácia hospitalar : um enfoque em sistemas de saúde.** Colaboração de Marcelo Polacow Bisson. 1. ed. São Paulo: Manole, 2002.

CIPOLLE RJ, STRAND LM, MORLEY PC. ***Pharmaceutical care practice The clinician's guide*** 2a. ed. New York. McGraw-Hill, 2004.

DUNCAN B.B, SCHMIDT MI, GIUGLIANI ERJ. ***Medicina ambulatorial: Conduas de atenção primária baseadas em evidências.*** 3ª. ed. Porto Alegre, Artmed, 2004.

BISSON, M. P. **Farmácia clínica & atenção farmacêutica.** São Paulo: Medfarma, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Brasil, Ministério da Saúde – **Guia Básico para Farmácia Hospitalar** – Brasília, 1994.

GOMES, M. J. V. M; REIS, A. M. M. **Farmácia Uma Abordagem em Farmácia Hospitalar.** 1ª ed. Ed. Atheneu. S. Paulo, 2001.

MAIA NETO, J. F. (Org.) **Farmácia hospitalar e suas interfaces com a saúde.** São Paulo: Rx, 2005.

CIMINO, J. S. **Iniciação à Farmácia Hospitalar.** Artpress. S. Paulo, 1973.

MAIA, J. F. **Farmácia Hospitalar: um enfoque sistêmico.** Thesaurus, 1990.

REMYNGTON, J. P. – **Farmacia Prática,** Buenos Aires Panamericana.

3. MICROBIOLOGIA DE ALIMENTOS

Ementa: Conhecimentos sobre a microbiota dos alimentos e sua possível implicação com doenças de origem alimentar e sua importância nos processos de tecnológicos e de deterioração de alimentos. Importância dos microrganismos nos alimentos. Fatores intrínsecos e extrínsecos que controlam o desenvolvimento microbiano nos alimentos. Microrganismos indicadores. Microrganismos patogênicos de importância em alimentos. Alterações químicas causadas por microrganismos. Deterioração microbiana de alimentos. Controle do desenvolvimento microbiano nos alimentos. Critérios microbiológicos para avaliação da qualidade de alimentos. Análise de perigos e pontos críticos de controle. Métodos de análise.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FRANCO, B.D.G.M.; LANDGRAF, M. Microbiologia dos Alimentos. 2 ed., Atheneu, 2008.

BARBOSA, H.R., TORRES, B.B. Microbiologia Básica. Atheneu, 1999.

TRABULSI, L.R.; ALTERTHUM, F. Microbiologia. 4 ed., Atheneu, 2008.

TORTORA, G.J., FUNKE, B.R., CASE, C.L. Microbiologia. 10 ed., Artmed, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MASSAGUER, P.R. Microbiologia dos Processos Alimentares. Varela, 2006.

SILVA, N. Manual de Métodos de Análise Microbiológica de Alimentos e Água. 4 ed., Varela, 2010.

JAY, J.M. Microbiologia de Alimentos. 6 ed., Artmed, 2005.

FIRSYTHE, S.J. Microbiologia da Segurança Alimentar. Artmed, 2002.

BURTON, G.R.W., ENGELKIRK, P.G. Microbiologia para as Ciências da Saúde. 7 ed., Guanabara Koogan, 2005.

BLACK, J.G. Microbiologia: Fundamentos e Perspectivas. 4 ed., Guanabara Koogan, 2002.

PELCZAR, M.J., CHAN, E.C.S., KRIEG, N.R. Microbiologia – Conceitos e Aplicações. v. 1 e 2, 2 ed., Makron Books, 1996.

MADIGAN, M.T.; MARTINKO, J.M.; PARKER, J. Microbiologia de Brock. 10 ed., Prentice-Hall, 2004.

OLIVEIRA, M.N. Tecnologia de Produtos Lácteos Funcionais. Atheneu, 2009.
CECHI, H.M. Fundamentos Teóricos e Práticos em Análise de Alimentos. 2 ed., Editora da UNICAMP, 2003.

4. GESTÃO DE SERVIÇOS FARMACÊUTICOS

Ementa: Noções organizacionais da gestão de serviços farmacêuticos. Conhecimentos de gestão e administração de serviços públicos e/ou privados do setor de medicamentos. Técnicas de legalização e documentos sanitários obrigatórios para estabelecimentos farmacêuticos. Planejamento, gestão e avaliação de serviços de saúde. Assistência farmacêutica: Seleção, programação, aquisição, armazenamento, distribuição e dispensação de medicamentos. Seleção e aquisição de equipamentos e insumos farmacêuticos. A lei de responsabilidade fiscal. Lista de medicamentos essenciais. Sistemas de distribuição de medicamentos e correlatos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Almeida, J. R. C. **Farmacêuticos em Oncologia: Uma Nova Realidade. 2ª Ed.** São Paulo: Atheneu, 2010.

Pinto, V. B. **Gestão Estratégica em Farmácia Hospitalar.** São Paulo: Atheneu, 2009.

Ferracini, F. T. **Prática Farmacêutica no Ambiente Hospitalar - Do Planejamento à Realização.** 2ª Ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

Storpirtis, S. **Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

Bisson, M.P. **Farmácia Clínica & Atenção Farmacêutica.** 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2007.

Cury, G. C. **Epidemiologia Aplicada ao Sistema Único de Saúde / Programa de Saúde da Família.** Minas Gerais: Coopmed, 2005.

Cavallini, Miriam E. **Farmácia Hospitalar.** 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2010.

Fuchs, F. D.(Ed.);Wannmacher, L.(Ed.);FERREIRA & Cardoso, M. B.(Ed.). **Farmacologia clínica: fundamentos da terapêutica racional.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar. **Guia Básico para a Farmácia Hospitalar.** Brasília: MS, 1994.

Zubioli, A. (Coord.). **A farmácia clínica na farmácia comunitária**. Brasília: Ethosfarma, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Folland, S.; Goodman, A. C.; Stano, M. **The Economics of Health Care**. 3ª ed..New Jersey. Prentice Hall. 2001.

Sacristán, J. A.; Badia, X.;Rovira, J. (ED.), **Farmacoeconomia: evaluación económica de medicamentos**. Madrid: Editores Médicos S.A., 1995.

Silva, M. G. C. (ORG.) **Economia da Saúde: aspectos conceituais e metodológicos**. Fortaleza. INESP/EDUECE, 2001.

Silva, M. G. C. (ORG.). **Introdução à Economia da Saúde—Fortaleza:UECE / Expressão, 2004.**

Assistência farmacêutica para gerentes municipais. / Organizado por Nelly Marin et al. Rio de Janeiro : OPAS/OMS, 2003.

Spilker, B. (ED). **Quality and Pharmacoeconomics in Clinical Trials**. 2ª edição. Philadelphia : Lippicott-Raven, 1996.

Bertó, D.J; Beulke, R. **Gestão de Custos e Resultados na Saúde**. 2A ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2000. 280p.

Paterno, D. **Administração de Materiais no Hospital (compras, almoxarifado e farmácia)**, São Paulo: ed. Cerdas, 1990.

5. FARMACOLOGIA CLÍNICA E TERAPÊUTICA

Ementa: Otimização terapêutica e avaliação farmacoterapêutica: métodos. Utilização racional de medicamentos, seleção de tratamentos de eleição e alternativos: critérios. Farmacoterapia baseada em evidências científicas. Doenças vivenciadas em ambiente hospitalar e ambulatorial. Processos terapêuticos e fisiopatológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GOODMAN, L S; GILMAN, A. **As bases farmacológicas da terapêutica**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RANG, H P; DALE, M M; RITTER, J M. *Farmacologia*. 6^a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

BRODY, T.; WECKER, L.; MINNEMAN, K. P. *Farmacologia Humana*. 4^a ed. Rio de Janeiro, Editora Elsevier, 2006.

SILVA, Penildon. *Farmacologia*. 7^a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,, 2006.

KATZUNG, BERTRAM G. *Farmacologia Básica e Clínica*. 10^a ed Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEVAN, John A. E Colaboradores. *Fundamentos da Farmacologia*. São Paulo: Harger and Row do Brasil LTDA, 1996.

GRAEF, F G. *Drogas psicotrópicas e seu modo de ação*. 2^a. ed. São Paulo: EPVC, 1989.

MORAES, E C F; SNELWAR, B; FERNICOLA, N A G G. *Manual de toxicologia analítica*. 1^a. ed. São Paulo: Roca, 1991.

THE UNITED STATES PHARMAC, USP. *THE UNITED States Pharmacopeia: the national formulary*. 24^a. ed. USA: Rockville, 2000.

SBRAF, SBRAF. *DICIONÁRIO de especialidades farmacêuticas*. 1^a. ed. Rio de Janeiro: SBRAF, 2008.

6. ATENÇÃO FARMACÊUTICA

Ementa: Conceitos básicos de assistência e atenção farmacêutica. Importância da atividade profissional farmacêutica no processo de incremento da adesão do paciente à terapia medicamentosa. Solução e prevenção dos Resultados Negativos de Medicamentos (RNM). Automedicação responsável: uso de medicamentos não prescritos. Habilidades de Comunicação em Atenção Farmacêutica. Planejamento da Atenção Farmacêutica. Metodologias de seguimento/acompanhamento Farmacoterapêutico. Atenção Farmacêutica na atenção básica de saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Storpirtis, S. **Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

Bisson, M.P. **Farmácia Clínica & Atenção Farmacêutica**. 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2007.

Korolkovas, A. **Dicionário Terapêutico Guanabara 2011/2012**. 18ª ed. São Paulo: [Guanabara Koogan](#), 2011.

Fuchs, F. D.(Ed.);Wannmacher, L.(Ed.);FERREIRA & Cardoso, M. B.(Ed.). **Farmacologia clínica: fundamentos da terapêutica racional**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Assistência farmacêutica para gerentes municipais. / Organizado por Nelly Marin et al. Rio de Janeiro : OPAS/OMS, 2003.

Almeida, J. R. C. **Farmacêuticos em Oncologia: Uma Nova Realidade**. 2ª Ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

Bazotte, R. B. **Paciente Diabético - Cuidados Farmacêuticos**. Rio de Janeiro: Medbook, 2010.

Cury, G. C. **Epidemiologia Aplicada ao Sistema Único de Saúde / Programa de Saúde da Família**. Minas Gerais: Coopmed, 2005.

Grahame-Smith, D. G. **Tratado de farmacologia clínica e farmacoterapia**. Colaboração de J. K Aronson.Traduzido por Patrícia Lydie Voeux. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Atenção farmacêutica no Brasil: trilhando caminhos. Relatório 2001- 2002/ Adriana Mitsue, Ivama[et al.]. - Brasília: Organização

Pan-Americana da Saúde, 2002.

Dáder, [M.J.F.](#); Muñoz, P. A.; Martínez-Martínez, F. **Atenção Farmacêutica: Conceitos, Processos e Casos Práticos**. São Paulo:[RCN](#), 2010.

Rovers, [J. P.](#); [Currie, J. D.](#) **Guia Prático da Atenção Farmacêutica: Manual de Habilidades Clínicas**. São Paulo: Phamabooks, 2010.

Machuca, M.; Fernández-Llimós, F. & Faus, M. J. **Método Dáder. Guía de seguimiento fármacoterapéutico**. Espanha: Universidade de Granada, 2003.

Martí, C. M. & Torres, J. N. V. **Manual para la Atención Farmacéutica**. 3ª ed. Espanha: AFAHPE. Hospital Universitario Dr Peset, 2005.

Marques, L. A. M. M. **Atenção farmacêutica em distúrbios maiores**. São Paulo: Medfarma, 2009.

Sanseverino, M.T.V; Spritzer, D.T.; Schüler-Faccini, L. **Manual de teratogênese**. Porto Alegre:Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

Bernardi, M. M. **Exposição aos medicamentos durante o período perinatal**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

Rantucci, M. J. **Guía de consejo del farmacêutico al paciente**. Espanha: Masson - Williams & Wilkins, 1997.

Zubioli, A. (Coord.). **A farmácia clínica na farmácia comunitária**. Brasília: Ethosfarma, 2001.

7. TOXICOLOGIA

Ementa: Introdução à toxicologia; toxicocinética; toxicodinâmica; toxicologia ambiental; toxicologia ocupacional; toxicologia social; toxicologia de medicamentos; toxicologia de alimentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

SEIZI OGA. **Fundamentos de Toxicologia**. 3ª Ed, Editora Atheneu, São Paulo, 2008.

CURTIS D. KLASSEN. **Casarett and Doull's Toxicology - The Basic Science of Poisons**. 7ª Ed., Editora McGraw-Hill, Auflage, 2008.

MOREAU, R.L.M.; SIQUEIRA, M.E.P.B. **Toxicologia Analítica**. 1ª Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2008

LARINI, L. **Toxicologia**. 1ª Ed., Editora Manole, São Paulo. 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PASSAGLI, M. **Toxicologia Forense: Teoria e Prática**. 2ª Ed. Editora Millenium, São Paulo. 2009

AZEVEDO, F.A.; CHASIN, A.A.M. **As bases toxicológicas da ecotoxicologia**. 1ª Ed. Editora Rima, São Paulo. 2003.

LARINI, L. **Toxicologia dos praguicidas**. 1ª Ed. Editora Manole, São Paulo. 1999.

AZEVEDO, F.A. **Toxicologia do mercúrio**. 1ª Ed, Editora Rima, São Paulo. 2003.

8. ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Ementa: Farmácia Hospitalar e farmácia clínica (aplicação dos princípios básicos de gestão de serviços farmacêuticos, atenção farmacêutica, farmacologia clínica e terapêutica); **Central de Assistência Farmacêutica Estadual e Municipal** (aplicação dos princípios básicos de atenção farmacêutica farmacologia geral, farmacodinâmica, farmacoepidemiologia).

7º SEMESTRE

1. TECNOLOGIA FARMACÊUTICA

Ementa: Introdução à tecnologia farmacêutica. Boas práticas de fabricação e garantia da qualidade. Fluxo na Indústria Farmacêutica. Insumos farmacêuticos. Tecnologia das formas farmacêuticas sólidas: suspensões, comprimidos e comprimidos revestidos. Tecnologia das formas farmacêuticas líquidas não estéreis, formas semi-sólidas e formas farmacêuticas de liberação modificada. Tecnologia de produtos estéreis: isotonização, esterilização e salas limpas. Tecnologia de Fitoterápicos. Embalagem na indústria farmacêutica. Legislação e validação de processos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALLEN Jr., L.V.; POPOVICH, N.G.; ANSEL, H.C. *Formas Farmacêuticas e Sistemas de Liberação de Fármacos*; Tradução SENNA, E.L. et al. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

AULTON, M.E. *Delineamento de Formas Farmacêuticas*. 2ª ed. São Paulo: Artmed. 2005.

GIL, ERIC S.; BRANDÃO, ANDRÉ LUIZ A. *Excipientes: suas aplicações e controle físico-químico*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2007

HIR, A. Le. *Noções de farmácia galênica*. Traduzido por Dhália Gutemberg. 6ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Organizacao Andrei, 1997.

PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmaceutica*. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. v.2.

PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmaceutica*. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. v.1.

NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol1. 2ª ed.* California: 2009

NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 2. 2ª ed.* California: 2009

NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 3. 2ª ed.* California: 2009

NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 4. 2ª ed.* California: 2009

NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 5. 2ª ed.* California: 2009

NIAZI, Sarfaraz k. *Handbook of pharmaceutical manufacturing formulations, vol. 6. 2ª ed.* California: 2009

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BATISTUZZO, Jose Antonio de Oliveira. *Formulario medico-farmacéutico.* Colaboração de Masayuki Itaya; Yukiko Eto. São Paulo: Tecnopress, 2000.

BOYER, Mary Jo. *Calculo de dosagem e preparação de medicamentos.* 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2010

LACHMAN, L.; LIEBERMAN, H.A.; KANIG, J.L. *Teoria e Prática na Indústria Farmacêutica.* Volumes I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

VOIGT, R. *Tratado de Tecnologia Farmacêutica.* 3ª ed. Zaragoza: Acribia, 1982.

PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmacéutica.* 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. v.3.

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 1.* 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 2.* 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010

CAVALCANTI, L.C. *Incompatibilidades farmacotécnicas.* 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008

FLORENCE, A.T.; ATTWOOD, D. *Princípios Físico-Químicos em Farmácia.* 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2009.

MIGUEL, Marilis Dallarmi. *Desenvolvimento de fitoterápicos.* Colaboração de Obdulio Gomes Miguel. São Paulo: Robe, 2000.

UNITED States Pharmacopeial Convention. *The United States Pharmacopeia – USP 33 - NF 26 - The National Formulary*. Rockville: United States Pharmacopeial Convention, 2010. 3 v

SANTOS, J. S. *Nanopartículas: aplicações cosméticas e farmacêuticas*. 1ª Ed. São Paulo: Pharmabooks, 2010

2. TECNOLOGIA DE COSMÉTICOS

Ementa: Conceitos básicos em cosmética. Legislação e registro de cosméticos. Mercado cosmético. Estudo de formulações cosméticas de uso dermatológico e capilar. Permeação cutânea. Radiações UVA e UVB. Veículos e formas cosméticas. Princípios ativos faciais e corporais. Tensores, clareadores, lipolíticos, crioterápicos e termogênico. Nanotecnologia e nanoterapia. Neurocosméticos. Princípios ativos de origem natural e sintética. Principais fitocosméticos e óleos essenciais aplicados em cosmética. Dermatofármacos: Produtos cosméticos para limpeza, tonificação, hidratação. Sabonetes. Produtos cosméticos para esfoliação cutânea. Produtos cosméticos foto protetores. Produtos cosméticos para envelhecimento cutâneo. Produtos cosméticos para lipodistrofia ginóide, flacidez.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmacêutica*. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. v.2.

PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmacêutica*. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. v.3.

PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmacêutica*. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. v.1.

SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 2*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2004

SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 5*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008

SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 4*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2006

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BARATA, E. A. F. *Cosmetologia: Princípios Básicos*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress, 2000
- DRAELOS, Zoe Diana; DOVE, Jeffrey S. R; MURAD, Alam. *Cosmecêuticos*. 2ª ed. Camboriú, SC: Elsevier Editora LTDA, 2009
- GAMONAL, Aloísio. *Dermatologia farmacêutica: formulas magistrais*. 1ª ed. Juiz de Fora: A. Gamonal, 1999.
- LACHMAN, L.; LIEBERMAN, H.A.; KANIG, J.L. *Teoria e Prática na Indústria Farmacêutica*. Volumes I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- FONSECA, A. *Manual de terapeutica dermatologica e cosmetologia*. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2002
- MAGALHÃES, J. *Cosmetologia*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2000
- RIBEIRO, C. *Cosmetologia aplicada a dermoestética*. 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2010.
- SCHUELLER, R.; ROMANOWSKI, P. *Iniciação à química cosmética volume 1*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress. 2003
- SCHUELLER, R.; ROMANOWSKI, P. *Iniciação à química cosmética volume 2*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress. 2003
- SCHUELLER, R.; ROMANOWSKI, P. *Iniciação à química cosmética volume 3*. 1ª ed. São Paulo: Tecnopress. 2003
- UNITED States Pharmacopeial Convention. *The United States Pharmacopeia –USP 33 – NF 26 - The National Formulary*. Rockville: United States Pharmacopeial Convention, 2010. 3 v.
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 1*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2003
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 3*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2005
- SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Vol 6*. 1ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2010

SOUZA, V. M.; ATUNES JÚNIOR, D. *Ativos dermatológicos: guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação para médicos e farmacêuticos Edição especial*. São Paulo: Pharmabooks, 2009

3. CONTROLE FÍSICO-QUÍMICO

Ementa: Controle de qualidade físico-químico. Aspectos legais do controle de qualidade. Controle da matéria-prima, qualificação dos fornecedores e controle de Processo. Métodos físicos e físico-químicos utilizados no controle de qualidade. Métodos gerais farmacopéicos. Métodos para obtenção do teor dos fármacos. Validação de metodologia analítica. Biofarmacotécnica, equivalência farmacêutica e bioequivalência. Estabilidade de fármacos: interações com excipientes, incompatibilidades físico-químicas e prazo de validade. Controle de qualidade de fitoterápicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Gil, E. S. *Controle físico-químico de qualidade de medicamentos*. 3ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2010.

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 1*. 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Farmacopéia brasileira Vol. 2*. 5ª ed. Brasília: Editora Fiocruz, 2010

FLORENCE, A.T. *Princípios Físico químicos em Farmácia*. 2ª Ed. São Paulo: Pharmabooks, 2009

STORPIRTIS, S.; GONÇALVES, J. E.; CHIANN, C.; GAI, M. N. *Farmácia: Biofarmacotécnica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

SINKO, P.J. s.. *Martin: físico-farmácia e ciências farmacêutica*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 2*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2008

CONRADO, M.F.L. & CORDEIRO, P.P.M. *Gestão Farmacotécnica Magistral - Vol 3*. 2ª ed. Camboriú, SC: Base, 2009

- FERREIRA, A.O. *Guia Prático da Farmácia Magistral Vol. 2.* 4ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008
- AMARAL, M. P.H. *Controle de qualidade na farmácia de manipulação.* 3ª ed. Juiz de Fora: UFJF, 2009.
- GIL, ERIC S.; BRANDÃO, ANDRÉ LUIZ A. *Excipientes: suas aplicações e controle físico-químico.* 2ª ed. São Paulo: Pharmabooks, 2007
- LACHMAN, L.; LIEBERMAN, H.A.; KANIG, J.L. *Teoria e Prática na Indústria Farmacêutica.* Volumes I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmacêutica.* 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. v.2.
- PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmacêutica.* 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. v.3.
- PRISTA, L. Nogueira et al. *Tecnologia farmacêutica.* 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. v.1.
- UNITED States Pharmacopeial Convention. *The United States Pharmacopeia –USP 33– NF 26 - The National Formulary.* Rockville: United States Pharmacopeial Convention, 2010. 3 v.

4. CONTROLE BIO E MICROBIOLÓGICO

Ementa: Introdução ao controle de qualidade microbiológico quantitativo e qualitativo. Preparo e esterilização do material analítico. Avaliação microbiológica da água. Controle microbiológico de preparações não estéreis. Controle microbiológico de preparações estéreis. Testes biológicos: Pirogênio, toxicidade e irritabilidade. Determinação da endotoxina bacteriana (LAL). Análise microbiológica de saneantes. Eficácia de conservantes. Doseamento microbiológica de antibióticos. Controle ambiental.

Esterilização de material de laboratório. Introdução ao Controle de Qualidade Microbiológico Quantitativo e Qualitativo. Biossegurança. Avaliação microbiológica da água.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FARMACOPÉIA BRASILEIRA, 4ª ed. São Paulo: Atheneu. I pt, 1988.

PINTO, T de J A; KANEKO, T M; OHARA, M T. *Controle biológico de qualidade produtos farmacêuticos, correlatos e cosméticos*. 2. ed. ed. São Paulo: Atheneu, 2003.

PRISTA, Nogueira et al. *Tecnologia farmacêutica*. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian v 2, 2008.

ASSOC BRAS COSMETOLOGIA,. *Guia ABC de microbiologia: controle microbiológico na indústria de produtos de h*. 3. ed. São Paulo: Pharmabooks, 2008.

FARMACOPÉIA BRASILEIRA,. .. 4. ed. São Paulo: Atheneu. II pt., 6 fasc, 2005.

_____,. .. 4. ed. São Paulo: Atheneu. II pt., 1 fasc, 2000.

_____,. .. 4. ed. São Paulo: Atheneu. II pt., 2 fasc, 2000.

_____,. .. 4. ed. São Paulo: Atheneu. II pt., 3 fasc, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LACHMAN, Leon; LIEBERMAN, Herbert A; KANIG, Joseph L. *Teoria e prática na indústria farmacêutica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian v 1e v 2, 2001.

TORTORA, G.J., FUNKE, B.R., CASE, C.L. *Microbiologia*. 10 ed., Artmed, 2011.

PRISTA, L Nogueira; et al. *Tecnologia farmacêutica*. 6. ed. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian v 1, 2002.

BARBOSA, H R; TORRES, B B. *Microbiologia básica*. São Paulo: Atheneu, 2005.

GIL, E S. *Controle físico-químico de qualidade de medicamentos*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.

5. TECNOLOGIA DAS FERMENTAÇÕES

Ementa: Introdução aos processos fermentativos. Metabolismo microbiano e biomoléculas envolvidas. Cinética enzimática. Balanços elementares em processos biotecnológicos. Cinética dos processos biotecnológicos. Operações unitárias dos processos fermentativos. Biorreatores. Purificação de biomoléculas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

TORTORA, G.J., FUNKE, B.R., CASE, C.L. *Microbiologia*. 8 ed., Artmed, 2006.

BORZANI, W.; SCHMIDELL, W.; LIMA, U.A.; AQUARONE, E. *Biotechnology Industrial*. v. 1, Edgard Blucher, 2001.

BORZANI, W.; SCHMIDELL, W.; LIMA, U.A.; AQUARONE, E. *Biotecnologia Industrial*. v. 2, Edgard Blucher, 2001.

BORZANI, W.; SCHMIDELL, W.; LIMA, U.A.; AQUARONE, E. *Biotecnologia Industrial*. v. 3, Edgard Blucher, 2001.

BORZANI, W.; SCHMIDELL, W.; LIMA, U.A.; AQUARONE, E. *Biotecnologia Industrial*. v. 4, Edgard Blucher, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MADIGAN, M.T.; MARTINKO, J.M.; PARKER, J. *Microbiologia de Brock*. 10 ed., Prentice-Hall, 2004.

BASTOS, R.G. *Tecnologia das Fermentações*. Editora UFSCar, 2010.

OLIVEIRA, M.N. *Tecnologia de Produtos Lácteos Funcionais*. Atheneu, 2009.

BORZANI, W.; SCHMIDELL, W.; LIMA, U.A.; AQUARONE, E. *Biotecnologia Industrial*. v. 5, Edgard Blucher, 2001.

BORZANI, W.; SCHMIDELL, W.; LIMA, U.A.; AQUARONE, E. *Biotecnologia Industrial*. v. 6, Edgard Blucher, 2001.

COSTA, N.M.B. *Biotecnologia e Nutrição*. Nobel, 2003.

SHREVE, R.N.; BRINK JR, J.A. *Indústria de Processos Químicos*. 4 ed., LTC, 1997.

6. FITOTERAPIA

Ementa: Introdução a fitoterapia. Princípios Ativos Naturais. Fitoterápicos que atuam sobre o sistema nervoso central. Fitoterápicos que atuam sobre o Sistema Cardiovascular. Fitoterápicos que atuam sobre o aparelho respiratório. Fitoterápicos que atuam sobre o aparelho digestório. Fitoterápicos que atuam sobre o aparelho urinário. Ginecologia - Próstata. Tônico-estimulantes. Adaptógenos. Fitoterápicos com atividade analgésica-anti-inflamatória.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARVALHO, JCT.. *Formulário Médico-Farmacêutico de Fitoterapia*. 3ª. edição, Editora Pharmabooks, S. Paulo, 2012.

SCHILCHER, H.. *Fitoterapia na pediatria (guia para médicos e farmacêuticos)*. Editora Pharmabooks, 2005.

FERRO, D. *Fitoterapia: conceitos clínicos*. Editora Atheneu, São Paulo, 2008.

Monographs on selected medicinal plants (WHO) www.who.int

GOODMAN & GILMAN - As Bases Farmacológicas da Terapêutica. Editora Mc Graw Hill, 11ª Edição, Rio de Janeiro, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PROENÇA DA CUNHA, A. Farmacognosia e Fitoquímica. 1ª Ed. Editora CALOUSTE GULBENKIAN, Portugal, 2006.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMANN, G.; DE MELLO, J.C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. Farmacognosia: da planta ao medicamento. 7ª Ed. Editora UFSC/UFRGS, Porto Alegre, 2011.

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Farmacopéia brasileira Vol. 1 e Vol. 2. 5ª ed. Editora Fiocruz. Brasília, 2010.

CARVALHO, JCT, ALMANÇA, CCJ. Formulário de Prescrição Fitoterápica, editora Atheneu, 2003.

CARVALHO, JCT.. Fitoterápicos anti-inflamatórios (aspectos químicos, farmacológicos e aplicações terapêuticas), Editora Tecmedd, 2004.

Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira, 1ª. edição, ANVISA, Brasília, 2011.

Plantas Medicinais (Guia para profissional de saúde) – Carol A. Newall, Linda A. Anderson, J. David Phillipson, Editorial Premier, 2002.

7. DISCIPLINAS OPTATIVAS

No 7º semestre, os alunos poderão optar por uma das disciplinas descritas abaixo. No início do semestre letivo será realizada uma reunião entre a coordenação do curso e os acadêmicos do semestre em questão para que a turma faça a opção por uma das disciplinas, observando a disponibilidade de professores.

7.1. LIBRAS

Ementa: aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. A Língua de Sinais Brasileira - Libras: noções básicas de fonologia, de morfologia e de sintaxe. Estudos do léxico da Libras. Noções de variação. Praticar Libras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FELIPE, Tânia A. Libras em Contexto. Brasília: MEC/SEESP, 7ª edição, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

STRNADOVÁ, Vera. Como é Ser Surdo. Petrópolis, RJ: Babel Editora, 2000.

SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças, Porto Alegre: Mediação, 1998.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma Gramática de Línguas de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SACKS, Oliver W. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COUTINHO, Denise. LIBRAS e Língua Portuguesa: semelhanças e diferenças. João Pessoa: Arpoador, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Especial. Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília: MEC, 2005.

7.2. INFORMÁTICA BÁSICA

Ementa: Conceitos Básicos. Histórico. Hardware: Componentes do Computador. Software: Sistema Operacional. Programas Aplicativos e Utilitários (editores de texto, planilhas eletrônicas).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Brookshear, J. G. *Ciência da computação*. Bookman, 5ª ed., 1999.

Deitel, P.J.; Deitel, H.M.C. *Como programar*. Bookman, 1 ed., 2001.

Torres, G. *Redes de computadores: curso completo*. Axcel, 1 ed., 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Ferreira, R.E. *Guia do administrador de sistema*. Novatec, 1 ed., 2003.

Bonan, A.R. *Configurando e usando o sistema operacional Linux*. Futura, 1 ed., 2003.

Prata, S.C. *Primer Plus*. Sams, 4 ed., 2001.

Manzano, J.A.N.G. *OpenOffice.org: versão 1.1 em português: guia de aplicação*. Editora Érica, 1ed, 2003.

7.3. INGLÊS

Ementa: Desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita através da interpretação de textos acadêmicos e técnicos, a partir do conhecimento prévio do aluno em língua inglesa, com a utilização do suporte da língua portuguesa. Iniciação a expressão oral e terminologias na língua inglesa, relacionadas com o ambiente da Farmácia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

THOMSON, A.J & MARTINET, A.V.A. *A Practical English Grammar – New Edition*. 3rd Ed. Oxford: Oxford University Press, 1980.

AMOS, EDUARDO; PRESCHER, ELIZABETH & PASQUALIN, ERNESTO. *Challenge*. São Paulo: Moderna, 2005.

LIBERATO, Antônio Wilson. *Compact English Book*. São Paulo:FTD,1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUNHOZ, Rosângela. *Inglês Instrumental – Estratégias de Leitura, modulo I*. 3ª Ed. São Paulo: Texto Novo, 2000.

8. ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

Ementa: **Farmácia de Manipulação** (atenção farmacêutica, aplicação dos princípios básicos de tecnologia farmacêutica e de cosméticos, farmacotécnica I e II, farmacologia, farmacodinâmica, farmacologia clínica e terapêutica, controle de qualidade físico-químico); **Laboratório de Fitoterapia** (atenção farmacêutica, aplicação dos princípios básicos de produção fitoterápica). **Farmácia homeopática** (atenção farmacêutica, aplicação dos princípios básicos de homeopatia).

8º SEMESTRE

1. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Ementa: Organização e redação de uma dissertação científica. Normas científicas e técnicas de redação de monografias. Análise e redação de artigos científicos. Formas de apresentar um trabalho científico. Apresentação do tema do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, elaboração das etapas iniciais da monografia (introdução, objetivos, metodologia e referências bibliográficas) em acordo com as normas utilizadas no Curso de Farmácia- UNIFAP.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A, Fundamentos de metodologia científica

PEREIRA, MAURÍCIO GOMES, Epidemiologia: teoria e prática

SEVERINO, A.J, Metodologia do trabalho científico

MARTINS, G. A., Manual para elaboração de monografias e dissertações

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LOUREIRO, A. B. S.; CAMPOS, S. H., Guia para elaboração e apresentação de trabalhos científicos.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informações e documentação - referências - elaboração. MBR 6023

LARA, A. M. DE B. Fases para elaboração e apresentação de trabalhos científicos

2. PARASITOLOGIA CLÍNICA

Ementa: Técnicas de diagnóstico em parasitologia. Morfologia dos helmintos, patogenia, métodos específicos para o diagnóstico das diversas helmintoses, medidas profiláticas e terapêuticas. Métodos de diagnóstico, utilizados em helmintologia, para o diagnóstico diferencial dos helmintos. Morfologia dos protozoários, patogenia, epidemiologia, métodos de profilaxia e terapêutica das

protozooses. Métodos diagnósticos, utilizados em protozoologia, para o diagnóstico diferencial dos protozoários. Morfologia das principais espécies de Artrópodes de importância médica, causadoras de doenças no homem, associadas aos dados epidemiológicos e métodos de diagnóstico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DE CARLI , G.A.- Parasitologia Clínica. Seleção de Métodos e técnicas de Laboratório para o Diagnóstico das Parasitoses Humanas SP. Ed.Atheneu, 2007.

NEVES, D.P. Parasitologia Humana. 11ª Ed Atheneu S.P,427 pp 2005.

REY,L. PARASITOS E DOENÇAS PARASITÁRIAS DO HOMEM NAS AMÉRICAS E ÁFRICA. 3a Ed, Guanabara Koogan RJ ,856 pp 2001.

NEVES,D.P; NETO, J. B. B. Atlas Didático De Parasitologia.2ª ed., São Paulo, Atheneu, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VERONESI, R. Doenças Infecciosas e Parasitárias. 8ª Ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.

LEVENTHAL, R.; CHEADLE, R. Parasitologia médica: texto e atlas. São Paulo, Premier, 2000.

3. BACTERIOLOGIA CLÍNICA

Ementa: Aspectos gerais das doenças causadas por bactérias de maior interesse clínico e epidemiológico, métodos e técnicas específicas para diagnóstico; métodos de isolamento e identificação; biotecnologia; técnicas de diagnóstico laboratorial e mecanismos de ação de drogas; epidemiologia dos microrganismos de interesse clínico, ação patogênica e fundamentos do diagnóstico etiológico como base para a compreensão de sua epidemiologia, relações com as zoonoses, profilaxia e controle.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Burdel R.; CASE, Christine L. Microbiologia. 10ªed., Porto Alegre, Editora Artmed, 2011.

MURRAY, Patrick R.; ROSENTHAL, Ken S.; KOBAYASHI, George S.; PFALLER,

LEWINSON, Warren & JAWETZ, Ernest. Microbiologia Médica e Imunologia. 10ªed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BARBOSA, Heloiza R.; TORRES, Bayardo B. Microbiologia Básica. São Paulo: Ed. Atheneu, 2005.

RIBEIRO, Mariângela C.; SOARES, Maria M. S. R. Microbiologia Prática – Roteiro e Manual. São Paulo: Atheneu, 2011.

TRABULSI, Luiz R.; GOMPertz, Olga F.; ALTHERTUM, Flávio. Microbiologia. 5ª ed. São Paulo: Livraria Atheneu, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KONEMANN, Elmer W., ALLEN, Stephen D., JANDA, William M., SCHRECKENBERGER, Paul C. Diagnóstico Microbiológico Texto e Atlas Colorido. 5ªed. Rio de Janeiro: Medsi, 2001.

PELCZAR Jr., Michael J.; CHAN, E.C.S.; KRIEG, Noel R. Microbiologia Conceitos e Aplicações. Vol. 1, Vol. 2, 2ª ed. Ed. Makron - Books. São Paulo: 1997.

4. CITOLOGIA CLÍNICA

Ementa: Aparelho genital feminino. Coleta de material citológico. Identificação de células escamosas e glandulares. Processos inflamatórios cervico-vaginais. Vaginoses. Processos reparativos e metaplásticos. Doença sexualmente transmissível (DST). Critérios de malignidade. Carcinoma. Sistema Bethesda. Citologia mamária. Citologia hormonal. Líquido Cefalorraquidiano (LCR). Líquidos biológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GAMBONI, M; MIZIARA, E.F. Manual de citopatología diagnóstica., Manole, 2011.

BIBBO, M; FILHO, A.M. Lesões relacionadas à infecção por HPV no trato genital anogenital, Rio de Janeiro, Revinter, 1998.

BIBBO, M.; FILHO, M. A aspectos clínicos e laboratoriais dos derrames cavitários, Rio de Janeiro, Revinter, 2001.

NETO, J.C.S. Citologia clínica do trato genital feminino, Rio de Janeiro Revinter, 2011.

BIBBO, M.; WILBUR, D. COMPREHENSIVE CYTOPATHOLOGY, 3ªed., *Philadelphia*, Elsevier, 2008.

CARVALHO, G. Citologia do trato genital feminino, 4ªed. Rio Janeiro, Atheneu, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TAKAHASHI, M. Atlas Colorido de Citologia Geral. 2a ed. São Paulo. Manole, 2001.

GRACE T. MCKEE. Citopatologia. São Paulo, Artes, 2001.

SOLOMON, D; NAYAR, R. Sistema Bethesda para citopatologia cervicovaginal, 2ª ed., Rio de Janeiro, Revinter, 2005.

CARVALHO, G. Atlas de citologia, Rio de Janeiro, Reviter, 2004.

NETO, J.B.L. Atlas de citopatologia e histologia do colo uterino, Rio de Janeiro, MEDSI , 2000.

PIVA, S. Espermograma: Análises e Técnica., 7ªed., São Paulo, 1998.

5. BIOLOGIA MOLECULAR APLICADA AO DIAGNOSTICO LABORATORIAL

Ementa: Principais Técnicas de Biologia Molecular aplicadas ao Diagnóstico. Diagnóstico Molecular. Combinação de técnicas Citomoleculares para Diagnóstico. Diagnóstico molecular das principais infecções causadas por bactérias, vírus, parasitas e fungos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBERTS, B. et al. Fundamentos da biologia celular: uma introdução à biologia molecular da célula. Rio Grande de Sul: Artes Médicas, 2002. 757pp

ROSSETTI ML, SILVA CMD, RODRIGUES JJS. Doenças Infeciosas – Diagnóstico molecular. Editora Guanabara Koogan. 2006.

PASTERNAK, J. J. Genética Molecular Humana-Mecanismos das Doenças Hereditárias. Editora Manole.2002.

ZAHA, A. et al. Biologia Molecular Básica. 3ª ed. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.

BROWN, T. A. Clonagem Gênica e Análise de DNA. 4ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2003.

MIR, L. e colaboradores. Genômica. Editora Atheneu.2004.

WATSON, J. D., AMY A CAUDY, RICHARD M. MYERS, JAN A. WITKOWSKI. DNA Recombinante: Genes e Genomas. 3ª. Ed.Porto Alegre, Artmed. 2009.

6. HEMATOLOGIA

Ementa: Capacitação à análise hematológica no estudo da formação das células sanguíneas, principais características e funções. Estudo funcional das anomalias quantitativas e qualitativas das células sanguíneas. Hemograma: conceito, finalidade, execução e interpretação. Sistema de Coagulação. Diagnóstico laboratorial de coagulação. Grupos sanguíneos, suas principais características e provas laboratoriais para sua identificação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Maria Stella Figueiredo, Jose Kerbauy, Dayse Mari Lourenço. **Hematologia**. 1ª Ed. Editora Manole, **São Paulo**, 2010.

Hirschmann, Jan V.; Tkachuk, Douglas C. Wintrobe – Atlas colorido de hematologia. 1ª Ed. Editora Revinter, São Paulo 2010.

AURO DEL GIGLIO. Principios de Hematologia Clínica. 1ª Ed. Editora Manole, São Paulo. 2006.

Samuel Rapaport. **Hematologia – Introdução**. 2ª Ed. Editora Roca, São Paulo. 1990.

Therezinha Ferreira Lorenzi; Therezinha Verastro, Silvano Wendel Neto. Hematologia e Hemoterapia. 1ª Ed. Editora **Atheneu**, São Paulo **2002**.

Jose Eduardo C Teixeira. Diagnostico Laboratorial em Hematologia. 1ª Ed. Editora Roca, São Paulo. 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HOFFBRAND, A. VICTOR; MOSS, P. A. H; PETTIT, J. E. **Fundamentos em hematologia**. 5ª Ed. Editora Artemed, Porto Alegre. 2008.

Zago MA; Falcão RP; Pasquini, R. **Hematologia. Fundamentos e prática**. 1ª Ed. Editora Atheneu, São Paulo. 2001.

Therezinha Ferreira Lorenzi. **Atlas de Hematologia**. 1ª Ed. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2006.

HEMERSON BERTASSONI ALVES, YOSHIO HASHIMOTO, PAULO HENRIQUE DA SILVA. **Hematologia laboratorial**. 1ª Ed. Editora Revinter, São Paulo. 2009.

7. ESTÁGIO SUPERVISIONADO V

Ementa: **Farmácia de Manipulação** (atenção farmacêutica, aplicação dos princípios básicos de tecnologia farmacêutica e de cosméticos, farmacotécnica I e II, farmacologia, farmacodinâmica, farmacologia clínica e terapêutica, controle de qualidade físico-químico); **Laboratório de Fitoterapia** (aplicação dos princípios básicos de produção fitoterápica). **Farmácia homeopática** (aplicação dos princípios básicos de homeopatia).

9º SEMESTRE

1. GESTÃO E GARANTIA DA QUALIDADE NO LABORATÓRIO CLÍNICO

Ementa: Princípios e fundamentos da administração geral. Aspectos legais para a instalação de laboratórios clínicos. Aplicação dos recursos de arquitetura em análises clínicas. Recursos humanos. Planejamento do laboratório. Gestão dos recursos materiais do laboratório. Administração financeira e dos custos do laboratório. Gestão da produção. Gestão das informações do laboratório clínico. Gestão dos resíduos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MOTTA, T. V.; CORRÊA, J.A.; MOTTA, L.R. **Gestão da qualidade no laboratório clínico**. 2ªed. Caxias do Sul: Editora Médica Missau, 2001.

HARMENING, Denise M; ANDRIOLO, Adagmar. **Administração de laboratórios: princípios e processos**. 2ª Ed. São Paulo: LMP, 2009.

Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **Gestão do Trabalho na Saúde** / Conselho Nacional de Secretários de Saúde. 20ª edição. Brasília :

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

NBRISO19011 Diretrizes para auditorias de sistema de gestão da qualidade e/ou ambiental <http://qualidadeonline.files.wordpress.com/2009/12/iso19011>

NBRISO9000 Sistemas de gestão da qualidade - Fundamentos e vocabulário <http://www.abnt.org.br>

NBR ISO 9004 Sistemas de gestão da qualidade - Diretrizes para melhorias de desempenho01/12/2000.<http://www.abnt.org.br/>

NBR16001 Responsabilidade social - Sistema da gestão <http://portal.mj.gov.br/corde/arquivos/ABNT/nbr16001.pdf>

CYRINEU, T. José C. **Gestão do Conhecimento - O grande desafio empresarial.** São Paulo: Negócio Editora, 2000.

ARNOLD, W. W., PLAS, J. M. **Liderança orientada para as pessoas: o toque humano como fator de produtividade.** São Paulo: Atlas, 1999.

2. VIROLOGIA CLÍNICA

Ementa: Classificação, nomenclatura, estrutura e composição dos vírus. Principais vírus causadores de doenças. Formas de replicação viral. Mecanismos de patogenicidade viral. Medicamentos antivirais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MURRAY, P.R.; ROSENTHAL, K.S.; KOBAYASHI, O.S.; PFALLER, M.A. Microbiologia Médica. 4a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

NORMA SUELY DE OLIVEIRA SANTOS; MARIA TERESA VILLELA ROMANOS; MARCIA DUTRA WIGG. INTRODUÇÃO À VIROLOGIA HUMANA. 2ª Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2008.

ANDREJUS KOROLKOVAS. Dicionário Terapêutico Guanabara. 18ª Ed. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 2011-2012

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SANTOS, N. S. O. ; ROMANOS, M. T. V.; WIGG, M. D. Introdução à virologia humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

DAVID M. KNIPE; PETER M. HOWLEY; DIANE E. GRIFFIN. FIELDS VIROLOGY. 5ª Ed. (v.1 e v.2). Lippincott Williams & Wilkins (LWW). Philadelphia. 2007.

BRUCE A.; VOYLES B.A. BIOLOGY OF VIRUSES. 2ª Ed. McGraw-Hill Higher Education, Boston (USA). 2002.

3. HEMATOLOGIA CLÍNICA

Ementa: Estudo das principais doenças hematológicas: anemias, coagulopatias, doenças hematológicas malignas. Interpretação clínica hematológica das doenças hematológicas. Técnicas laboratoriais para a sua identificação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Hirschmann, Jan V.; Tkachuk, Douglas C. Wintrobe – Atlas colorido de hematologia. 1ª Ed. Editora Revinter, São Paulo 2010.

AURO DEL GIGLIO. Principios de Hematologia Clínica. 1ª Ed. Editora Manole, São Paulo. 2006.

HOFFBRAND, A. VICTOR; MOSS, P. A. H; PETTIT, J. E. **Fundamentos em hematologia**. 5ª Ed. Editora Artemed, Porto Alegre. 2008.

HEMERSON BERTASSONI ALVES, YOSHIO HASHIMOTO, PAULO HENRIQUE DA SILVA. **Hematologia laboratorial**. 1ª Ed. Editora Revinter, São Paulo. 2009.

Jose Eduardo C Teixeira. Diagnostico Laboratorial em Hematologia. 1ª Ed. Editora Roca, São Paulo. 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Therezinha Ferreira Lorenzi; Therezinha Verastro, Silvano Wendel Neto. Hematologia e Hemoterapia. 1ª Ed. Editora **Atheneu**, São Paulo **2002**.

Maria Stella Figueiredo, Jose Kerbauy, Dayse Mari Lourenço. **Hematologia**. 1ª Ed. Editora Manole, **São Paulo**, 2010.

Samuel Rapaport. **Hematologia – Introdução**. 2ª Ed. Editora Roca, São Paulo. 1990.

Zago MA; Falcão RP; Pasquini, R. **Hematologia. Fundamentos e prática**. 1ª Ed. Editora Atheneu, São Paulo. 2001.

Therezinha Ferreira Lorenzi. **Atlas de Hematologia**. 1ª Ed. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2006.

4. ANALISE TOXICOLOGICA

Ementa: fundamentos das análises toxicológicas; análises toxicológicas de urgências; análises forenses; monitoração biológica da exposição ocupacional; monitorização terapêutica; monitorização da farmacodependência; análise de contaminantes em alimentos; análise de contaminantes ambientais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

SEIZI OGA. **Fundamentos de Toxicologia**. 3ª Ed, Editora Atheneu, São Paulo, 2008.

CURTIS D. KLASSEN. **Casarett and Doull's Toxicology - The Basic Science of Poisons**. 7a Ed., Editora McGraw-Hill, Auflage, 2008.

MOREAU, R.L.M.; SIQUEIRA, M.E.P.B. **Toxicologia Analítica**. 1ª Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2008

LARINI, L. **Toxicologia**. 1ª Ed., Editora Manole, São Paulo. 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PASSAGLI, M. **Toxicologia Forense: Teoria e Prática**. 2ª Ed. Editora Millenium, São Paulo. 2009

AZEVEDO, F.A.; CHASIN, A.A.M. **As bases toxicológicas da ecotoxicologia**. 1ª Ed. Editora Rima, São Paulo. 2003.

LARINI, L. **Toxicologia dos praguicidas**. 1ª Ed. Editora Manole, São Paulo. 1999.

AZEVEDO, F.A. **Toxicologia do mercúrio**. 1ª Ed, Editora Rima, São Paulo. 2003.

5. IMUNOLOGIA CLÍNICA

Ementa: Normas de biossegurança. Introdução à Imunologia Clínica. Coleta e manipulação de amostras. Controle de qualidade em Imunologia Clínica. Métodos aplicados ao laboratório de análises clínicas. Reações de precipitação. Reações de aglutinação. Reações de fixação do complemento. Reações imunológicas reveladas com marcadores (reação de imunofluorescência, reação imunoenzimática, radioimunoensaio, etc.). Provas funcionais das células imunocompetentes: in vivo e in vitro. Avanços tecnológicos em Imunologia Clínica (Dot-ELISA, immunoblotting,

DELFIA, etc.). Provas imunológicas para o diagnóstico das infecções causadas por microorganismos. Provas imunológicas para avaliação de alterações do sistema imune. Doenças auto-imunes. Doenças imunoproliferativas. Alergias. Deficiências imunológicas. Tumores. Determinação da eficiência das provas imunológicas através da sensibilidade, especificidade e valores preditivos. Padronização e controle de qualidade de reagentes e de provas imunológicas utilizadas em laboratório de análises clínicas. Provas de referência e laboratórios de referência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABBAS, Abul K; LICHTMAN, Andrew H; PILLAI, Shiv. Imunologia celular e molecular. Traduzido por Alessandro dos Santos Farias. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

ROITT, Ivan. Imunologia. Colaboração de Jonathan Brostoff; David Male. Traduzido por Ida Cristina Gubert. 6. ed. São Paulo: Manole, 2003. (Biblioteca biomédica. Série imunológica).

CHAPEL, Helen et al. Imunologia para o clínico. Traduzido por Raymundo Martagao Gesteira. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

LEVINSON, Warren; JAWETZ, Ernest. Microbiologia médica e imunologia. Traduzido por Jose Procopio M Senna. 7. ed. 1ª reimpressão rev. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

ELIA, Celeste Carvalho Siqueira. Imunologia da mucosa intestinal : da bancada ao leito. Colaboração de Heitor Sffert Pereira de Souza. São Paulo: Atheneu, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOLDSBY, Richard A; KINDT, Thomas J; OSBORNE, Barbara A. Kuby imunologia. Traduzido por Solange Cristina Davino. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

GORCZYNSKI, Reginald. Imunologia clínica. Colaboração de Jacqueline Stanley. Traduzido por Carlos Henrique Cosendey. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2001.

SHARON, Jacqueline. Imunologia básica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
BALOWS, A. et al. Manual of clinical microbiology. 5. ed. Washington: DC. American Society for Microbiology. 1991.

FORTE, Wilma Neves. Imunologia básica e aplicada. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

PEAKMAN, Mark. Imunologia básica e clínica. Colaboração de Diego Vergani. Traduzido por Eiler Fritsch Toros. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

NAIRN, Roderick; HELBERT, Matthew. *Imunologia para estudantes de medicina*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

6. BIOQUÍMICA CLÍNICA

Ementa: Fotometria, Investigação laboratorial de anormalidades do metabolismo de carboidratos, lipídios, proteínas, eletrólitos e minerais. Principais métodos bioquímicos utilizados no Laboratório de Análises Clínicas com vista ao diagnóstico das diversas patologias correlacionadas com alterações nestes metabolismos. Função renal, hepática, endócrina e enzimologia clínica e os principais métodos bioquímicos utilizados no Laboratório de Análises Clínicas com vista ao diagnóstico das diversas patologias correlacionadas com alterações nestas funções orgânicas. Uroanálise.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MOTTA, V.T. **Bioquímica Clínica para o Laboratório: Princípios e interpretação**. 2ª Ed. Ed.Médica Missau. Caxias do Sul. 2000.

DEVLIN, THOMAS. **Manual de Bioquímica com correlações Clínicas**. 1ª Ed. Edgard Blucher, São Paulo. 2007.

CHAMPE, P.C.; HARVEY, R.A.; FERRIER, D.R. **Bioquímica Ilustrada**. 3ª Ed. Artmed. Porto Alegre. 2006

BERG, J.M.; TYMOCZKO, J.C., STRYER, L. **BIOQUÍMICA**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2004. 1059p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DAVID L. NELSON e MICHAEL M. COX. **Princípios de Bioquímica de LEHNINGER**. 5ª Ed. Editora Sarvier, São Paulo, 2011.

CHARLOTTE W. PRATT e KATHLEEN CORNELLY. **Bioquímica Essencial**. 1ª Ed Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 2006

HENRI, J.B. **Diagnósticos clínicos e condutas terapêuticas por exames laboratoriais**. 17ª Ed. Manole, São Paulo. 2000.

OLIVEIRA LIMA, A.; SOARES, J.B.; GALIZZI, J.; CANÇADO, R.J. **Métodos laboratoriais aplicados a Clínica: técnica e interpretação**. 8ª Ed. Guanabara Koogan. 2001.

CAMPBELL, M.K. **Bioquímica**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 752p.

VOET, D., VOET, G.P. **Bioquímica**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 1616p.

7. MICOLOGIA CLÍNICA

Ementa: Importância geral dos fungos. Biologia dos fungos patogênicos para o homem. Transmissão e patogenicidade. Micoses superficiais e profundas. Fungos oportunistas. Medicamentos antifúngicos. Colheita e conservação de material biológico para pesquisa micológica. Técnicas de identificação das micoses humanas superficiais, profundas e sistêmicas. Estudo de macro e micromorfologia dos fungos. Interpretação dos resultados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FISHER, FRANK. *Micologia: fundamentos e diagnóstico*. 1ª Ed. Editora Revinter, São Paulo, 2001.

LACAZ, CARLOS DA SILVA. *Tratado de Micologia Médica*. 9ª Ed. Editora Sarvier, São Paulo, 2002.

MINAMI, PAULO S. *Micologia*. 1ª Ed. Editora Manole, São Paulo, 2002.

HEINS-VACCARI, ELISABETH; MARTINS, JOSE EDUARDO COSTA; MELO, NATALINA TAKAHASHI DE. *Atlas de Micologia Médica*. 1ª Ed. Editora Manole, São Paulo, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMPBELL, IPHIS; FRAMIL, VALERIA MARIA DE SOUZA; MARQUES, SILVIO ALENCAR; RUIZ, LIGIA RANGEL BARBOZA. *Atlas de Micologia Médica*. 1ª Ed. Editora Medsi. Belo Horizonte, 2004.

MORAES. *Parasitologia e Micologia Humana*. 5ª Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2008.

8. ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI

Ementa: Toxicologia e Análises Toxicológicas; Análises bromatológicas e controle de qualidade de produtos.

10º SEMESTRE

1. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Ementa: Elaboração da monografia final de curso com base em projeto anteriormente elaborado, considerando as exigências teórico-metodológicas e relacionado com as respectivas linhas de pesquisa do Curso de Farmácia, sob a orientação de professor. Acompanhamento das etapas de finalização do trabalho de conclusão de curso, dentro das normas do Colegiado, sob orientação técnica de um professor.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A, Fundamentos de metodologia científica
MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**
PEREIRA, MAURÍCIO GOMES, **Epidemiologia: teoria e prática**
SEVERINO, A.J, **Metodologia do trabalho científico.**

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LOUREIRO, A. B. S.; CAMPOS, S. H. **Guia para elaboração e apresentação de trabalhos científicos.**
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informações e documentação - referências - elaboração. MBR 6023
LARA, A. M. DE B. Fases para elaboração e apresentação de trabalhos científicos

2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO VII

Ementa: Análises Clínicas: - Parasitologia clínica; Bacteriologia clínica; Citologia clínica; Hematologia clínica; Virologia clínica; Imunologia clínica; Bioquímica clínica; Micologia; Biologia Molecular Aplicada ao Diagnóstico Laboratorial; Gestão e Garantia da Qualidade no Laboratório Clínico.